

PUCRS

**ESCOLA DE HUMANIDADES - MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS E CULTURAS EM EDUCAÇÃO**

SILVÉRIO KIST

**EDUCAÇÃO DE ADULTOS MADUROS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE CONDUTORES:
UM ESTUDO DE CASO COMPARATIVO A PARTIR DOS RESULTADOS DE PROVAS
TEÓRICAS.**

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

SILVÉRIO KIST

**EDUCAÇÃO DE ADULTOS MADUROS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
CONDUTORES: UM ESTUDO DE CASO COMPARATIVO A PARTIR DOS
RESULTADOS DE PROVAS TEÓRICAS.**

Dissertação de Mestrado apresentada para o
Programa de Pós-graduação em Educação da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Edla Eggert

Porto Alegre
2018

Ficha Catalográfica

K61e Kist, Silvério

Educação de adultos maduros no processo de formação de condutores, um estudo de caso comparativo a partir dos resultados de provas teóricas / Silvério Kist . – 2018.

124 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Edla Eggert.

1. educação de Adultos. 2. formação de condutores. 3. vida adulta.
4. adultos maduros. I. Eggert, Edla. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecário responsável: Marcelo Votto Texeira CRB-10/1974

SILVÉRIO KIST

**EDUCAÇÃO DE ADULTOS MADUROS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
CONDUTORES: UM ESTUDO DE CASO COMPARATIVO A PARTIR DOS
RESULTADOS DE PROVAS TEÓRICAS.**

Dissertação de Mestrado apresentada para o
Programa de Pós-graduação em Educação da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Banca examinadora

Prof.^a. Dr^a Edla Eggert (PPGEdu/PUCRS) (Orientadora)

Prof.^a. Dr^a Miriam Pires Corrêa de Lacerda (Feevale)

Prof.^a. Dr^a Laura Cristina Vieira Pizzi (UFAL)

Dedicatória

Eu dedico essa dissertação a alguém cujo amor incondicional, encorajamento e compromisso comigo e meu sucesso continua a ser inabalável ao longo da minha vida. Você sempre acreditou na minha capacidade de alcançar grandes coisas e nunca me deixou viver no passado. Você que me dá suporte para alcançar objetivos e me ajuda a desenvolver meu conhecimento, tem paciência e amor. Você tem um grande coração e é minha grande parceira. Obrigado por estar em minha vida, Denise Machado Almeida.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha sincera gratidão a minha orientadora Edla Eggert pelo apoio contínuo do meu estudo de mestrado e pesquisa relacionada, pela sua paciência, motivação e imenso conhecimento. Sua orientação me ajudou em todo o tempo de pesquisa e redação desta dissertação. Eu não poderia ter imaginado ter uma melhor conselheira e mentora para meu estudo de mestrado.

Além da minha orientadora, gostaria de agradecer a toda minha banca de dissertação: Profa. Dra. Miriam Pires Corrêa de Lacerda e Prof. Profa. Dra. Laura Cristina Vieira Pizzi, por seus comentários perspicazes e encorajamento, mas também pela ajuda na decisão de fazer um estudo de caso comparativo que direcionou minha pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos também são para o Dr. Prof. Juan José Mouriño Mosquera e o Prof. Dr. Claus Dieter Stobaus, que me proporcionaram a oportunidade de participar de uma discussão importantíssima para meu trabalho, a da vida de adulto. Também meus sinceros agradecimentos a todos outros professores do mestrado que ajudaram a me desenvolver um pouco mais como aluno e como pessoa.

Agradeço a Rosângela Petenuzzo, querida colega e amiga que me incentivou a fazer o mestrado em Educação.

Gostaria de agradecer a todos os meus colegas de mestrado, com quem compartilhei momentos de ansiedade profunda, mas também de grande excitação, suas presenças foram muito importantes em um processo que muitas vezes nos sentimos tremendamente solitários. Aos colegas do grupo de pesquisa, minha gratidão pelos momentos que passamos juntos às terças a noite, e não posso deixar de agradecer ao Enrique Sérgio Blanco, Belmiro José da Cunda Nascimento, Aaron Concha Vasquez Hengles e ao Fábio Soares da Costa, grupo que se reuniu algumas vezes, mas está sempre conectado online, celebrando algo muito valioso para o ser humano, a amizade.

Agradeço à CAPES, por ter proporcionado as condições materiais para que eu pudesse cursar o Mestrado em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com financiamento de uma bolsa de estudos CAPES/TAXAS,

O que eu ouço, eu esqueço.
O que eu vejo, eu lembro. O
que eu faço, eu entendo.

Confúcio

RESUMO

Esta dissertação analisou como acontece a formação de alunos adultos maduros, pessoas a partir dos 40 anos. O estudo foi realizado em dois Centros de Formação de condutores onde foram constatados resultados distintos nas provas teóricas da cidade de Porto Alegre. A partir dos dados secundários do sistema do Departamento Estadual de Trânsito com a respectiva constatação dos que tem a menor e a maior razão entre os resultados das provas, analisei teorias que refletissem as melhores práticas na educação de adultos e da vida adulta, estabeleci algumas questões com base na pergunta central da pesquisa, que foi, como acontece a formação de condutores adultos maduros em centros de Formação de Condutores com resultados distintos nas provas teóricas, tendo por base teorias que versam sobre como melhor acontece a educação destes adultos. Além dos dados quantitativos analisados, realizei entrevistas nos dois centros, sendo que no CFC1 com o instrutor teórico de trânsito e a diretora de ensino e no CFC 2 com dois instrutores teóricos e uma diretora de ensino. Analisei as entrevistas comparando as afirmações dos entrevistados com as teorias de educação de adultos. Constatei que os melhores resultados com adultos maduros do CFC 1 estão diretamente relacionados com as práticas de seu instrutor que utiliza diversos aspectos relacionados à formação deste público, muito embora ele não indique a consciência teórica do porquê utiliza tais práticas. O estudo evidenciou que as ações educativas voltadas para adultos maduros ainda são pouco exploradas por parte dos Centros de Formação de Condutores e que existe a possibilidade de melhorar significativamente a formação destas pessoas, futuras condutoras, com base nas teorias já disponíveis da área da Educação, para qualificar as práticas docentes no ensino de adultos maduros, muito mais adequadas a essas pessoas.

Palavras-Chaves: Educação de Adultos, formação de condutores, vida adulta, adultos maduros.

ABSTRACT

This dissertation analyzed how the formation of mature adult students, people aged under 40 years. The study was carried out in two Driver Training Centers where different results were found in the theoretical tests of the city of Porto Alegre. Based on the secondary data from the State Department of Traffic system, with the respective finding that has the lowest and the highest ratio of test results, I analyzed theories that reflected the best practices in adult education and adult life, I established some questions based on the central question of the research, which was how the training of mature adult drivers in Driver Training centers with different results in the theoretical tests, based on theories that deal with how the education of these adults happens best. In addition to the quantitative data analyzed, I conducted interviews in both centers, in CFC1 with the theoretical traffic instructor and the teaching director and in CFC 2 with two theoretical instructors and a teaching director. I analyzed the interviews comparing the statements of the interviewees with the theories of adult education. I have found that the best results for mature adults in CFC 1 are directly related to the practices of their instructor who uses various aspects related to the training of this audience, even though it does not indicate the theoretical awareness of why they use such practices. The study showed that educational actions aimed at mature adults are still little explored by the Driver Training Centers and that there is a possibility of significantly improving the training of these people, future drivers, based on theories already available in the area of Education, to qualify teaching practices in the teaching of mature adults, much more appropriate to these people.

Key-words: Adult Education, driver Training, adult life, mature adults.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BI	Business Intelligence
BINCO	Base Índice Nacional de Condutores
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFC	Centro de Formação de Condutores
CIRETRAN	Circunscrição Regional de Trânsito
CNH	Carteira Nacional de Habilitação
DENATRAN	Departamento Nacional de Trânsito
DETRAN	Departamento Estadual de Trânsito
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

RELAÇÃO DE TABELAS

Tabela 1- Fases existenciais da vida adulta.....	29
Tabela 2 - Uma síntese de princípios da aprendizagem de adultos.....	48
Tabela 3 - Disciplinas e carga horária formação de condutores.....	50
Tabela 4 - Competências ao instrutor de trânsito.....	53
Tabela 5 - Total de provas teóricas de 2016 por faixa etária	55
Tabela 6 - Aprovação por faixa etária CFC 1 - 2016	57
Tabela 7 - Aprovação por faixa etária CFC 2 – 2016	57
Tabela 8 - Reprovação por sexo – 2016	58
Tabela 9 - Reprovação do CFC 1 por sexo e faixa etárias.....	58
Tabela 10 - Reprovação do CFC 2 por sexo e faixa etárias.....	59
Tabela 11- Síntese dos tópicos principais das entrevistas – CFC1.....	64
Tabela 12 - Síntese dos tópicos principais das entrevistas – CFC2.....	66

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição dos entrevistados	25
Figura 2 - Total de provas Teóricas - relação entre o total de candidatos e os acima de 40 anos.....	55
Figura 3 - Índice Geral das Provas.....	56
Figura 4 - Resultado das provas teóricas	59
Figura 5 - Sequência das Entrevistas.....	62
Figura 6 - Por similaridade de palavras e discurso nas entrevistas.....	66
Figura 7 - Quem mais se aproxima das características necessárias para educação de adultos.....	67

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	Apresentação do tema, questão de pesquisa e objetivos.	14
1.2	Contexto da Pesquisa	17
1.3	Metodologia.....	22
1.3.1	Escolha do Centros de Formação de Condutores para o estudo de caso comparativo.	22
1.3.2	Identificação dos Centros de Formação de Condutores.....	24
1.3.3	Busca, tabelamento, organização e análise de dados de resultados de provas 24	
1.3.4	As cinco pessoas entrevistadas e seus contextos.....	25
1.3.5	Condução das visitas e entrevistas	26
1.4	Detalhamento da organização da dissertação	26
2	A VIDA ADULTA E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS	27
2.1	A Vida Adulta	28
2.2	A vida adulta e as novas possibilidades de escolhas.....	33
2.3	Autonomia na idade adulta.....	34
2.4	A Educação de Adultos	36
2.4.1	Aprendizagem dos adultos.	38
3	OS CENTROS DE FORMAÇÃO DE CONDUTORES E OS PROCESSOS EDUCATIVOS	49
3.1	A Formação De Condutores.....	49
3.1.1	Centros de Formação de Condutores (CFCs) no processo de Formação no RS 49	
3.1.2	Quem realiza a “Instrução” de Trânsito	51
3.2	Dados do processo de formação de condutores.....	54
3.2.1	Dados quantitativos de resultado de exames teóricos.....	54
3.3	Contexto das entrevistas.....	61
3.4	Análise das entrevistas	62
3.4.1	Como acontece a formação.....	62
3.4.2	Síntese das entrevistas	62
3.4.3	Análise individual das entrevistas	68
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS.....	84
5.	ANEXOS	89

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo inicial contém a apresentação do tema, a questão de pesquisa e os objetivos da pesquisa, o contexto em que foi realizada. Apresenta ainda o que encontrei sobre esse tema nos bancos de teses e dissertações, a metodologia utilizada, e quais foram os critérios da escolha dos dois Centros de Formação de Condutores do estudo de caso comparativo. É apresentada a busca, o tabelamento, a organização e análise de dados de resultados de provas, o contexto das cinco pessoas entrevistadas e o modo como foram conduzidas as entrevistas. Finalmente, esse capítulo introdutório anuncia os capítulos seguintes.

1.1 Apresentação do tema, questão de pesquisa e objetivos.

Este estudo parte de uma curiosidade e uma inquietação. No trabalho realizado no DETRAN, mais especificamente na época em que trabalhava no setor de estatística, ao analisar os dados dos índices de aprovação de quem busca a carteira de habilitação, observei alguns pontos que chamaram a atenção, os resultados mostravam que havia diferenças entre os índices de aprovação de candidatos jovens e pessoas com mais idade, e os dados também apontavam para um aumento na quantidade de pessoas com mais de 40 anos procurando o processo de habilitação. Em 2015, quando fui para Escola Pública de Trânsito iniciei o trabalho na docência, trabalhando diretamente com a educação de adultos, foi onde pude testemunhar na prática o que os números estavam me mostrando. E isso me trouxe à reflexão sobre a minha própria vida, a fase que estava vivendo e o fato eu ter entrado justamente na faixa etária dos que possuem mais de 40 anos. Decidi, naquele momento, que a formação de pessoas a partir da minha faixa etária seria meu objeto de estudo, com um universo a ser explorado, com suas dúvidas, suas incertezas e seus desafios.

Aprendi a pensar que um professor é alguém que é responsável pelo o que os alunos devem aprender, como, quando e se eles aprenderam. Aprendi que professores devem transmitir conteúdo prescrito, controlar a forma como os alunos recebem e usam, e em seguida realizar testes para ver se eles o receberam. Este foi

o jeito que todos professores haviam feito comigo. Repliquei este modelo nos cursos em que eu era o docente, tais como Curso de Elaboração de projetos, Bicicleta na cidade, repensando o trânsito, e outros. No começo, avaliava positivamente meu desempenho, pois havia conseguido a atenção de todos, via no olhar dos alunos um tipo de satisfação em ter participado da aula, eu achava que tinha sido um bom transmissor. Sempre usei exemplos interessantes para explicar os conceitos que muitas vezes eram difíceis de entender, considerava minha aula clara e objetiva, tentava fazer as pessoas participarem, me considerava um bom professor. Comecei o curso de mestrado em educação, e meu primeiro semestre fez com que reavaliasse a maneira com que dava a aula e principalmente passei a me questionar sobre o que eu estava aprendendo com meus alunos, percebi no mestrado que tinha muito mais a aprender com os colegas do que com o conteúdo que estava sendo proposto, toda aquela certeza que tinha em passar meus conhecimentos para as pessoas gerou em mim um choque, o que eu poderia aprender com meus alunos. Desde então penso nos cursos que ministro com o propósito de iniciar pela pergunta: Por que todos estão aqui - o que você veio aprender, mas o que você pode ensinar? Começo falando das minhas expectativas em aprender com os alunos, de fazermos trocas. Percebi também o quanto é importante fazer com que eles tenham momentos de ensinar, se verem protagonistas na sala de aula. Agora, quando chega o fim do curso que estou ministrando espero ter aprendido coisas novas e espero ter me tornado um docente melhor.

Comecei esse estudo na intenção de me aprofundar também sobre o tema do envelhecimento populacional, que não é um fenômeno novo, mas me dei conta que vivemos como se nunca fossemos ficar velhos, ou melhor dizendo, vivia como se ficar velho fosse algo que demoraria muito, mas muito tempo. Neste processo entendi que somos um barco num rio correnteza a baixo sem possibilidade de voltar. Mas se o envelhecimento da população é um caminho sem volta, com suas mudanças e perspectivas, uma questão surge, será que nossa sociedade está preocupada com um futuro de idosos? Será que estamos nos preparando para viver bem, mais de 80 anos? Essa alteração na estrutura etária da população brasileira é um fato, mas não é algo que acontece, é algo que vai acontecendo, devagar, paulatinamente. Porém o que mudou? Anteriormente, as taxas de natalidade eram mais elevadas, tínhamos uma pirâmide com a sua base mais ampla e um topo mais

estrito, o que significava que o país era predominantemente jovem. Estamos mudando, nos encontramos em uma fase de transição onde a pirâmide, atualmente, é caracterizada como “adulta”, fazendo com que tenhamos questões que emergem, a partir daí surgem dúvidas sobre nossa adequação a este futuro, se estivermos preocupados com estas questões será que a sociedade, o governo e a educação estão se preparando para lidar com uma população majoritariamente acima dos 40 anos?

Dados mostram que o envelhecimento da população brasileira deverá se acentuar no futuro próximo, até 2025, deverá ser o sexto país do mundo com o maior número de pessoas idosas, segundo dados da OMS, algo que muito provavelmente aconteça mesmo, visto que este fenômeno já é conhecido nos países desenvolvidos, porém, estes países estavam melhor preparados, pois primeiro enriqueceram para depois envelhecerem. No Brasil ainda estamos resolvendo os problemas sociais do passado e, de repente, temos problemas associados a uma população que envelhece e este envelhecimento está acontecendo em meio a um turbilhão de outros desafios, aliás, que as pessoas enfrentam, e a grande maioria não está preparada para isso (sociedade, economia, saúde e gestão, por exemplo). Questões que mais estão em voga, que saltam aos olhos muito mais do que se preocupar com o envelhecimento da população, são os relacionados à previdência, saúde e economia, aspectos que de fato são importantes. Mas, e a educação e o desenvolvimento das pessoas para chegar a idades maduras? Como atingir o desenvolvimento pessoal de cidadãos que chegarão a viver a vida adulta madura e a velhice? O impacto desta mudança é amplo, os problemas, desafios e oportunidades consequentes do envelhecimento populacional vão chegar e precisam ser encarados.

Diante deste macro cenário me debruço em uma questão ainda mais próxima de minha realidade: a procura de pessoas com mais de 40 anos para serem motoristas, ou seja, na formação de condutores. Houve um aumento do número de pessoas que procuram os Centros de Formação de Condutores com mais de 40 anos (adulto médio ou maduro) na busca da carteira nacional de habilitação no estado do Rio Grande do Sul, de maneira significativo nos últimos anos, conforme dados que pude obter da estatística do DETRAN/RS, estes números passaram de 34.438 em 2010 para 77.118 em 2015, um aumento de 123,93% enquanto a procura

em geral aumentou somente 26,62%. Isso demonstra na prática que as mudanças na distribuição etária realmente estão acontecendo e que isto irá impactar muitos setores, entre eles a formação de condutores, que a priori está mais centrada na formação de jovens adultos. Surge então uma questão importante, será que os centros de formação de condutores estão preparados para formar estas pessoas?

Ao fazer uma pesquisa inicial sobre os resultados de provas, surgiu um fenômeno: a redução dos índices de pessoas que logram êxito na prova prática. Enquanto em 2010, 24% dos candidatos com mais de 40 anos passavam nas provas, agora no ano de 2017, somente 13% logra êxito. (Fonte: Detran/RS). Estas informações foram o ponto inicial deste trabalho. Refleti sobre a formação destes adultos, e pensei que seria interessante estudar sobre esse tema. Ao ingressar no mestrado em Educação a intenção de fazer esta dissertação foi a de poder contribuir na discussão sobre a inserção do adulto maduro nos processos de formação de condutores, fazer com que mais pessoas versem sobre o tema e procurem contribuir na evolução da temática com suas peculiaridades e necessidades.

Delimitei a questão norteadora tentando trazer a discussão mais próxima da minha realidade e de minhas possibilidades, assim procurei realizar a pesquisa na busca de **como acontece** a formação de condutores adultos maduros em centros de Formação de Condutores com resultados distintos nas provas teóricas, com base nas teorias que versam sobre como melhor acontece a educação destes adultos. Então, o objetivo geral foi de analisar como acontece a formação de alunos adultos maduros em dois Centros de Formação de Condutores com resultados distintos nas provas teóricas, através de questões específicas como identificar como acontece a formação de condutores em dois CFC's, com resultados distintos de reprovação de adultos maduros em relação aos adultos jovens e analisar por que o resultado dos adultos maduros difere tanto de um CFC para outro.

1.2 Contexto da Pesquisa

Por trabalhar nesta pesquisa com faixas etárias, cabe definir os termos que serão usados. Para isso usaremos uma divisão que possa ser adequada à forma e método de pesquisa que consideramos mais adequados.

Um dos autores que mais se preocupou em estudar as fases da vida é o professor Juan José Mouriño Mosquera que no seu livro de 1984 apresenta as fases da vida adulta divididas em adulez jovem, adulez média à adulez velha. Na sua distribuição etária a primeira fase adulta começa aproximadamente aos 20 anos e encerra por volta dos 40 anos, idade em que inicia a adulez média, que dura em torno de 25 anos findando por volta dos 65 anos. A partir da faixa dos 65 entramos na adulez velha e se extingue com a morte. Porém nas aulas ministradas pelo professor ele deixa claro que esta divisão foi proposta em 1984 e que o início da adulez velha está se dilatando, podendo começar com idade mais avançada nos dias atuais e mais adiante ainda no futuro, impulsionada pela melhoria da qualidade de vida e de saúde das pessoas, bem como o aumento da expectativa de vida.

Outra autora que se debruça sobre o tema da vida adulta é Helena Beatriz Finimundi Balbinotti e na sua publicação de 2007 refere-se às pessoas a partir dos 40 anos como “maduros”, indicando que a partir desta idade a juventude começa a declinar. “A última fase do desenvolvimento humano denominada de Adulto maduro, como o próprio nome refere, caracteriza-se pelo alcance de maior maturidade nos envolvimentos pessoais, sociais, profissionais” (BALBINOTTI, 2007, p. 48).

Partindo das definições destes dois autores, será usada a definição de adulez média, adulto médio ou adulto maduro para as pessoas que estão na faixa etária dos 40 aos 65 anos de idade, pois define exatamente a faixa que se pretende pesquisar. E somente por questões de escrita para não haver duas expressões que remetem ao mesmo indivíduo escolhi usar o termo adulto maduro como o que representará a pessoa entre os 40 e 65 anos.

Dentro da contextualização cabe agora, de maneira introdutória, relatar um pouco sobre a história e as peculiaridades do processo de formação de condutores, mais especificamente sobre os centros de formação de condutores que são os locais de estudo deste trabalho.

O Centro de Formação de Condutores (CFC) é o nome dado às antigas autoescolas, no Brasil, são empresas credenciadas pelos departamentos de trânsito e têm por objetivo a capacitação do cidadão para a condução de veículo automotor, mediante aulas teóricas e práticas. Neste credenciamento os CFCs ficam submetidos à legislação que versa sobre o currículo e cargas horárias mínimas

necessárias pelo candidato para submeter se a prova, existindo uma disputa econômica no que tange a quantidade de horas aula que aluno sujeita submeter se, e pagar, até que possa fazer a prova. Mas esta sujeição à legislação traz consigo certo engessamento curricular no processo de formação, é comum a discussão na mídia a respeito dos custos de “tirar a carteira”, muitas vezes o senso comum confunde a formação do condutor com valor da obtenção da carteira de motorista, pensam que estão pagando para ter a carteira de habilitação e não um processo de formação. Antes do novo código brasileiro de trânsito, 1998, o cidadão não tinha a obrigação de frequentar as autoescolas e participar de aulas sobre assuntos de trânsito, ele era submetido a uma prova teórica e uma prática que se obtivesse êxito nestas provas estaria habilitado.

Tendo essa compreensão temática fui em busca de trabalhos relacionados ao assunto, ao fazer o levantamento dos dados já pesquisados me deparei com algumas possibilidades de acesso ao tema. Delimitei a pesquisa acadêmica sobre educação de adultos e o processo de formação de pessoas condutoras no período de 2012 a 2016, pois produções atuais de conhecimento na área de Educação, principalmente de pesquisas acadêmicas, são de extrema importância para as novas pesquisas da área, pois servem de base para avaliações críticas e para propor novas possibilidades de investigação. O Estado da Arte é uma das partes imprescindíveis no trabalho científico, aborda estudos anteriormente realizados sobre o assunto pesquisado, auxiliando no desenvolvimento postulados, conceitos e paradigmas.

Descobri que alguns temas são mais consolidados como objeto de investigação, estabelecendo os principais delineamentos de pesquisa, como é o caso dos estudos sobre Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização, Formação docente, entre outros. Como meu objeto de pesquisa está contido na Educação de Jovens e Adultos, considerei o mais apropriado fazer um levantamento de pesquisas de maneira mais específica. O tema do trânsito, na sua estrutura macro possui uma quantidade de pesquisas muito grande, nesse sentido busquei pesquisas voltadas à Educação de Adultos, principalmente os adultos a partir dos 40 anos e às pesquisas voltadas aos processos de formação de quem aprende a dirigir.

Considerarei o entendimento sobre o estado do conhecimento com base em Marília Morosini (2015, p.102), que “[...] é identificação, registro, categorização que

levem à reflexão e síntese sobre uma determinada área, em um determinado espaço de tempo [...]”. Assim, realizei o estado de conhecimento das teses e dissertações produzidas sobre o educando adulto, o processo de formação de condutores e pesquisas sobre comportamento no trânsito no período entre 2012 e 2016. A busca foi feita na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Banco de Teses da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Os descritores: “educação de adultos”, “formação de condutores” data: “2012; 2016” foram definidos para a pesquisa no Banco de Teses da BDTD, CAPES, no e no IBCT. Os seguintes critérios de inclusão foram adotados para a seleção do corpus de análise: dissertações e teses produzidas na área de conhecimento Educação; formação de condutores como público-alvo da pesquisa.

A pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTC) entre os anos de 2012 a 2016 com o tema Educação de adultos trouxe 71 trabalhos sendo 53 dissertações e 18 teses, considerando que são cinco anos podemos ver que a média por ano é um pouco superior a 14. Isso demonstra que poderia haver dificuldades de encontrar estudos específicos sobre formação de adultos na habilitação.

A pesquisa por “formação de condutores”, retornou com um registro apenas com o título “Letramento no trânsito: eventos e práticas na formação de condutores de veículos” por Klébia Ribeiro Costa, publicado em 2013.

No CAPES a busca retornou com 59 artigos na pesquisa por “Educação de Adultos”, porém na busca de “formação de condutores” o retorno foi “0 Resultados para Portal de Periódicos”. Por isso tentei procurar trabalhos mais antigos sobre o tema.

Um trabalho interessante sobre tema foi realizado por Raad (2008), um estudo de caso intitulado “Ansiedade em Provas: um Estudo na obtenção da Licença para Dirigir”, com participação Claudia (nome fictício) que tinha 40 anos de idade, não tinha filhos, era formada em Pedagogia e atuava como professora efetiva do Ensino Fundamental, realizou seis avaliações para obter a CNH e foi reprovada em todas as provas práticas.

Este trabalho mostrou situações de avaliação que geram ansiedade e dentre elas está a prova prática de direção para a obtenção da licença para dirigir, demonstrando o quanto esta ansiedade pode perturbar o desempenho e impedir a obtenção da habilitação. Esse estudo demonstra a necessidade de um preparo apropriado, e que para muitas pessoas necessita de condições diferenciadas para a obtenção da licença para dirigir.

A dissertação de Costa (2013) trata de um dos aspectos importantes da formação de condutores, o letramento, pois é parte fundamental dentro do sistema de trânsito a leitura e compreensão dos sinais e indicativos no trânsito. Relata a importância da leitura para guiar veículos, descrevendo a necessidade de conhecer, por meio de artefatos de leitura, o que estabelece a legislação quanto à forma de agir no trânsito. Narra as práticas de letramento realizadas em eventos de formação de condutores de veículos, ressaltando as expectativas geradas pelos condutores a partir dessa formação. Ancora-se nos estudos de letramento, entendidos como práticas sociais que se inserem nos mais diversos domínios. Seus trabalhos de observação de eventos de letramento foram realizados em Centros de Formação de Condutores da cidade do Natal. Suas análises apontam para contribuições significativas no tocante a posicionamentos mais comprometidos dos futuros condutores com o bem-estar e segurança daqueles que utilizam as vias públicas, a partir das práticas de leitura e de escrita realizadas no decorrer da formação para o trânsito. A contribuição do trabalho está na possibilidade de ampliar as discussões acerca dos usos das práticas de linguagem no âmbito da formação para o trânsito, mais especificamente no que diz respeito à preparação de condutores de veículos. Esta abordagem, feita na dissertação, abre uma discussão importante sobre o analfabetismo funcional na a formação de condutores.

Esta pesquisa realizada sobre o tema demonstra que a educação de adultos é assunto bastante pesquisado, porém pelo que pude perceber a grande maioria das pesquisas versam sobre o processo de alfabetização. O tema trânsito e formação de condutores é pouco explorado.

1.3 Metodologia

Este estudo é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” (YIN, 2006, p.32).

A pesquisa exploratória foi escolhida por ter como objetivo proporcionar maior intimidade com o tema e os problemas pesquisados, com vistas a torná-lo mais explícito. Assim, adotei o viés descritivo, que exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. O estudo de caso foi adotado por ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, visando conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada ocorrência ou acontecimento acontece, procurando encontrar o que há nele de mais importante e peculiar, mais especificamente através da de estudo de caso comparativos, uma vez que duas instituições serão analisadas para que posteriormente sejam comparadas e contrastadas. Desta maneira as etapas da pesquisa foram:

- A escolha dos Centros de formação que serão objeto do estudo comparativo.
- Busca, organização e análise de dados de resultados de provas de ambos os centros, com detalhamento descritivo de resultados por sexo, escolaridade e idade.
- Visitas aos dois centros com participação nas aulas teóricas.
- Entrevistas com os diretores de ensino e instrutores.
- Compilação das informações, análise e busca de indicadores e evidências que possam levar a conclusões.

1.3.1 Escolha do Centros de Formação de Condutores para o estudo de caso comparativo.

Parti para o princípio do estudo de caso que foi a escolha dos locais onde foram realizados estudo. Foram escolhidos de modo a permitir a comparação entre dois CFC's (Centro de Formação de Condutores). Partiu se de uma lista de 34 CFC's na cidade de Porto Alegre e os resultados destes nas provas práticas para obtenção da carteira de habilitação no ano de 2016.

Na análise destes resultados separei os resultados por faixa etária e posteriormente em duas classes, os até 40 anos que serão chamados de adultos jovens e os com mais de 40 anos que serão chamados de adultos maduros.

Na análise dos dados de reprovação destas duas classes verifiquei que o CFC com maior índice de reprovação de adultos maduros coincide também com o maior índice de reprovação de adultos jovens, esta perspectiva linear dos resultados nos remeteria a CFC's que possuem altos e baixos índices de reprovação em ambas as classes.

Os centros escolhidos foram respectivamente os que tem a menor e maior razão¹ entre as duas classes. Chegando assim no CFC "1" cujos resultados de reprovação foram de 8% para os adultos jovens e de 13% para adultos maduros com razão 1,7 (onde para cada adulto jovem reprovado havia 1,7 adulto maduro reprovado) e CFC "2" no qual os resultados de reprovação foram respectivamente de 3% para adultos jovens e 27% para adultos maduros, razão de 7,9 (para cada adulto jovem reprovado foram reprovados praticamente 8 adultos maduros).

Os dois centros se encontram muito próximos um do outro, fazendo com que algumas das variáveis que poderiam influenciar na pesquisa pudessem ser descartadas. A primeira é o fator de renda e o outro é o da escolaridade, os dois centros possuem uma estrutura parecida, de maneira que os públicos parecem ter um nível grande de homogeneidade. Considerei que pudesse ter um o *Ceteris paribus*² na relação das variáveis econômicas entre os dois centros de formação de condutores. Esta condição é de suma importância, pois ao analisar como são realizadas as aulas, questões como a renda e a escolaridade poderiam trazer vieses muito diferentes à pesquisa e principalmente nas discussões que poderiam advir destas diferenças.

¹ **Razão** é a relação existente entre dois valores de uma mesma grandeza, expressa geralmente como "a para b", $a:b$ ou a/b , e algumas vezes representada aritmeticamente como num quociente adimensional das duas quantidades que indica explicitamente quantas vezes o primeiro número contém o segundo (não necessariamente um valor inteiro).

² **Ceteris paribus** é uma expressão do latim que pode ser traduzida por "todo o mais é constante" ou "mantidas inalteradas todas as outras coisas". A condição *ceteris paribus* é usada na economia para fazer uma análise de mercado da influência de um fator sobre outro, sem que as demais variáveis sofram alterações.

Identificação dos Centros de Formação de Condutores

A confidencialidade foi indiscutivelmente importante na pesquisa. Embora a privacidade seja facilmente assegurada com os procedimentos de consentimento adequados, a confidencialidade dos dados exige mais esforço para manter. Todas as informações reunidas neste estudo de pesquisa foram consideradas "informações que um indivíduo revelou em um relacionamento de confiança", e os participantes tiveram o direito e a garantia que não será divulgado sem sua permissão. Os dados anônimos são dados que não estão conectados a informações que podem identificar o participante individual ou da empresa pesquisada.

Assim, os CFCs foram identificados por números, como aconteceu acima, sendo que no decorrer do projeto nunca foram utilizados os nomes verdadeiros para evitar que possam ser identificados. Tomei também o cuidado de não utilizar características e localização geográfica que possam ser usados para identificar quais são os CFCs da pesquisa, respeitando seu anonimato.

1.3.2 Busca, tabelamento, organização e análise de dados de resultados de provas

Os resultados das provas foram obtidos de dados secundários - Principalmente DETRAN/RS, utilizando-se o Business Intelligence³.

O Detran utiliza sistemas informatizados nos processos de habilitação. Estes sistemas englobam o processo de inscrição, participação das aulas e provas. A partir destes sistemas é criada uma base de informações que são estruturadas em um novo sistema de extração e análise de dados chamado BI "Business intelligence", que trabalha no processo de coleta, organização, análise, compartilhamento e monitoramento de informações que oferecem suporte a gestão. Este sistema foi utilizado para fazer a análise descritiva dos resultados das provas teóricas.

³ **Inteligência de negócios** (ou Business Intelligence, em inglês) refere -se ao processo de coleta, organização, análise, compartilhamento e monitoramento de informações que oferecem suporte a gestão de negócios. É um conjunto de técnicas e ferramentas para auxiliar na transformação de dados brutos em informações significativas e uteis a fim de analisar o negócio.

1.3.3 As cinco pessoas entrevistadas e seus contextos

A partir da escolha dos CFC's identifiquei que o CFC 1 possuía somente um instrutor teórico enquanto o CFC 2 possuía 2, e os dois possuíam uma diretora de ensino cada, formando o grupo de entrevistados, no total 5 pessoas.

O instrutor do CFC 1 é o único do centro, ele é quem trabalha, exclusivamente, com a formação teórica dos candidatos nos três turnos, sendo o centro seu único trabalho. Isso faz com que os resultados dos exames teóricos sejam diretamente relacionados ao trabalho dele, isso facilitou a análise deste centro, pois pude relacionar os resultados e as práticas de maneira direta. Já no CFC 2 a aulas são realizadas com dois instrutores e eles não possuem dedicação exclusiva a instrução teórica, onde um deles exerce outra atividade, sendo a função de instrutor uma renda complementar.

As duas diretoras de ensino são funcionárias e dedicam seu tempo exclusivamente ao centro de formação, sendo o Diretor de Ensino responsável pelas atividades escolares do CFC, e a sua formação deve lhe proporcionar condições de planejar e avaliar atividades educacionais, coordenar as atividades pedagógicas, coordenar a atuação dos instrutores, participar do planejamento estratégico da instituição, interagir com a comunidade e setor público e exercer liderança demonstrando capacidade de resolver conflitos.

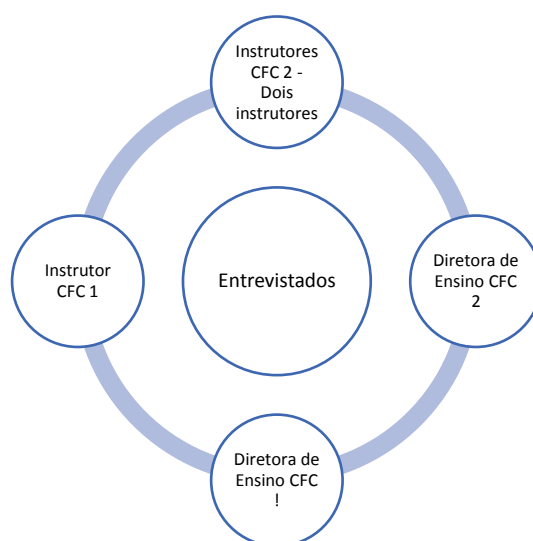


Figura 1 - Distribuição dos entrevistados
(quadro elaborado por Kist, 2017)

1.3.4 Condução das visitas e entrevistas

Nesta fase realizei visitas, entrevistas e detalhamento do ambiente interno do Centro de formação de condutores. As entrevistas foram realizadas com pessoas de dois níveis hierárquicos, Diretor de Ensino e Instrutores já descritos anteriormente, a fim de procurar compreender as diversas visões e como estas influenciam no sistema de formação.

Durante estas visitas aos CFC's houve também a participação como observador de algumas aulas teóricas, com o objetivo de verificar e identificar alguns aspectos práticos da formação teórica.

Cabe ressaltar que se fez necessário o alinhamento das questões éticas de consentimento para o aceite em participar da pesquisa, para que isso fosse possível, foram realizadas as informações que atenderam aos requisitos da resolução 510/16. Foi apresentada a carta de anuência junto ao DETRAN e aos dois CFCs, bem como o TCLE (ver anexo) para todas as pessoas que foram entrevistadas.

1.4 Detalhamento da organização da dissertação

Ainda nesse capítulo introdutório que apresentou a pergunta, os objetivos e a metodologia, os capítulos seguintes trazem o conteúdo sistematizado ao longo desses dois anos de pesquisa. No capítulo dois, 'A vida adulta e a educação de adultos', abordo a vida adulta, discuto as possibilidades de escolhas, analiso o papel da autonomia nesta fase da vida e principalmente trago a discussão e as teorias sobre a educação de adultos. No capítulo três 'Os centros de formação de condutores e os processos educativos' descrevo mais detalhadamente a realidade dos centros de formação e condutores e realizo a sistematização e análise dos dados que encontrei e produzi por meio da pesquisa documental e das entrevistas. Finalmente no quarto capítulo encontram-se minhas conclusões.

2 A VIDA ADULTA E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

A educação pode ter diversas definições, Álvaro Vieira Pinto (1993) em sua obra “Sete lições sobre educação de Adultos” menciona e considera a educação em dois significados: o restrito e o amplo. Ele descreve o significado restrito como sendo o da pedagogia clássica, convencional, sistematizada, referindo-se à educação em relação as fases infantil e juvenil da vida, já no sentido amplo, e ele o considera também o autêntico, diz respeito à existência humana em toda a sua duração e em todos os seus aspectos. Desta premissa ele afirma que derivam a justificativa lógica e sociológica do problema da educação de adultos e surge a verdadeira definição de educação: “A educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses” (PINTO, 1993, p.29).

A educação pode ser definida também como sendo o processo de socialização do indivíduo que ao receber educação, assimila e adquire conhecimentos, cabe questionar quais são os conhecimentos que ele está adquirindo, ela também envolve uma sensibilização cultural e de comportamento, sendo o processo educativo materializado numa série de habilidades e valores, que ocasionam mudanças intelectuais, emocionais e sociais no indivíduo.

Contudo, este processo pode ser de uma consciência inautêntica, ou seja, uma consciência ingênua, que tem como característica a consciência em que o sujeito não sabe ou nega sua condição na sociedade, como aponta Vieira Pinto (1993):

A consciência ingênua pode refletir sobre si, tomar-se a si mesma como objeto de sua compreensão, porém não chega a ser autoconsciência. A simples reflexão sobre si pode ser apenas introspecção, porém não se identifica com a autoconsciência, porque esta só existe quando a percepção do estado presente da consciência (por ela mesma) é acompanhada da ideia clara de todos seus determinantes, vale dizer; da totalidade da realidade objetiva que sobre ela influi (o que só ocorre com a consciência crítica). (p.60):

Existe a necessidade de romper com a consciência ingênua, para Álvaro Vieira Pinto é necessário que pensemos sobre nossa consciência e existência, e partindo desta análise da consciência somos conduzidos a uma autoconsciência. Com isso o sujeito é capaz de alcançar uma consciência crítica, consciência esta que o sujeito tem clara consciência dos fatores e das condições que determinam a sua condição na sociedade, como afirma Vieira Pinto (1993):

a consciência crítica, quando reflete sobre si (sobre seu conteúdo), torna-se verdadeiramente autoconsciência, não pelo simples fato de chegar a ser objeto para si, e sim pelo fato de perceber seu conteúdo acompanhado de representação de seus determinantes objetivos. Estes pertencem ao mundo real, matéria, histórico, social, nacional, no qual se encontra. (p. 60).

A educação de adultos deveria ter o viés da autoconsciência adquirida pela consciência crítica e precisa considerar o aspecto amplo, pois o restrito, que é a pedagogia clássica, convencional, sistematizada, pode não ser suficiente no desenvolvimento de pessoas que tem experiências, vivências, talvez precisem de contextos mais amplos e que dizem respeito à sua existência e perspectivas de futuro, considerando também as características da vida adulta.

2.1 A Vida Adulta

Considerando que as pessoas envolvidas nessa pesquisa são adultas maduras, e por isso cabe fazer algumas considerações sobre a vida adulta.

Normalmente a reflexão sobre o envelhecimento não está presente entre os jovens, pois é algo que está muito distante e que aparentemente irá acontecer naturalmente. procurei referências sobre o assunto e encontrei em Minayo que, “É complexo o tema do envelhecimento, pois complexos são todos os processos vitais experimentados desde o nascimento, a infância e a adolescência até a vida adulta” (2002, p.13), mostrando que o desenvolvimento humano inicia com o nascimento, passando por todas fases da vida adulta e Mosquera (1978) divide as fases existenciais da vida adulta em três fases descritas no quadro abaixo.

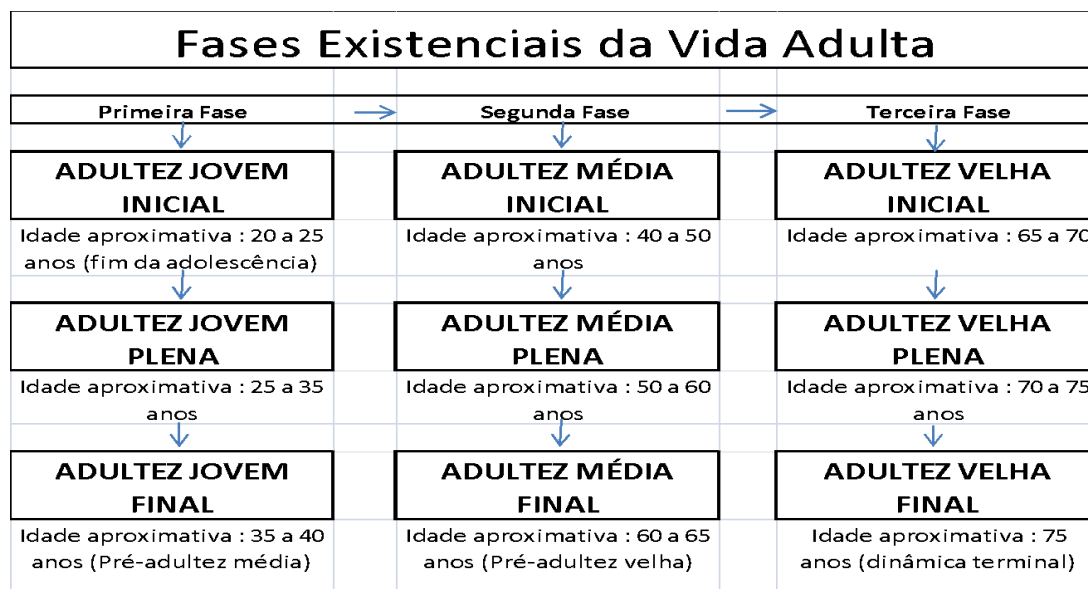


Tabela 1- Fases existenciais da vida adulta

Mosquera (1984, p.70)

Em relação a adultez média, Mosquera (1978, p.112) afirma que “parece-nos que, de certo modo, os 40 anos de idade inauguram uma nova fase que se dá com a crise existencial, sentimento de solidão e questionamento radical da própria vida”, estas incertezas, talvez, possam de alguma forma fomentar mudanças e adequações para quem está chegando nesta fase. Entender este estágio e moldar a nova realidade pode trazer novas necessidades, busca de novos conhecimentos, habilidades e atitudes que a partir deste momento serão necessários para resto da vida.

Para Mosquera (1978), no início desta fase a pessoa já alcançou muito mais do que desejava e sonha na juventude, e normalmente, passou por um processo de evolução profissional, constituiu uma família e deu-se conta que necessita de novos objetivos, diferentes dos da juventude. Ao discutir as mudanças e diferenças entre o adulto jovem e o adulto médio relata questões temporais, o jovem tem a percepção de possuir tempo ilimitado, o que o torna esbanjador desta temporalidade, enquanto o maduro tem consciência da limitação temporal na realização de seus planos e procura estabelecer linhas de atuação que garantam atingir seus objetivos dentro de prazos. Essa temporalidade faz com que os adultos maduros tenham maior preocupação com o desempenho e as consequências dos planos, projetos e atitudes, principalmente ao entrar nesta fase, Mosquera (1978) afirma:

Na década dos quarenta até os 55 anos de idade, existe a tendência de examinar, cuidadosamente, princípios e ideais pessoais, assim como considerar fundamentalmente o desempenho coerente e autenticidade que é necessária a todo indivíduo que deseja visualizar-se como algo inteiro e não fragmentado. (p.130).

Neste processo de examinar os ideais e projetar o futuro, em algumas ocasiões, adultos desta fase percebem a necessidade de buscar algumas habilidades e potencialidades que lhe possam ser necessárias. Aqui pode se cogitar a possibilidade de reserva financeira, plano de saúde e quem sabe uma carteira de habilitação.

Até agora pensamos no percurso individual de amadurecimento, contudo, o processo coletivo de envelhecimento da população traz importantes transformações na sociedade, mudanças que envolvem aspectos econômicos, sociais e políticos. No Brasil, esse processo de envelhecimento combinado com uma melhora significativa no poder aquisitivo que aconteceu no início do século XXI até meados de 2013⁴ trouxeram novas expectativas e objetivos para pessoas que há algumas décadas não tinham condições econômicas.

Temos que considerar que a vida neste século XXI é diferente e, para Bauman vivemos uma vida líquida que “é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante” (2007, p.8), esta precariedade e incerteza trazem para a sociedade uma instabilidade que a torna refém de um sistema que, de um modo geral as pessoas comuns, têm muita dificuldade de visualizar. Os tempos e os acontecimentos já não são como antigamente, as relações e o desenvolvimento não são mais lineares, hoje vivemos em tempos misturados que mais parecem borrões onde uma névoa encobre o sistema, este cada vez mais integrado e complexo.

Para Richard Sennett, existe uma mudança significativa no modo de viver e programar a vida e as carreiras, há algumas décadas as pessoas não tinham vidas flexíveis, grande parte das pessoas vivia com um grau maior de segurança, tanto em relação aos bens de consumo quanto nos projetos de vida, porém isto mudou, no “novo capitalismo” a regra é ser “flexível”, isto é, ter a capacidade de ser “adaptável

⁴ A economia brasileira passou nos últimos anos por uma brusca virada, saindo de um boom econômico para uma profunda recessão. Em 2016, a economia encolheu 3,6%. Em um passado recente, a realidade era inversa e o país registrou seu maior avanço do PIB em 20 anos em 2010, quando a economia cresceu 7,5%. Essa mudança de rota atingiu em cheio o bolso da população e fez muitos brasileiros mudarem de vida – para pior.

às circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas” (2009, p.53). A questão que surge é o quanto as pessoas que viveram décadas em sistemas mais seguros, o quanto elas têm um sistema ou um ambiente que favoreça esta transição.

Entender e analisar o envelhecimento é um ponto importante para este trabalho, porém é um tema complexo, pois ele dura toda a vida do ser humano, inicia com o nascimento, passando por todas as fases da vida adulta até a morte. Balbinotti (2012) analisa cada etapa da vida é um ciclo vital e que a pessoa tem a oportunidade de promover, aprofundar e continuar o desenvolvimento pessoal. “Isso envolve a maneira de relacionar consigo mesmo, com seus desejos e suas preferências, e com as demais pessoas” (BALBINOTTI, 2012, p. 67).

Nestes tempos atuais, as coisas não são mais feitas para durar, a juventude de hoje entende que tudo que estão fazendo, vivendo e aprendendo não irá durar, no entanto existe a necessidade de vincular as decisões de hoje com o as consequências no futuro. Para Balbinotti (2012): “Ainda que tenham de enfrentar os muitos desafios do presente, a cada dia mais, estes jovens estão sendo conscientizados de que devem se preparar com um novo pensar voltado para a etapa futura – o envelhecimento – denominada Adulto Maduro” (BALBINOTTI, 2012, p. 74).

Nestas consequências estão as decisões que a pessoa toma, que irão repercutir de maneira muito dura no futuro, “o futuro e a velhice são construídos ao longo da vida” (BALBINOTTI,2012, p. 73), pois somos frutos de nossas escolhas, porém alguns terão melhores possibilidades de escolha do que outros. Para estes as relações no trabalho, as afinidades com os outros não se processam no longo prazo, segundo Sennett (2009), em virtude de uma dinâmica de incertezas e de mudanças constantes de emprego e de moradia que impossibilitam os indivíduos de conhecer os vizinhos, fazer amigos e manter laços com a própria família. Diante das mudanças no mundo do trabalho,

Esse conflito entre família e trabalho impõe algumas questões sobre a própria experiência adulta. Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? (SENNETT, 2009, p. 27).

As pessoas no contexto atual têm que enfrentar a sociedade que está em contínua mudança, lutando contra as rotinas, Sennett considera que a sociedade procura resolver o problema da rotina com a reestruturação do tempo, com instituições mais flexíveis, criando formas alternativas de poder e controle que continuam com concentração de poder sem centralização, que aparentemente parece dar ao trabalho em equipe maior controle sob o trabalho que desenvolve, mas na verdade quem toma as decisões do que fazer e quando, ainda é o capitalista, permanecendo no processo participativo de equipe, aos trabalhadores apenas como fazer suas atividades. Assim como os jovens podem tomar decisões acertadas preocupados com o futuro se o presente é imediatista?

A professora Miriam Pires Corrêa de Lacerda (2014) quando investiga os aspectos socioeconômicos, culturais e crenças dos jovens estudantes de instituição de Ensino Superior afirma que:

O hábito de ver e de pensar o jovem como alguém que, em compasso de espera, se prepara para enfrentar o mundo adulto, passa a chocar-se com o sujeito que se entrega e desfruta a vida e que, nas pegadas que vai deixando ao longo do caminho, escancara que as verdades construídas sobre essa etapa, que abarcam a um só tempo uma enormidade de significados, remetem lamentável e paradoxalmente, a uma mesma descrição. (p.7).

Ela explica o olhar hegemônico da sociedade contemporânea, que frequentemente ignora o fato de que estamos testemunhando mudanças nos modelos e processos de entrada na vida adulta uma vez que os processos de transição são hoje, mais complexos, conseqüentemente trazendo maiores níveis de insegurança.

Isso nos remete a refletirmos o quão importante é a discussão sobre o envelhecimento e principalmente o interesse da sociedade e das pessoas sobre o assunto, não podendo negligenciar o tema, tendo a preocupação de suprir necessidades do presente, sem perder de vista o que será necessário para o futuro, Balbinotti (2007) diz:

Aos que hoje se encontram em um momento ainda jovem e àqueles que já alcançaram a maturidade, é importante não descuidar do esforço constante de pensar positivamente, sorrir todos os dias, nem que seja para si, olhar o que há de bom ao seu redor, por mais oculto que pareça” (p.28).

Estamos vivendo mais tempo do que nunca. No entanto, muitos não estão preparados para a longa vida que tem pela frente. Os brasileiros geralmente atingem

a velhice com pouca ou nenhuma educação formal sobre envelhecimento ou orientação antecipada sobre os desafios que irão passar.

2.2 A vida adulta e as novas possibilidades de escolhas

Entender que estamos em constante processo de decisão e que todo e qualquer caminho escolhido ou preterido fará diferença na vida precisa ser objeto de esclarecimento. Apesar das inseguranças e inconstâncias da vida cotidiana ter o olhar voltado para planos que tenham o mínimo de desencadeamento visando uma situação melhor no futuro necessita ser o alvo de entendimento das pessoas e da educação. Entender que as pessoas adultas podem e devem também fazer parte deste tipo de possibilidades faz parte do processo de ensino aprendizagem que tem as condições de proporcionar estas possibilidades. Para Balbinotti, os adultos hoje deverão programar o envelhecimento, para 40 ou mais anos, “O número de anos que o organismo humano está programado biologicamente a viver – pode, nas próximas décadas, chegar a ser de 115 anos” (BALBINOTTI, 2007, p. 25) e isso é um desafio e tanto.

Perceber que o processo de passagem do tempo e o envelhecimento são inevitáveis e entender a dicotomia entre o presente imediatista e o futuro programado é um desafio que quase raramente passa pela discussão familiar, das escolas e da sociedade, principalmente para aqueles que terão menos oportunidades, pessoas pouco escolarizadas, as pessoas com pouca estabilidade e acesso a renda e que são a cada dia que passa, uma massa novamente sem precedentes como há pelo menos 15 anos passados, é um desafio, principalmente para estes, que não tiveram as oportunidades nos tempos joviais e agora podem fazer escolhas que há algumas décadas não eram muito bem aceitas considerando o fator idade. “A virada de timão, portanto, consiste em tentar fazer diferente, revisando algumas noções fundamentais, como relacionadas à felicidade, de acordo com o contexto de cada um” (BALBINOTTI, 2007, p.31). Agora homens e mulheres podem aprender a dirigir, tentar novas carreiras, novos relacionamentos e muito mais, o que anteriormente não era visto com bons olhos e em alguns casos não era aceito. Senhoras e senhores com mais de 60 anos aprendem a dirigir ou a usar o computador e a internet, esses são exemplos claros desses novos tempos e

possibilidades. A possibilidade de ter e dirigir um carro pode ser algo muito significativo na vida de muitas pessoas, pode ser uma oportunidade pois com as novas possibilidades de trabalho como motoristas privados que utilizam aplicativos como Uber e Cabify podem tornar-se prestadores de serviço de transporte, algo muito difícil em outros tempos. “Entender a importância de dirigir um carro na vida das pessoas envolve compreender as significações e representações emocionais subjacentes a este ato de dirigir, principalmente na fase Adulto Maduro” (BALBINOTTI, 2012, p. 135).

Sentimentos e conquistas são fundamentais em todas as fases da vida, não poderia ser diferente na fase madura, “são muitos os sentimentos experimentados quando se conquista a habilitação como condutor de veículo, entre eles, conforto, potência e poder, além de ser um instrumento de locomoção e trabalho” (BALBINOTTI, 2012, p. 135), demonstrando quanto a busca da habilitação está relacionada à busca de autonomia.

2.3 Autonomia na idade adulta

A manutenção da autonomia pode ser uns dos fatores de preocupação das pessoas que estão iniciando ou já estão na adultez média, ingressando no rol dos adultos maduros. Balbinotti (2012) diz:

Ao valorizar o papel dos longevos na cultura a postura desse senhor (a) adulto (a) maduro (a) demonstra que é possível uma mudança de comportamento, quando a autoconfiança e autoestima estão preservadas, garantidas através do saber, sendo que este é o que confirma o seu espaço na sociedade. Proteger seu conhecimento e suas verdades é garantir a autonomia, não importando a idade, porque muitos anos de idade deve ser sinônimo de muita experiência e sabedoria. (p.87).

A autonomia, para Balbinotti (2012), na etapa de adulto maduro, está relacionada com a capacidade de pensar, e este depende de funções psicológicas com sentir prazer e felicidade, ambas relacionadas ao comprometimento com o viver. A partir disso percebe-se uma necessidade de preservar, ou ampliar, a autonomia. Quando o adulto maduro procura novos desafios ele pode estar sendo movido pela necessidade de autonomia. “Envolver-se com novos desafios é um ato de sabedoria, porque, sem perder o controle, oportuniza o prazer e a manutenção da autonomia” (BALBINOTTI, 2012, p. 89).

Existe um novo padrão de envelhecimento conhecido como “envelhecimento ativo”, que nem de longe lembra a resignação com que no passado os idosos lidavam com a aposentadoria e conduziam sua vida social, Balbinotti (2012). Este envelhecimento não se refere somente as questões física, passa também pela atividade social, fazendo com que as necessidades de locomoção interfiram diretamente nesta autonomia, “de fato, a autonomia é um conceito chave, que tem como contrapartida a sujeição. A autonomia é um dos grandes temas de reflexão e de aprendizagem feminista, porque insere as mulheres no centro das contradições pessoais e sociais” (SOLAR, 2001, p. 122).

Esta autonomia precisa estar presente também na aprendizagem, onde aprendizagem esta que difere muito do discurso que considera o aluno maduro agente passivo da aprendizagem, um reservatório de informações e um ouvinte não participante, o ensinar exige respeito à autonomia do educando. Assim, o método de aprendizagem de adultos exige alguns referenciais para que haja autonomia no processo de aprendizagem. Para Labelle (2001):

O lugar da autonomia, tal como do desenvolvimento, é, portanto, a palavra. O conceito de autonomia não é sinônimo do de independência, no sentido em que este último significaria a exclusão do outro e o individualismo. Mas esta independência no estado puro é irreal, tal como a liberdade, que é sempre sob condição. Pelo contrário, a autonomia implica a noção de individualização, a fim de serem tomadas em consideração as diferenças nos percursos de pesquisa, de aprendizagem e de educação das escolhas. (p. 108).

A autonomia necessita de habilidades para gerenciar tarefas de forma mais independente, tanto em casa quanto na comunidade, mas principalmente para dar sentido e prazer ao adulto maduro ou velho. Estas incluem: saúde pessoal e higiene, desenvolvimento pessoal e social, culinária, uso da tecnologia, transportes e comunicação. Para aqueles que são do tipo criativo e trabalhe com têxteis, explorando arte e artesanato, as habilidades de fotografia ou de jardinagem são mais suas coisas e para outros se tornar motorista habilitado.

Assim, a formação de condutores pode ser uma das habilidades de pessoas que procuram assegurar sua autonomia, “Incorporar todas as etapas do ciclo como algo possível, exige aprender sempre, cada idade conquistada, com o equilíbrio e a consciência do que o porquê a pessoa opta por determinados comportamentos” (BALBINOTTI, 2012, p.99) e a discussão em relação a autonomia da aprendizagem pode ser um dos aspectos importantes sob olhar da formação de condutores, pois

pela ótica engessada do currículo, da caracterização e a formação do instrutor de trânsito, podem ser obstáculos para o desenvolvimento do aprendente adulto, principalmente o maduro.

2.4 A Educação de Adultos

Começo por uma abordagem um pouco mais ampla e talvez para muitos óbvia, todavia, importante. A aprendizagem é uma questão relevante para a vida humana, fundamental para sua sobrevivência, o indivíduo aprende a se alimentar, andar, comunicar, aprende a elaborar planos, respeitar o meio ambiente e proteger a vida, contudo aprende também a explorar, dominar, poluir e produzir guerras. Aprende a ser íntegro, ético e moral. Aprende a ser um mentiroso, delinquente, criminoso ou infrator. Consequentemente, aprender é uma característica humana, ainda assim, não tem apenas conotação positiva e não acontece da mesma maneira para todos.

Aprendizagem é um processo contínuo que inicia com o nascimento e só finda com a morte, e precisa se adequar regularmente as necessidades das pessoas. Precisamos entender que, seja qual for a etapa ou situação em que a pessoa se encontra, ela está aprendendo e adaptando seu comportamento, sua atuação, seu desempenho, sua visão, à maneira que percebe sua vida, a sociedade e o mundo. Isso é importantíssimo no entendimento da formação de adultos maduros.

Outro aspecto relevante na educação de adultos é a necessidade de compreender a ligação da aprendizagem com o desenvolvimento, para e Danis e Solar (2001) “desenvolvimento e aprendizagem: duas palavras estreitamente interligadas, uma vez que o desenvolvimento comanda aprendizagens e as aprendizagens intervêm no desenvolvimento” (DANIS E SOLAR, 2001, p. 11). Contudo, normalmente, o desenvolvimento e a aprendizagem são mais vinculados às crianças e jovens. “O estudo da educação centralizou-se durante muito tempo na educação de jovens, o estudo da educação de adultos é bastante mais recente e as primeiras pesquisas deste século procuraram, antes de qualquer coisa, demonstrar que os adultos podiam aprender” (DANIS E SOLAR, 2001, p. 11). Para eles, o

desenvolvimento da educação de adultos como campo disciplinar tinha que romper a máxima do senso comum de que para o adulto era tarde demais para aprender.

Aprender e se desenvolver são aspectos fundamentais para vida do adulto maduro, para ele a simples exposição a informações não é suficiente, pois, tomar conhecimento de um fato é colher uma informação, registrar na memória e usar esta informação eventualmente, não representa desenvolvimento dentro de seu contexto e realidade. O aprender envolve uma ideia muito mais ampla que coleta de informação, quem aprende se modifica, e quem se modifica acaba agindo de maneira diferente. Principalmente para o adulto maduro, não existe uma aprendizagem verdadeiramente significativa sem a ação, sem o fazer, logo a aprendizagem deveria dar ao aluno a condição de fazer, verdadeiramente se possibilitando a condição do aprender.

Estas condições deveriam estar presentes nas instituições que lidam com a formação de adultos, porém, muitos dos processos de educação no Brasil ainda estão aquém da percepção desta separação entre o saber e o aprender, prevalece à ideia de professores a frente da turma informando os alunos que pode quando muito induzir estes alunos a uma informação, mas não ao efetivo aprendizado, considerando o ensino no geral, agora imagine está realidade aplicada a educação de adultos maduros. O professor deve aprender que os adultos precisam que ele lhes ajude a compreender a importância prática do assunto a ser estudado, experimentar a sensação de que cada conhecimento fará diferença e mudará efetivamente suas vidas. (DE CARVALHO, 2010, p. 81).

Diante disso torna-se contraditório o processo de ensino valer-se de métodos que às vezes estão muito distantes de obter resultados satisfatórios e que levem as pessoas a mudanças que realmente influenciam na sua vida, considerando que iremos viver muito mais anos que antigamente. Pondere este contexto na educação de adultos, onde a grande luta ainda está no processo de alfabetização ou de conclusão do ensino fundamental e médio, assim renegando um pouco a formação continuada de adultos.

Posto este breve cenário, entro mais especificamente nas questões da aprendizagem de adultos e principalmente os maduros. Adultos aprendem de maneira diferente de crianças, abordagens diferenciadas são necessárias para

ajudar os adultos a aprender, desde adquirir uma habilidade, aprender a usar uma nova tecnologia, uma tarefa diferente. É muito importante compreender o seu desenvolvimento. Para Balbinotti “entender a personalidade do adulto maduro é ter que considerar muitos aspectos, entre eles a passagem dos anos, para a maioria das pessoas, um bom aliado que acrescenta e oportuniza a evolução” (BALBINOTTI, 2012, p.19). Aprofundemo-nos, então, um pouco mais sobre a aprendizagem de adultos.

2.4.1 Aprendizagem dos adultos.

A pessoa em geral tem um pouco de dificuldade em visualizar o que é a educação de adultos e isso se reflete também nos centros de formação de condutores, quando entram no processo pensam que ter aulas teóricas é um requisito óbvio para obter a carteira, porém não percebem as nuances que existem neste aprendizado.

2.4.1.1 Princípios de aprendizagem de adultos segundo Knowles.

Malcolm Shepherd Knowles (24 de agosto de 1913 - 27 de novembro de 1997) foi um educador adulto americano, famoso pela adoção da teoria da andragogia - inicialmente um termo cunhado pelo professor alemão Alexander Kapp. Knowles é creditado como sendo uma influência fundamental no desenvolvimento da Teoria Humanista de Aprendizagem e no uso de contratos construídos pelo aluno ou planos para orientar experiências de aprendizagem.

Foi um dos pesquisadores que mais se aprofundou sobre o tema da aprendizagem de adultos, sendo o principal autor utilizado nos trabalhos e pesquisas na educação de adultos. Para ele essa educação é um processo auto direcionado, onde a pessoa regula e conduz seu aprendizado. Acreditava que os adultos precisam ser participantes ativos na sua própria aprendizagem. Knowles (1970) declarou que os adultos aprendem de forma diferente das crianças e os educadores têm seu papel como facilitadores da aprendizagem, devem utilizar os conceitos diferenciados para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Assim este autor será utilizado como base norteadora deste trabalho.

O pensamento, a investigação e escrita sobre a aprendizagem de adultos é algo consideravelmente novo, nos últimos séculos o principal sujeito da educação eram as crianças. Diz que se trata de um fato curioso, que a educação de adultos seja uma preocupação humana de longo tempo, no entanto, por muitos anos, o adulto era uma espécie negligenciada.

Talvez uma das perguntas óbvias que devemos nos fazer é por que nos preocupamos com a educação de adultos maduros? Essa é uma boa pergunta. Se nós não questionarmos a qualidade da aprendizagem dos centros de formação de condutores, talvez esta pesquisa não faria sentido. No entanto, eu me preocupo com estes resultados, quero ser um agente de mudança, um especialista no assunto, por isso considero muito sério a exploração das teorias de aprendizagem. Fazer isso irá aumentar minha compreensão de várias teorias e as chances de alcançando resultados melhores. Por que e como as pessoas os centros de formação de condutores tomam as decisões em relação a prioridades, atividades, métodos e técnicas com adultos maduros? Como posso avaliar se, ou até que ponto, esta formação está produzindo os resultados necessários? Os gerentes de ensino podem ver todas essas questões, ou tem ideia de tais necessidades? Qual teoria de aprendizagem é mais apropriada os adultos maduros? Ou todo processo de formação deve ser fiel a uma única teoria de aprendizagem? Os adultos maduros devem ter um enfoque diferenciado? Vamos então a procura de teóricos e teorias sobre formação de adultos.

Para Knowles (2005) o modelo pedagógico difere do modelo necessário para aprendizagem de adultos. O modelo pedagógico atribui se ao professor a plena responsabilidade de tomar todas as decisões sobre o que será aprendido, como será aprendido e quando será aprendido. A educação é dirigida pelo professor, deixando para o aluno apenas o papel submisso de seguir as instruções de um professor. Contrapondo a isto, os processos de educação para adultos, para serem eficazes, necessitam aliar-se a alguns princípios da aprendizagem.

Voltando seu olhar para a educação de adultos, Knowles (1970) defendeu a criação de um clima de confiança e clareza de expectativas com o aluno estabelecendo um clima de aprendizagem cooperativa. Ele identificou seis características nos adultos: Necessidade de saber, autoconceito do aprendiz, experiências, prontidão para aprender, orientação para aprendizagem e motivação.

Segundo Knowles (1970), os adultos possuem necessidades próprias e precisam saber qual a razão de aprender e o que eles ganharão no decorrer do processo de aprendizagem. Diversamente das crianças, os adultos identificam o que precisam aprender e conhecer para a sua vida. São capazes de reconhecer as próprias carências e busca isso na educação. A necessidade gera a busca pelo saber. “As pesquisas que tratam de ligação intrínseca entre desenvolvimento e aprendizagem do adulto concebem o desenvolvimento sendo uma evolução, que se desenrola ao longo da vida do adulto, em função de um contexto e de um meio de vida particulares” (DANIS, 2001, p. 59).

Assim, os adultos necessitam saber por que eles precisam aprender alguma coisa antes de compreendê-la. Os adultos que se comprometem a aprender algo por conta própria, investirão uma energia considerável em investigar os benefícios que obterão com o aprendizado e as consequências negativas de não o aprender. Conseqüentemente, a tarefa do facilitador da aprendizagem é ajudar os alunos a tomar consciência da "necessidade de saber". Outra característica importante na aprendizagem de adultos é que eles precisam responsabilizar-se pelas decisões do seu aprendizado, envolver-se nos planos e avaliações dos seus instrutores, portanto precisam ser encarados e tratados como indivíduos capazes de participar e fazer suas próprias escolhas.

Knowles (2005) entende que os adultos têm um autoconceito de serem responsáveis por suas próprias decisões, por suas próprias vidas. “Assim, só seriam válidos os processos de aprendizagem que correspondem aos objetivos e as decisões do próprio indivíduo” (DANIS, 2001, p. 42). Assim, Danis (2001) reforça o princípio do autoconceito do aprendiz, onde o aprendiz precisa ser sujeito ativo da aprendizagem. Uma vez que eles chegaram a esse autoconceito, eles desenvolvem uma profunda necessidade psicológica de ser visto pelos outros e tratados por outros como sendo capazes de auto direção. Eles se ressentem e resistem a situações em que eles sentem que os outros estão impondo suas vontades sobre eles.

Decorrente da necessidade de saber e do auto direção, as experiências tornam se muito importantes no processo de aprendizagem dos adultos, elas farão com que o aprendizado faça sentido. Experiências prévias fazem parte da concepção do adulto e justamente essas são à base do aprendizado, esta

característica influencia a forma que o aprendizado deve ocorrer. “A noção de coerência entre experiência e o sistema pessoal de crenças, de valores, de normas e de expectativas do adulto, revela-se, aqui, essencial” (DANIS, 2001, p. 33). Assim, torna se importante a utilização da experiência dos alunos adultos no seu aprendizado. “Em si mesma, a experiência de vida constituiria, assim, o principal conteúdo de toda a aprendizagem podendo favorecer o desenvolvimento do aprendiz adulto” (DANIS, 2001, p.64).

Os adultos, segundo Knowles (2005), entram em uma atividade educacional com um volume maior de experiência diferentemente dos jovens, isso decorre simplesmente do fato de terem vivido mais tempo, por óbvio, eles têm um acúmulo maior de experiência do que tinham como jovens. Mas eles também tiveram tipos diferentes de experiência entre eles. Essa diferença na quantidade e qualidade da experiência tem várias consequências para a educação de adultos. Assim como Knowles (1970), Ozuah (2005) enaltece as experiências prévias como parte da concepção do adulto e elas os diferenciam, esta característica influencia a forma que o aprendizado deve ocorrer. Pense que esta troca de experiências, em muitos casos, pode ser mais produtiva do que está se tentando fazer com que o adulto aprenda, ou que ajude de maneira significativa nesta aprendizagem.

Para Danis (2001) Aprendizagem e experiência de vida do adulto representam a chave do processo de maturação do indivíduo. “Neste sentido, a experiência de vida, aqui associada aos conhecimentos marcantes relacionados com as dimensões do trabalho ou da afetividade, pode implicar novas aprendizagens ou tornar-se ela própria fonte de aprendizagem” (DANIS, 2001, p.32).

Ela assegura que em qualquer grupo de adultos haverá uma gama mais ampla de diferenças individuais do que acontece com um grupo de jovens. Qualquer grupo de adultos será mais heterogêneo em termos de vivências, estilo de aprendizagem, motivação, necessidades, interesses e objetivos. “Todo aprendiz, jovem ou adulto, tem sua forma própria de aprender” (LABELE, 2001, p. 95).

Assim, uma maior ênfase na educação de adultos é colocada na individualização das estratégias de ensino, isso também significa que para muitos tipos de aprendizagem, os recursos mais ricos para aprender residem nos próprios aprendizes adultos. Por isso, a ênfase na educação de adultos está em técnicas que

aproveitem a experiência dos alunos, tais como discussões em grupo, exercícios de simulação, atividades de resolução de problemas, métodos de casos e métodos de laboratório, em vez de técnicas de transmissão.

Todavia a experiência possui aspectos negativos, “à medida que acumulamos a experiência, tendemos a desenvolver hábitos mentais, preconceitos e pressuposições que tendem a nos fazer fechar nossas mentes a novas ideias, novas percepções e formas alternativas de pensar” (KNOWLES, 2005, p. 66), assim existe a necessidade de utilizar a experiência e a vivência, entre eles e com o docente, fazendo trocas positivas que possam transformar e desenvolver a todos. Assim sendo, os educadores adultos necessitam descobrir maneiras de ajudar os adultos a examinar seus hábitos e preconceitos e abrir suas mentes a novas abordagens e realizar trocas. Segundo Knowles (2005), o treinamento de sensibilidade, esclarecimento de valores, meditação e escalas de dogmatismo estão entre as técnicas que são usadas para resolver este problema.

Outra característica importante a ser considerada na formação deste público é que adultos ficam mais dispostos a aprender quando o conteúdo parece ser útil em seu dia a dia, ou seja, quando o conhecimento tem a finalidade de ajudá-los a enfrentar os desafios cotidianos. Para Danis (2001) quando analisa a estruturas no conceito de aprendizagem da pessoa, sendo a primeira estrutura formada por tomada conhecimento x experimentação ativa x tomada de consciência aponta que uma “segunda estrutura, complementar, corresponde ao saber e compreender os hábitos de pensamento do indivíduo, os seus sistemas de significação, bem como os seus mecanismos de atribuição de sentido aos novos conhecimentos adquiridos” (DANIS, 2001, p. 45).

Segundo Knowles (2005) os adultos ficam prontos para aprender as coisas que precisam, e capazes de fazer e lidar efetivamente com situações da vida real. Uma fonte especialmente rica de "Prontidão para aprender" são as tarefas de desenvolvimento associadas com a mudança de um estágio de desenvolvimento. A implicação crítica desse pressuposto é a importância de sincronizar as experiências de aprendizagem para que coincidam com as tarefas. Knowles usa o exemplo de uma menina que no segundo ano do ensino médio não está pronta para aprender sobre nutrição infantil ou relações conjugais, mas se deixá-la se envolver com esses assuntos depois da formatura e ela estará muito pronta. Knowles (2005) desenvolve

a ideia que não é necessário sentar-se passivamente e esperar que a prontidão se desenvolva naturalmente. Existem maneiras de induzir a prontidão através da exposição a modelos de desempenho superior, aconselhamento de carreira, exercícios de simulação e outras técnicas.

Falemos agora de outra perspectiva significativa, os adultos aprendem melhor quando a aprendizagem é orientada para os fatos, aplicabilidade e resultados. “A terceira estrutura, também ela complementar, corresponde ao agir e compreende o conjunto das ações produzidas pelo indivíduo no seu contexto de vida imediato” (DANIS, 2001, p. 45).

Knowles (2005), em contraste com a orientação centrada na aprendizagem (pelo menos na escola), observa que os adultos são centrados na vida (ou centrados na tarefa ou centrados nos problemas) na sua orientação para a aprendizagem. Os adultos são motivados a aprender na medida em que percebem que a aprendizagem irá ajudá-los a executar tarefas ou lidar com problemas que enfrentam em suas situações de vida. Além disso, eles aprendem novos conhecimentos, entendimentos, habilidades, valores e atitudes mais efetivamente quando apresentados no contexto de aplicação a situações da vida real.

Knowles (2005) relata também que por muitos anos, os educadores procuraram reduzir o analfabetismo nos Estados Unidos, ensinando cursos de leitura, escrita e aritmética, e os resultados foram terrivelmente decepcionantes. A taxa de abandono foi alta, a motivação para estudar foi baixa, e os resultados foram pobres. Quando os pesquisadores começaram a descobrir o que estava errado. Eles descobriram rapidamente que as palavras apresentadas nas listas de vocabulário padrão nos cursos de leitura e escrita não eram as palavras que essas pessoas usavam em suas situações de vida e que os problemas matemáticos apresentados em seus cursos de aritmética não eram os problemas que tinham de ser capazes de resolver quando eles foram para uma loja, banco, ou ao mercado. Cabe aqui uma breve reflexão, estaríamos nós fazendo o mesmo que foi feito nos Estados Unidos há dezenas de anos?

A partir destes resultados foram construídos novos currículos organizados em torno de situações de vida e aquisição de habilidades de enfrentamento (por exemplo, lidar com o mundo do trabalho, do governo local e serviços comunitários,

de saúde, da família, de consumir). Knowles (2005) relata ainda que muitos dos problemas encontrados nos cursos desapareceram ou foram muito reduzidos.

Motivação, como aprender sem estar motivado? Qualquer idade precisa de motivação, porém adultos respondem distintamente quando fatores motivacionais entram em cena, como por exemplo, a satisfação, qualidade de vida, autoestima e afins. Estas características influenciam o aprendizado do adulto, sendo também norteador da aprendizagem no processo de formação de condutores adultos maduros. “Uma tal aprendizagem torna-se tomada de poder, quando se produz, no indivíduo, um conhecimento novo integrado, que o torna capaz de agir” (DANIS, 2001, p. 46).

Knowles (2005) afirma que os adultos respondem a alguns motivadores externos (melhores empregos, promoções, salários mais altos, etc.), mas os motivadores mais potentes são as pressões internas (o desejo de aumentar a satisfação no trabalho, a autoestima, a qualidade de vida, etc.). Todos adultos normais são motivados a continuar crescendo e se desenvolvendo, mas essa motivação é frequentemente bloqueada por barreiras como autoconceito negativo como aluno, inacessibilidade de oportunidades ou recursos, restrições de tempo e programas que violam princípios da aprendizagem de adultos.

2.4.1.2 Aprofundando peculiaridades, atributos e propriedades da formação de adultos.

Nos moldes do que foi apresentado por Knowles (1970), Ozuah (2005) reforça o princípio da motivação, ou seja, para que alguém consiga aprender precisa de um motivo. As pessoas em geral não realizam atividades sem um motivo. Se alguém entra no processo de formação de condutores têm um motivo. As escolhas feitas entre o que a pessoa faz ou não faz, decorre de algo concreto que são os objetivos, estes são validados pelos seus motivos. Portanto, a pessoa só estará motivada para estudar se tiver objetivos bem definidos.

Logo, para que o processo de aprendizagem tenha efetividade é preciso que o aprendiz tenha em mente os motivos pelos quais está aprendendo, pois se os motivos não forem concretos o suficiente a aprendizagem pode não ter eficácia.

Com isso é essencial para que a pessoa tenha uma boa aprendizagem e para mantê-la motivada para estudar é ter um bom objetivo. Para Danis (2001):

Finalmente, a aprendizagem torna-se libertação, quando fornece a pessoa que assumiu uma tomada de poder e uma transformação, a possibilidade de ir além dos limites que lhe eram impostos e de conduzir como o entender o conjunto do seu próprio projeto de vida. A aprendizagem assim definida torna-se como ação, como movimento de crescimento no sentido de uma consciência e de um poder individuais cada vez mais libertadores. (p. 46).

Um ambiente livre de ameaças pressupõe uma série de componentes que servem para criar um ambiente positivo. Assim, livre de perturbações ou situações negativas a aprendizagem tende a acontecer de maneira fluida e concreta. Isso de modo genérico parece uma questão evidente, porém em muitos locais de aprendizagem pode haver tumulto, desordem, distúrbios, conflitos, barulho, confusão e alvoroço, fazendo que fique complexo, intrigado e complicado a aprendizagem. Tente recordar se alguma vez você esteve em um ambiente de aprendizagem ruim, desagradável, prejudicial? Assim as instituições de ensino necessitam de um ambiente favorável e positivo.

Para Knowles (1970), em relação à finalidade das organizações:

Um dos equívocos da nossa herança cultural é a noção de que as organizações existem puramente para produzir coisas. Esta é apenas uma das suas propostas; é a sua finalidade do trabalho. Mas cada organização é também um sistema social que serve como um instrumento para ajudar as pessoas a satisfazer as necessidades humanas e alcançar objetivos humanos (p.59) Tradução de Silvério Kist⁵.

Assim compreende-se que o ambiente de sala de aula tem como objetivo a aprendizagem, porém o ambiente deve também estar em sintonia com os objetivos de quem ensina e quem busca o conhecimento.

Neste contexto, surge outro fator necessário, o ambiente. Pelo ponto de vista de bem-estar, um ambiente positivo começa com uma relação de cordialidade entre o discente e o aluno. Os cumprimentos e o entusiasmo recíproco pode ser algo muito positivo. Permitir que por um determinado período ou de maneira organizada cada aluno possa compartilhar acontecimentos e percepções criando um ambiente

⁵ Original: One of the misconceptions in our cultural heritage is the notion that organizations exist purely to get things done. This is only one of their purposes; it is their work purpose. But every organization is also a social system that serves as an instrumentality for helping people meet human needs and achieve human goals. (KNOWLES, 1970, p.59)

acolhedor, esta inclusão mostrará o quanto o grupo e o professor estão interessados e se importam sobre a aprendizagem e o bem-estar das pessoas do grupo.

Um local em que o próprio professor consegue compartilhar suas experiências atrai o aluno e melhora o ambiente, entretanto não pode ser em demasia desfavorecendo o ambiente. A pluralidade é mais um elemento significativo, pois falar sobre as diferenças pode ajudar a tornar o ambiente positivo. A diversidade está em todos os lugares e fazer com todos reconheçam as diferenças pode ajudar no aprendizado, principalmente quando os adultos médios e tardios estão em classes juntamente com os jovens.

Outro ponto relevante é a construção de atividades com os alunos trabalhando juntos, proporcionando a criação de relacionamentos uns com os outros, trabalho em pequenos grupos, em equipe com as rotinas e regras bem estabelecidas, podendo harmonizar o desenvolvimento a um ambiente coeso.

O ambiente também melhora quando há um esforço consciente para promover a confiança e autoestima entre os alunos na sala de aula, exaltar o esforço positivo e valorizar quem realmente merece, muitas vezes serve de estímulo e propicia um ambiente favorável. Quanto mais os alunos se sentem bem consigo mesmas melhor será para si, para os outros e para o ambiente.

Para muitos dos adultos, estar longe da escola, fora da sala de aula há alguns anos pode fazer o retorno a algo angustiante. Como já referido anteriormente o ambiente seguro facilitará a aprendizagem, todavia a participação no processo de aprendizagem pode cooperar também neste processo. A aprendizagem de estudantes adultos inclui oferecer momento de participação no processo, esta trará uma sensação de compromisso e pertencimento, fazendo com que o processo além de assimilado seja compreendido. A maior parte dos adultos aumentará suas expectativas e rendimento no processo de aprendizagem. “A participação genuína (em comparação com a fingida participação destinada a evitar a punição) intensifica a motivação, a flexibilidade e a taxa de aprendizado” (KNOWLES, 2005, p. 88).

Os adultos aprendem utilizando o conhecimento na prática nos processos de ensino-aprendizagem. A criação de sistemas que possam trazer a teoria para uma realidade mais próxima do cotidiano será indispensável, passa pela observação dos progressos e adequação do que foi exposta em aula a vida real. É uma atividade

importante, por vezes os alunos muitas vezes têm dificuldade de compreender o porquê e como os conteúdos estudados são utilizados na prática.

A generalização e a discriminação sugerem a importância da prática em contextos variados, de modo que a aprendizagem se torne (ou permaneça) adequada a uma gama mais ampla (ou mais restrita) de estímulos (KNOWLES, 2005, p. 74, tradução de Silvério Kist)⁶.

O cerne da aplicação prática envolve a seleção de problemas e questões relevantes, pois ao assimilar os conceitos basilares de cada tema o adulto estará no processo fixação e entendimento. Quando os aspectos praticados não tiverem uma relevância considerável corre-se o risco da desmotivação por parte do aluno adulto.

Para Knowles (2005) os adultos são motivados a aprender depois de experimentar uma necessidade em sua situação de vida. Por essa razão, o aprendizado precisa ser focalizado em problemas ou centrado em tarefas. Os adultos querem aplicar o que aprenderam o mais rápido possível. As atividades de aprendizagem devem ser claramente relevantes para as necessidades do adulto.

Podemos notar que as circunstâncias e fatores que envolvem a formação de adultos são tipicamente práticos, assim sendo, a rotina do feedback no processo de aprendizagem precisa se fazer presente, pois aperfeiçoa os resultados da aprendizagem. Ao ser adotada, cria um sentimento de acompanhamento e cria uma autorreflexão sobre o comportamento e evolução do aluno de forma crítica. Esse procedimento deve ser feito sempre com viés positivo e construtivo. O aluno precisa saber de maneira clara onde se está acima ou dentro do esperado. Caso não esteja, necessita saber clara e exatamente onde precisa melhorar. Desta forma, ele saberá mais precisamente os desafios e caminhos que precisa percorrer para atingir o objetivo esperado. Isso evitará a maquiagem dos pontos que necessitam de avanços, o docente deve apontar os fatos e aspectos da aprendizagem ou de comportamento que precisam de uma dedicação maior ou alguma conduta que esteja prejudicando o aluno.

Conforme Knowles (2005), os teóricos cognitivos enfatizam a importância de um clima psicológico de ordem, metas claramente definidas, explicação cuidadosa das expectativas e oportunidades, abertura do sistema à inspeção e questionamento

⁶ Original: Generalization and discrimination suggest the importance of practice in varied contexts, so that learning will become (or remain) appropriate to a wider (or more restricted) range of stimuli. (KNOWLES, 2005, p. 74)

e feedback honesto e objetivo. Enfatizam também que a aprendizagem pela descoberta também favorece um clima que encoraja a experimentação (teste de hipóteses) e é tolerante com os erros desde que algo seja aprendido com eles.

A tabela abaixo, criada a partir de estudos e pesquisas no campo, descreve o ambiente e os princípios ideais para a educação de adultos (OZUAH, 2005, p. 86) tradução nossa. Os adultos aprendem melhor:

1	Quando eles querem ou precisam aprender algo
2	Em um ambiente livre de ameaças
3	Quando as necessidades de aprendizagem individuais são atendidas
4	Quando sua experiência anterior é valorizada e utilizada
5	Quando há oportunidades do controle sobre o processo de aprendizagem
6	Quando há participação cognitiva e psicomotora ativa no processo
7	Quando o tempo fornecido é suficiente para assimilação de novas afirmações
8	Quando há uma oportunidade de praticar e aplicar o que aprenderam
9	Quando há um foco em problemas relevantes e aplicações práticas dos conceitos
10	Quando há um feedback sobre o progresso de seus objetivos

Tabela 2 - Uma síntese de princípios da aprendizagem de adultos.⁷

A volta a aprendizagem de uma quantidade significativa de adultos maduros pode parecer assustador para muitos que fazem parte do sistema de formação de condutores, outros nem mesmo percebem este fenômeno pois aprender é aprender, não é? Como a educação de adultos é diferente.

⁷ Original : Adults learn best: • When they want or need to learn something • In a non-threatening environment • When their individual learning style needs are met • When their previous experience is valued and utilized • When there are opportunities for them to have control over the learning process • When there is active cognitive and psychomotor participation in the process • When sufficient time is provided for assimilation of new information • When there is an opportunity to practice and apply what they have learned • When there is a focus on relevant problems and practical applications of concepts • When there is feedback to assess progress towards their goals. . (OZUAH, 2005, p. 86)

3 OS CENTROS DE FORMAÇÃO DE CONDUTORES E OS PROCESSOS EDUCATIVOS

3.1 A Formação De Condutores

Cabe descrever um pouco sobre o a formação de condutores, pois o objeto deste estudo está relacionado diretamente aos resultados deste processo em nível estadual, a legislação em relação ao trânsito e conseqüentemente no processo de formação é de nível federal, isso significa que o sistema tem um nível significativo de interferência legislativa, contudo a gestão do sistema de credenciamento, fiscalização e aplicação das provas fica a cargo do órgão Estadual de trânsito.

3.1.1 Centros de Formação de Condutores (CFCs) no processo de Formação no RS

Os CFC's foram criados pela Resolução do CONTRAN nº 33 de 1998, que define "Centro de Formação de Condutores a entidade pública ou privada, devidamente certificada pelo Organismo de Qualificação de Trânsito, com registro e licença de funcionamento expedida pelos Órgãos de Trânsito dos Estados ou do Distrito Federal, possuindo administração própria e corpo técnico de instrutores, com competência e integridade, para a capacitação teórico/prática de condutores de veículos automotores". No Estado do Rio Grande do Sul os CFC's foram credenciados a partir das antigas autoescolas que já realizavam este tipo de formação para pessoas que estivessem dispostas a pagar pelo aprendizado, isso fez com que esse processo de credenciamento transcorresse de maneira bastante ágil.

Antes de 1998 as autoescolas ofereciam o serviço de aprendizagem teórico/prático, porém caráter compulsório, podendo o candidato estudar por conta própria o conteúdo teórico e aprender a dirigir com outras pessoas habilitadas, quase sempre com familiares e pessoas próximas, que de uma forma ou outra ensinavam a habilidade de dominar o veículo. Cabendo às delegacias de Polícia Civil realizar as provas.

A partir do novo CTB (Código Brasileiro de Trânsito) o DETRAN/RS passou credenciar os CFC's e cuidar do sistema de exames teóricos e de direção. A

publicação da resolução 168/04 CONTRAN regulamentou o processo de formação dos condutores, o curso teórico possui uma carga horária de 30 horas/aulas, porém esta norma foi alterada a partir de 1º de janeiro de 2009 com resolução 285/08 CONTRAN estipulando uma carga horária de 45 horas/aulas distribuídos em 5 disciplinas que são:

Módulos	Carga Horária	
1. Legislação	18	Horas/Aula
2. Direção defensiva	16	Horas/Aula
3. Primeiros socorros	4	Horas/Aula
4. Noções de proteção e respeito ao Meio ambiente e de convívio Social no trânsito.	4	Horas/Aula
5. Noções sobre o funcionamento do veículo de duas ou mais rodas.	3	Horas/Aula
Total	45	Horas/Aula

Tabela 3 - Disciplinas e carga horária formação de condutores

As aulas práticas passaram de 20 para 25 horas/aula para primeira habilitação para veículos quatro rodas.

O aluno inicia o processo com aulas teóricas, com a aprovação nesta prova o candidato está liberado para iniciar as aulas práticas, e finalmente após as horas obrigatórias e sentindo-se preparado é feita a prova prática.

Uma das questões que há muito vem sendo discutida no DETRAN, principalmente no departamento de educação e no departamento de habilitação, é o papel pedagógico dos CFCs. Este demonstra uma predisposição para sistemas de aprendizagem voltados para o objetivo primordial de aprovação no exame de obtenção da CNH. Esta propensão distância a aprendizagem da formação de partícipes que tenham uma capacidade de discernimento e condutas que possam melhorar as relações no trânsito.

A legislação com 40% e a direção defensiva 35% ocupam 75% do curso de formação de condutores, quem já passou pelo processo ou quem já assistiu a uma

aula de legislação sabe que é extremamente entediante. Formar condutores a partir da legislação pode ser um erro primário, pois o objetivo principal é formar condutores e não peritos em legislação. As regras, infrações, multas e penalizações deveriam ser esclarecidas após a formação como informação para quem não seguiu os ensinamentos adquiridos no curso e não o tema principal da formação. Direção segura deveria ser tema transversal de toda a matéria e não uma cadeira específica que ocupa 35% do curso. O que deveria ser aprofundado? Sinais e marcações rodoviárias, a compreensão do veículo e seus controles, as habilidades básicas de condução, as regras e condutas da estrada, tomada de decisões seguras de condução, compartilhamento da estrada, as leis naturais que afetam a condução, as diferenças dos ambientes de condução, efeitos mentais e físicos na condução, os perigos do álcool e das drogas na condução, consequências da condução insegura e má tomada de decisão e como lidar com as emergências e avarias na estrada. Considera que estes tópicos seriam muito mais facilmente entendidos pelos alunos do que legislação, direção defensiva, meio ambiente e noção de funcionamento do veículo. Fiz o curso de instrutor e examinador de trânsito em 2011 e lhe garanto que a distribuição das disciplinas e principalmente o enfoque dado legislação são uns dos grandes problemas neste processo, e com certeza o foco é na formação de jovens com 18 a 25 anos.

Este sistema, da maneira como que está estruturado, pode, algumas vezes, acabar fragilizar alguns candidatos no processo, podem existir problemas na inserção de adultos com mais de 40 anos neste tipo de perspectiva, questão que através da pesquisa procurei descobrir.

3.1.2 Quem realiza a “Instrução” de Trânsito

O instrutor é parte importantíssima do processo de formação e educação de condutores. A sua atuação, formação e resultados são objeto deste estudo, assim, cabe descrever um pouco a criação da profissão e como a legislação regulamenta suas atividades.

A profissão de instrutor de trânsito foi regulamentada pela lei Federal 12.302/10. Nela estão listadas as suas atribuições e responsabilidades, incumbindo

o instrutor de trânsito como profissional responsável pela formação de condutores no Brasil. Apesar de ocuparem papel central na formação de condutores, pouco tem se pesquisado sobre os instrutores e a formação das pessoas para atuação no trânsito. Assim, a presente pesquisa propôs-se a investigar e refletir sobre a formação no trânsito, levando em consideração uma série de aspectos, dentre deles a formação, participação e responsabilidades do instrutor de trânsito nesse processo de aprendizagem. Para melhor entender o papel do instrutor vamos analisar alguns aspectos da lei que regulamenta a profissão.

A lei 12.302/10 cria e regulamenta o exercício da profissão de instrutor de trânsito e no artigo 2º o considera responsável pela formação dos condutores de veículos automotores e elétricos com registro no país. Em seguida lista suas competências. Art. 3º Compete ao instrutor de trânsito, conforme tabela abaixo:

I - Instruir os alunos acerca dos conhecimentos teóricos e das habilidades necessárias à obtenção, alteração, renovação da permissão para dirigir e da autorização para conduzir ciclomotores;
II - Ministrando cursos de especialização e similares definidos em resoluções do Conselho Nacional de Trânsito - CONTRAN;
III - Respeitar os horários preestabelecidos para as aulas e exames;
IV - Frequentar os cursos de aperfeiçoamento ou de reciclagem promovidos pelos órgãos executivos de trânsito dos Estados ou do Distrito Federal;
V - Orientar o aluno com segurança na aprendizagem de direção veicular.
Parágrafo único. Nas aulas práticas de direção veicular, o instrutor de trânsito somente poderá instruir candidatos à habilitação para a categoria igual ou inferior àquela em que esteja habilitado.
Art. 4º São requisitos para o exercício da atividade de instrutor de trânsito:
I - Ter, no mínimo, 21 (vinte e um) anos de idade;
II - Ter, pelo menos, 2 (dois) anos de efetiva habilitação legal para a condução de veículo e, no mínimo, 1 (um) ano na categoria D;
III - não ter cometido nenhuma infração de trânsito de natureza gravíssima nos últimos 60 (sessenta) dias;
IV - Ter concluído o ensino médio;
V - Possuir certificado de curso específico realizado pelo órgão executivo de

trânsito;
VI - Não ter sofrido penalidade de cassação da Carteira Nacional de Habilitação - CNH;
VII - ter participado de curso de direção defensiva e primeiros socorros.
Parágrafo único. É assegurado o direito ao exercício da profissão aos instrutores de trânsito que já estejam credenciados nos órgãos executivos de trânsito estaduais e do Distrito Federal na data de entrada em vigor desta Lei.
Art. 5o São deveres do instrutor de trânsito:
I - Desempenhar com zelo e presteza as atividades de seu cargo;
II - Portar, sempre, o crachá ou carteira de identificação profissional.
Parágrafo único. O crachá de que trata o inciso II do caput deste artigo será fornecido pelo órgão executivo de trânsito estadual ou do Distrito Federal.
Art. 6o É vedado ao instrutor de trânsito:
I - Realizar propaganda contrária à ética profissional;
II - Obstar ou dificultar a fiscalização do órgão executivo de trânsito estadual ou do Distrito Federal.
Art. 7o São direitos do instrutor de trânsito:
I - Exercer com liberdade suas prerrogativas;
II - Não ser punido sem prévia sindicância, sendo-lhe assegurado amplo direito de defesa;
III - denunciar às autoridades competentes, na forma cabível à espécie, o exercício ilegal da atividade;
IV - Representar, perante as autoridades superiores, contra servidores públicos que, no desempenho dos cargos ou funções, praticarem atos que excedam seus deveres decorrentes da inobservância de dispositivos desta Lei;
V - Apresentar às autoridades responsáveis pela instituição de normas e atos legais relativos a serviços e atribuições dos instrutores de trânsito sugestões, pareceres, opiniões e críticas que visem à simplificação e ao aperfeiçoamento do sistema de trânsito.
Art. 8o As penalidades aplicadas aos instrutores de trânsito obedecerão aos ditames previstos na Lei no 9.503, de 23 de setembro de 1997 - Código de Trânsito Brasileiro.

Tabela 4 - Competências ao instrutor de trânsito

Essa descrição detalhada demonstra que a profissão de instrutor de trânsito possui uma regulamentação bastante específica no Brasil.

Pesquisei por cursos especializados para formação de motoristas especializados seniores mundo afora, encontrei muitos e em muitos países como Estados Unidos, Inglaterra, Austrália e Japão, verifiquei o quanto países que já enfrentam o processo de envelhecimento da população há mais tempo, possuem centros especializados na formação destes. Aqui no Brasil, esta busca não encontrou nenhuma empresa, escola ou site especializado, demonstrando que esta formação ainda está voltada muito mais para os jovens.

3.2 Dados do processo de formação de condutores

“A análise de dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas, testar ou, do contrário, recombinar as evidências quantitativas e qualitativas para tratar as proposições iniciais de um estudo” (YIN, 2006, p.137). Assim propus uma interação de análises que serão cruzadas pelos dados, pela estatística descritiva e as entrevistas, se necessário, a partir deste poder fazer análises que possam ser consistentes.

3.2.1 Dados quantitativos de resultado de exames teóricos.

Busquei informações sobre os resultados de provas teóricas dos dois CFCs da pesquisa, conforme tabelas abaixo.

Total de Provas Teóricas do ano de 2016.

FX IDADE	APROVADO	REPROVADO	TOTAL	%
18 anos	45.382	3.429	48.811	7%
19 anos	15.905	1.990	17.895	11%
20 anos	11.455	1.640	13.095	13%
Idade de 21 a 25 anos	33.851	4.506	38.357	12%
Idade de 26 a 30 anos	23.209	2.962	26.171	11%
Idade de 31 a 35 anos	18.573	3.231	21.804	15%
Idade de 36 a 40 anos	13.877	3.541	17.418	20%
Idade de 41 a 45 anos	10.824	4.251	15.075	28%
Idade de 46 a 50 anos	8.998	4.265	13.263	32%
Idade de 51 a 55 anos	7.867	4.574	12.441	37%
Idade de 56 a 60 anos	5.463	4.304	9.767	44%
Idade de 61 a 65 anos	3.181	2.993	6.174	48%
Idade acima de 65 anos	2.800	3.249	6.049	54%
FX IDADE	201.385	44.935	246.320	18%
Fx IDADE ATÉ 40 ANOS	162.252	21.299	183.551	12%
FX IDADE ACIMA 40 ANOS	39.133	23.636	62.769	38%

Fontes: Estatística do DETRAN/RS

Tabela 5 - Total de provas teóricas de 2016 por faixa etária

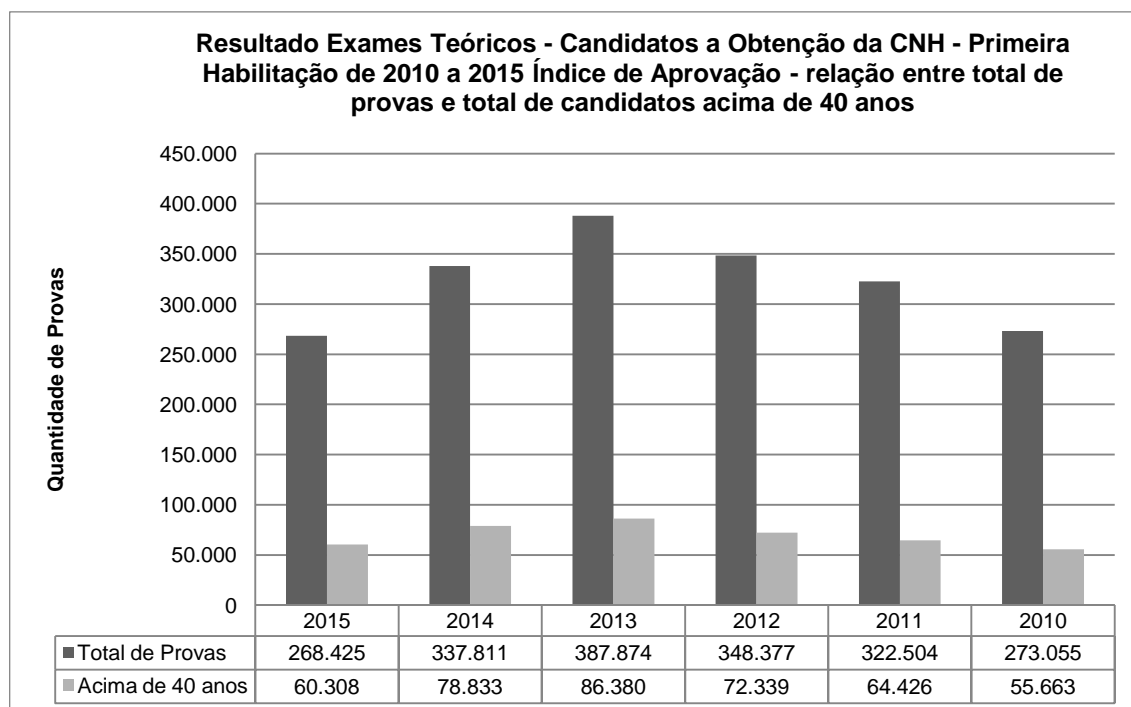


Figura 2 - Total de provas Teóricas - relação entre o total de candidatos e os acima de 40 anos

O total de provas do ano de 2016 foi de 246.320, sendo 62.769, 25,5% do total, de pessoas com mais de 40 anos.

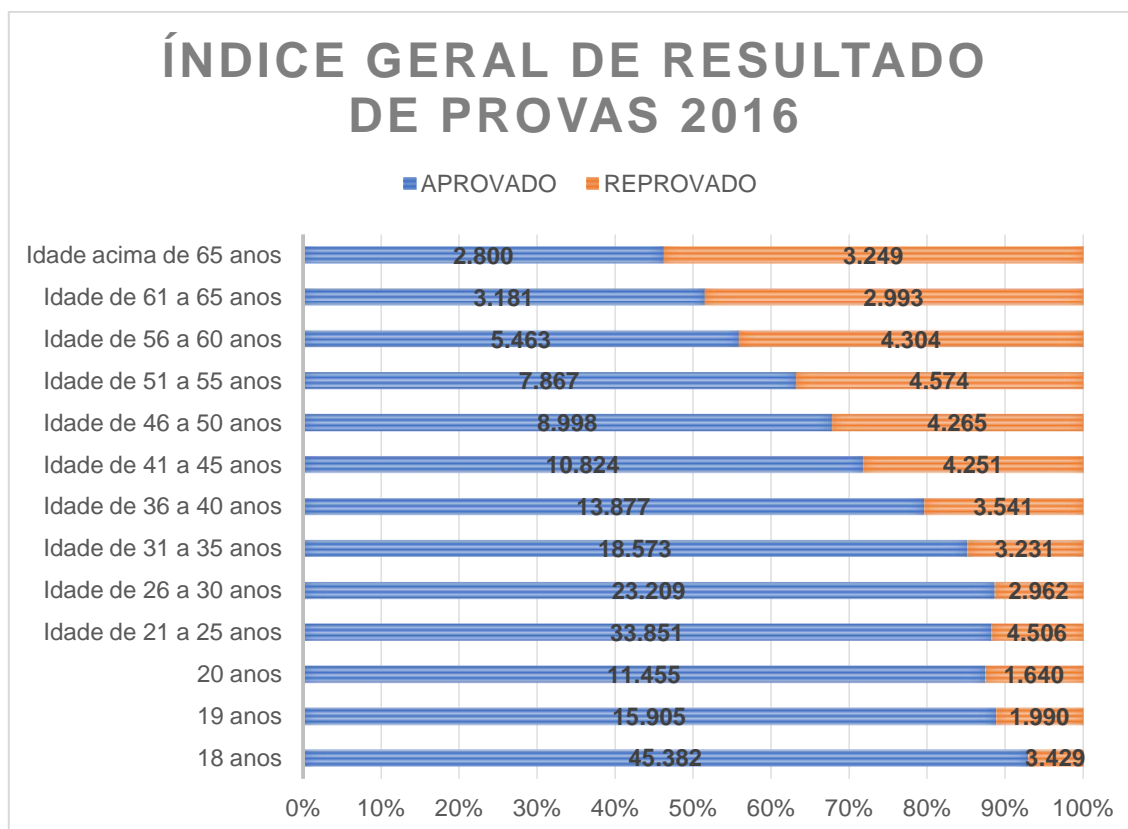


Figura 3 - Índice Geral das Provas

Os dados gerais mostram uma curva de aumento percentual de reprovações a partir dos 36 anos, onde a partir dos 56 anos somente a metade das pessoas passa na prova teórica.

CFC 1				
FX IDADE	2016 - Resultado			
Quantidade de provas	APROVADO	REPROVADO	TOTAL	%
18 anos	79	10	89	11%
19 anos	45	2	47	4%
20 anos	47	2	49	4%
Idade de 21 a 25 anos	158	19	177	11%
Idade de 26 a 30 anos	133	5	138	4%
Idade de 31 a 35 anos	130	3	133	2%
Idade de 36 a 40 anos	91	16	107	15%
Idade de 41 a 45 anos	76	4	80	5%
Idade de 46 a 50 anos	67	13	80	16%
Idade de 51 a 55 anos	64	7	71	10%
Idade de 56 a 60 anos	49	9	58	16%
Idade de 61 a 65 anos	29	8	37	22%
Idade acima de 65 anos	28	5	33	15%
FX IDADE	996	103	1.099	9%
Fx IDADE ATÉ 40 ANOS	683	57	740	8%
Fx IDADE ACIMA 40 ANOS	313	46	359	13%

Fontes: Estatística do DETRAN/RS

Tabela 6 - Aprovação por faixa etária CFC 1 - 2016

CFC 2				
FX IDADE	2016 - Resultado			
Qtde Provas	APROVADO	REPROVADO	TOTAL	%
18 anos	49	0	49	0%
19 anos	28	3	31	10%
20 anos	31	0	31	0%
Idade de 21 a 25 anos	136	5	141	4%
Idade de 26 a 30 anos	111	1	112	1%
Idade de 31 a 35 anos	82	5	87	6%
Idade de 36 a 40 anos	67	4	71	6%
Idade de 41 a 45 anos	40	2	42	5%
Idade de 46 a 50 anos	37	2	39	5%
Idade de 51 a 55 anos	44	20	64	31%
Idade de 56 a 60 anos	28	5	33	15%
Idade de 61 a 65 anos	25	16	41	39%
Idade acima de 65 anos	20	28	48	58%
FX IDADE	698	91	789	12%
Fx IDADE ATÉ 40 ANOS	504	18	522	3%
Fx IDADE ACIMA 40 ANOS	194	73	267	27%

Fontes: Estatística do DETRAN/RS

Tabela 7 - Aprovação por faixa etária CFC 2 – 2016

	APROVADO	REPROVADO	Total	%
CFC 1				
Feminino	378	39	417	9%
Masculino	618	64	682	9%
CFC 1 Total	996	103	1099	9%
CFC 2				
Feminino	288	19	307	6%
Masculino	410	72	482	15%
CFC 2 Total	698	91	789	12%
Total Geral	1694	194	1888	10%
Fontes: Estatística do DETRAN/RS				

Tabela 8 - Reprovação por sexo – 2016

Repare que o CFC 1 o percentual de reprovação em ambos os sexos é de 9%, enquanto no CFC 2 o feminino é de 6% enquanto o masculino é de 15%.

CFC 1	Feminino		Masculino	
	Total	REPROVADO %	Total	REPROVADO %
18 anos	32	4 13%	57	6 11%
19 anos	21	1 5%	26	1 4%
20 anos	19	1 5%	30	1 3%
Idade de 21 a 25 anos	75	8 11%	102	11 11%
Idade de 26 a 30 anos	55	0 0%	83	5 6%
Idade de 31 a 35 anos	45	3 7%	88	0 0%
Idade de 36 a 40 anos	47	6 13%	60	10 17%
Idade de 41 a 45 anos	26	1 4%	54	3 6%
Idade de 46 a 50 anos	37	9 24%	43	4 9%
Idade de 51 a 55 anos	25	2 8%	46	5 11%
Idade de 56 a 60 anos	19	3 16%	39	6 15%
Idade de 61 a 65 anos	10	1 10%	27	7 26%
Idade acima de 65 anos	6	0 0%	27	5 19%
Total CFC	417	39 9%	682	64 9%
Fontes: Estatística do DETRAN/RS				

Tabela 9 - Reprovação do CFC 1 por sexo e faixa etárias

CFC 2	Feminino			Masculino		
	Rótulos de Linha	Total	REPROVADO %	Total	REPROVADO %	
18 anos	14	0	0%	35	0	0%
19 anos	7	0	0%	24	3	13%
20 anos	13	0	0%	18	0	0%
Idade de 21 a 25 anos	76	3	4%	65	2	3%
Idade de 26 a 30 anos	53	0	0%	59	1	2%
Idade de 31 a 35 anos	37	1	3%	50	4	8%
Idade de 36 a 40 anos	34	4	12%	37	0	0%
Idade de 41 a 45 anos	21	0	0%	21	2	10%
Idade de 46 a 50 anos	13	2	15%	26	0	0%
Idade de 51 a 55 anos	18	5	28%	46	15	33%
Idade de 56 a 60 anos	6	2	33%	27	3	11%
Idade de 61 a 65 anos	11	2	18%	30	14	47%
Idade acima de 65 anos	4	0	0%	44	28	64%
Total CFC	307	19	6%	482	72	15%

Fontes: Estatística do DETRAN/RS

Tabela 10 - Aprovação do CFC 2 por sexo e faixa etárias

O CFC 2 demonstra que além de ter uma diferença grande nos índices de aprovação entre homens e mulheres mostra ainda que tem índices de reprovação muito altos para homens a partir dos 50 anos.

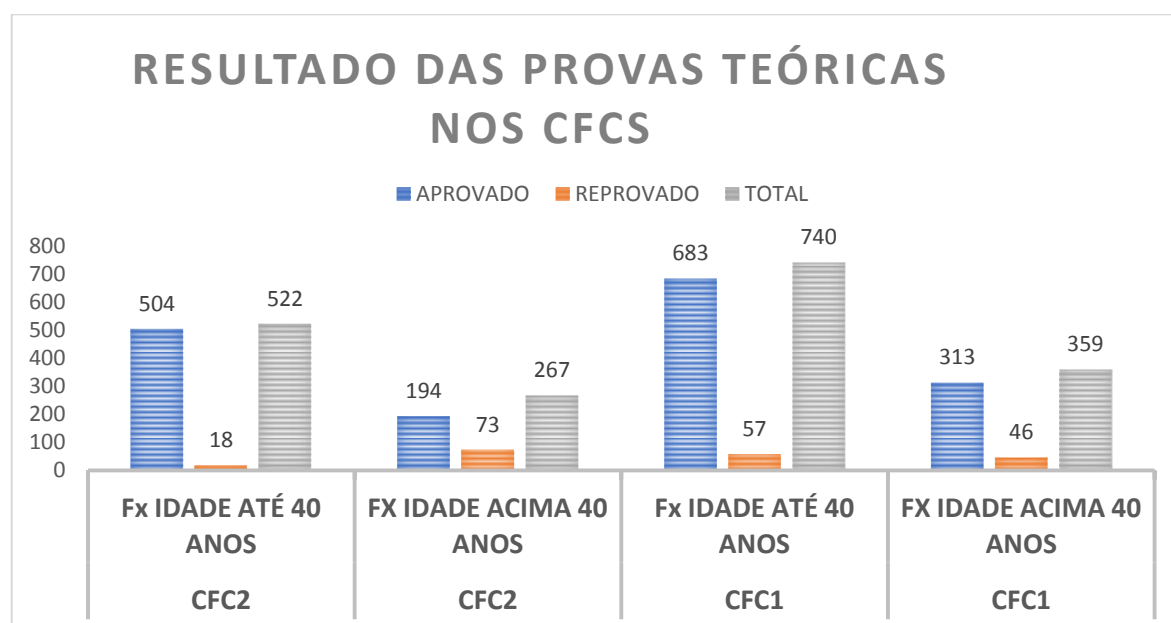


Figura 4 - Resultado das provas teóricas

Fonte: Estatística do DETRAN/RS

Nesta fase procurei interpretar e analisar os dados tabulados e organizados que servirão para atender aos objetivos da pesquisa. “O objetivo último da análise estatística é o de tirar conclusões a partir dos dados de forma a enriquecer o nosso conhecimento da realidade” (SILVESTRE, 2007, p. 7).

A primeira informação que achei interessante é que a quantidade total de alunos no ano de 2016 ser maior no CFC1, foram 1.099 provas realizadas por alunos do CFC1 para 789 no CFC2. Deve se levar em conta que o CFC1 possui um instrutor enquanto no CFC2 trabalham dois instrutores teóricos. Lembro que na entrevista com o instrutor do CFC1 dele ter me relatado de seu trabalho na implantação do sistema de três turnos no CFC, fazendo com que os alunos pudessem ter uma quantidade maior de opções de horários para realizar as aulas teóricas, contudo informou me também que era ele quem ministrava os três turnos. Já no CFC2 as opções de horários eram mais restritas. Esta pode ser uma das razões da quantidade maior de pessoas em aulas teóricas no CFC1 em relação ao CFC2, apesar do número menor de instrutores.

A distribuição de pessoas por grupos de adultos jovens (até 40 anos) e adultos maduros (a partir dos 40 anos) foi similar nos dois CFCs, com índice de 33% do total acima de 40 anos, foram 646 pessoas no total de 1.888, 34% do público total, demonstrando a importância deste grupo de pessoas no processo de formação de condutores e mais, mostrando que as projeções feitas anteriormente estão realmente acontecendo.

Quando olho para total dos resultados das provas vejo que são próximos, enquanto o CFC1 tem um índice de 9% de reprovação o CFC2 tem 12%, as diferenças começam a surgir quando olhamos para os resultados por faixa etária, o CFC2 tem apenas 18 alunos reprovados do total 522 na faixa etária até 40 anos, apenas 3,5%, demonstrando uma eficiência absurda com esta grupo mais jovem. Agora, este mesmo CFC reprovou 73 de 267 alunos quando estes tinham mais de 40 anos, 27,3%. Sendo um fenômeno na aprovação de adultos jovens e uma decepção com os adultos maduros. Questões que serão analisadas no decorrer deste trabalho.

O CFC1 possui números mais parecidos na distribuição entre jovens e maduros, sendo que os primeiros tiveram 7,7% de reprovação e os últimos 12,8%,

demonstrando mais homogeneidade nos resultados. O desafio a partir daqui foi buscar informações que expliquem estas diferenças.

3.3 Contexto das entrevistas

A partir do mês de julho de 2017 iniciaram as tratativas com os dois CFCs escolhidos. Inicialmente realizou-se uma visita aos dois Centros buscando contato inicial, a troca de informações e combinações para a utilização destes centros como objetos da pesquisa. Ambos aceitaram participar da pesquisa, então iniciei as entrevistas no CFC 1 com o instrutor e a diretora de ensino. No dia e hora marcados fui recebido e pude realizar as entrevistas, começando pelo instrutor seguido da diretora de ensino, sendo estas entrevistas foram individuais, o que chamou a atenção foi a intenção da diretora de ensino de participar da entrevista do instrutor, informei a ela que estas deveriam ser individuais e que assim que terminasse a entrevista com o instrutor passaria para a entrevista com ela, a princípio imaginei que este desejo de participar da entrevista fosse em função de tentar controlar as respostas do instrutor, mais tarde percebi que era mais por insegurança em relação ao assunto e ao trabalho em sala de aula. Já em relação do CFC 2 houve alguns problemas em relação a marcação das entrevistas, agendei, porém três vezes foram canceladas, por motivos os mais variados, contudo depois realizar a primeira entrevista com um instrutor as subseqüentes aconteceram naturalmente. A impressão era que, apesar da concordância na participação, as pessoas tinham algum receio de dar as entrevistas, principalmente a diretora de ensino.

As entrevistas com o instrutor e a diretora de ensino do CFC 1 aconteceram em 04 de agosto de 2017, no mesmo dia e uma posterior a outra, já as entrevistas do CFC 2 aconteceram respectivamente de 16 de agosto de 2017 com o instrutor 1, 18 de agosto com o instrutor 2 e 22 de agosto com a diretora de ensino. Todas entrevistas ocorrem nas salas de aula dos CFCs, sempre individuais, gravadas e transcritas conforme apêndice A. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas para permitir que a conversa fluir de forma mais natural e permitir que o participante converse sobre trabalho cotidiano dele / dela.

3.4 Análise das entrevistas

As entrevistas foram realizadas nos dois CFCs selecionados distribuídos da seguinte forma:

Códigos e sequências das Entrevistas
ENTREVISTADO 1, CFC1 Instrutor 1
ENTREVISTADO 2, CFC1 Diretora de ensino
ENTREVISTADO 3, CFC2 Instrutor 1
ENTREVISTADO 4, CFC2 Instrutor 2
ENTREVISTADO 5, CFC2 Diretora de ensino

Figura 5 - Sequência das Entrevistas

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017

Vamos, então, para a análise das entrevistas, comecei analisando com o foco no objetivo específico de saber como acontece a formação dos condutores nos dois Centros de formação, separei citações dos entrevistados que falam no modo, como a formação acontece.

3.4.1 Como acontece a formação

A partir das entrevistas fiz uma análise de cada uma das entrevistas, sendo grifadas as palavras ou sentenças que são mais compatíveis com as premissas de formação de adultos ou as contrárias. A partir deste trabalho primeiramente vou mostrar uma síntese do que encontrei e em seguida uma avaliação a mais analítica de cada entrevista. Como já referido, as transcrições integrais das entrevistas podem ser encontradas no apêndice A.

3.4.2 Síntese das entrevistas

Procurei fazer uma compilação dos aspectos que considerei relevantes nas 5 entrevistas, criei um quadro e destaquei em azul os tópicos considerados positivos e em vermelho os negativos em relação a formação de adultos maduros, por questões enquadramento e de formatação separei os quadros em dois, o primeiro com o CFC 1 e o segundo com CFC 2.

CFC 1	
Instrutor 1 CFC 1:	Diretora de ensino CFC 1:
nós temos um plano - Eu trabalho por disciplina	As aulas teóricas, vêm na sala, eles ficam assistindo com o instrutor,
acompanha se um pouco no livro, mas o livro não tem aquela condição de por exemplo de estar atualizado com as coisas novas que vão entrando enquanto que eu me atualizo e passo aos alunos isso	Algumas aulas às vezes expositivas ele faz com o livro ele faz passar vídeos, passa trabalhos para fazer na sala de aula e provas, tipo provas
Tudo é passado com a atualização	Um questionário para eles ficarem treinando, como funcionam as provas
eu procuro fazer com que fosse diretamente voltado para educação deles como futuros condutores.	Eu acho que o instrutor ele vai, como ele tem que seguir um roteiro das aulas
de professor de cursinho - batendo na mesa - dou a aula gritando, dou a aula fazendo, induzindo eles a errar, - pra poder botar na cabeça deles	Não tem assim uma maneira de seguir exatamente como ele tem que fazer, ele vai seguindo
usar a experiência, tranquilamente, tem que usar porque se você for contra eles tu não vai conseguir botar na cabeça deles o conteúdo que você quer,	O instrutor é que, ele, a maneira que eles dão a aula é a mesma, mas eles têm uma maneira de dar
eles já são por natureza, principalmente o maduro, por natureza mais resistente, então esse tipo de coisa eu uso bastante.	Participação do aluno no processo, como assim? Não, eu acho que não, não.
Esse é o aluno que eu mais pergunto, esse é o que eu faço errar para aprender, esse eu brinco com ele, esse eu dou tapinha nas costas,	Questões mais práticas? eu acho que não, eu acho que aula que ele dá é bem expositiva sim, eu acho que eles participam bastante eu acho que a participação é grande sim, acho que a prática não.
boto na prática, digo isso, conto um causo, uma coisa assim.	
Aquele plano de aula é muito flexível	

CFC 1	
Instrutor 1 CFC 1:	Diretora de ensino CFC 1:
eles não me acompanharam eu sempre reservo de quinze a vinte minutos pra da aula anterior para que eles possam me acompanhar, não deixo ninguém pra trás , enquanto eu fizer uma pergunta e eles tiverem dúvidas eu não saio do módulo	
Eu vou adaptando o tempo a assimilação por parte deles.	
Eu tenho tentado fazer um teatro	
Eles me perguntam, eu dou liberdade	
então vou te explicar de novo	
que pode começar o dia que quiser	

Tabela 11- Síntese dos tópicos principais das entrevistas – CFC1

Fonte: Elaborado por Silvério Kist, 2017

CFC 2		
instrutor 1 CFC 2:	instrutor 2 CFC 2:	Diretora ensino do CFC 2.
Essa configuração que nós temos aqui no CFC ela é composta por turmas mistas, nós vamos ter alunos de primeira habilitação, que nós chamamos de permissionários, os alunos de reciclagem que acabam sendo os condutores infratores.	Formação se dá mediante a introdução da legislação básica de trânsito, mais direção defensiva, abordagem de primeiros socorros para leigos, noções sobre funcionamento do veículo, basicamente a mecânica, né, e noções sobre o meio ambiente, tá,	na verdade, o aluno vem faz uma inscrição, mediante esse procedimento da inscrição é feito as etapas, as primeiras etapas, médico, psico, enfim, e dependendo da avaliação do resultado ele começa o curso teórico,
aí a dinâmica é expositiva, existe um manual,	o curso é composto por 45 horas aulas teóricas, então nós ministramos eles em doze dias para primeira habilitação onde então são quatro horas aula diárias, horas aulas teóricas, cinquenta minutos a duração	é feito o projeto do curso teórico e ali a gente trabalha em treze módulo que é a primeira habilitação
A gente procura fazer com que haja uma troca entre as gerações	E aí nós explanamos	Os guris utilizam os alunos com idades acima de 40, enfim, como modelos nas aulas

	CFC 2	
instrutor 1 CFC 2:	instrutor 2 CFC 2:	Diretora ensino do CFC 2.
Então tu acaba fazendo um interação destes grupos	nós aprofundamos em penalizações, enfim, quer dizer aprofundamos no sentido de dar uma ideia de como funciona	é que ele vai, em tese, isso depois é repassado pra ele fazer a prova teórica , certo, então eu acredito que , o que o instrutor ensinou aqui em aula , é o que ele vai demonstrar no resultado da prova , acredito que seja neste meio.
Sim, antes de cada módulo a gente acaba fazendo um enfoque, módulo de mecânica pra que ele serve, qual é o objetivo	Objetivos da disciplina: Isso é colocado de forma introdutiva	mas vai depender do desempenho de cada instrutor em levar isso, essa conscientização pro aluno,
É, aqui, especificamente no nosso trabalho, tá, a gente consegue fazer uma avaliação individual que ela é superficial	Como já menciona a questão pessoal, trata se de forma individual, a abordagem no conteúdo é num todo	Normalmente os meninos gostam mais de dar aula pros mais novos do que pessoas mais velhas.
Aquele aluno que a gente percebe um pouco mais de timidez, um pouco mais de de restrição a gente procura se aproximar dele de uma forma que ele não seja exposto	forma generalizada e gente acaba fazendo com que eles percebam que mesmo a abordagem generalizada ela acaba se enquadrando e se encaixando	..
Nós temos pra cada módulo uma prova simulada do conteúdo	Olha, eu particularmente costumo expor de n formas, seja com o material didático, seja com manual, seja com abordagens técnicas, eu procuro muito trazer exemplos individuais onde todos possam participar	..
sempre buscar a participação do aluno, ouvir o que ele tem a falar, o que ele pensa, qual é a experiência que ele pode agregar, porque sem isso não há uma troca, e
então a gente acabou fazendo uma divisão bem fechada de cada módulo e tenta fixar o desempenho do módulo na abordagem do assunto, não dá pra fugir

	CFC 2	
instrutor 1 CFC 2:	instrutor 2 CFC 2:	Diretora ensino do CFC 2.
muito, né,		
Se a gente consegue provar pro aluno, que aí existem técnicas

Tabela 12 - Síntese dos tópicos principais das entrevistas – CFC2

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017

Esse quadro demonstra de maneira sintética o quanto o entrevistado 1 do CFC 1 possui declarações que o caracterizam como alguém muito alinhado com as práticas necessárias para a educação de adultos maduros.

A transcrição das entrevistas possibilitou a análise de Cluster por similaridade de palavra, em uma análise de agrupamento, ou clustering, utilizando o software Nvivo. Esta técnica computacional tem o propósito de separar objetos em grupos onde os mesmos criem similaridade de acordo com o tipo e quantidade de palavras usadas no texto. Introduziu-se as entrevistas no sistema e o resultado desta análise:



Figura 6 - Por similaridade de palavras e discurso nas entrevistas

Fonte: Elaborado por Silvério Kist, 2017

A partir do resultado percebem-se duas divisões que demonstram uma separação visível entre as respostas dos instrutores e das diretoras de ensino. Outro fato interessante é a criação de subgrupo de instrutores do CFC 2 que demonstra um entrosamento, uma similaridade, entre as entrevistas dos instrutores do CFC 2.

Pelas entrevistas, o Entrevistado 1 do CFC1 é o que mais está alinhado com as teorias de formação de adulto, então criei uma figura para demonstrar deste alinhamento, onde o mais acima é o que mais se aproximou das práticas necessárias para aprendizagem de adultos e os mais abaixo se distanciam destas.

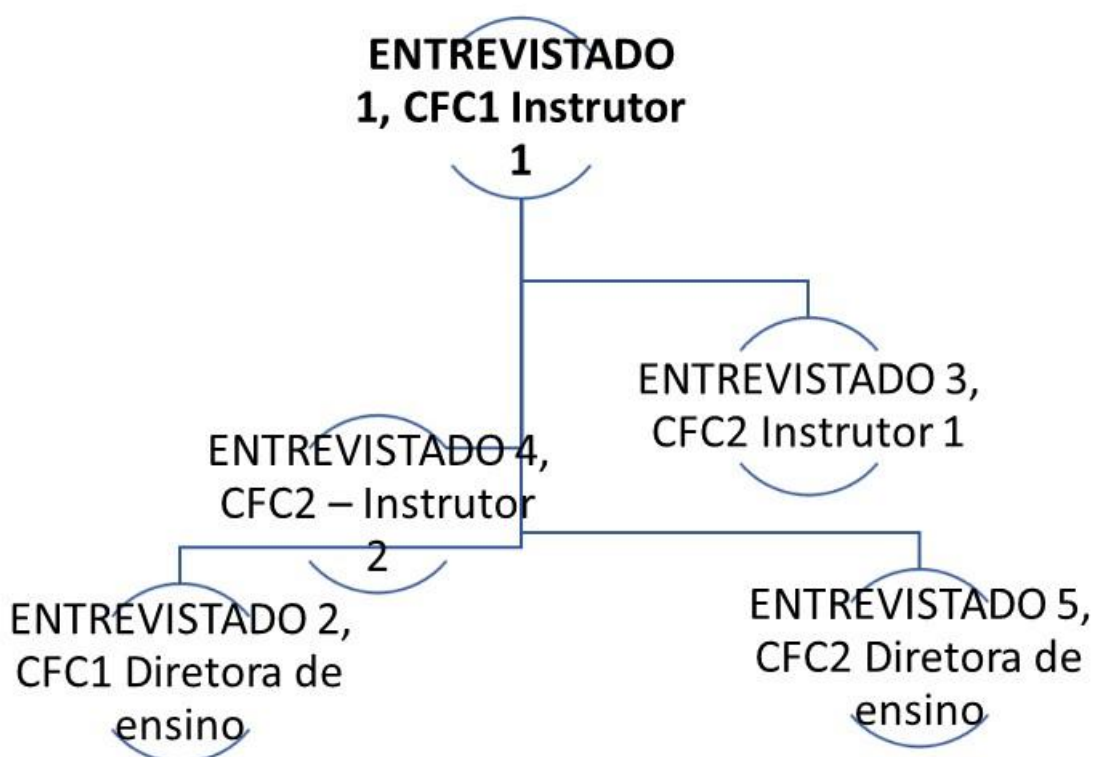


Figura 7 - Quem mais se aproxima das características necessárias para educação de adultos

Fonte: Elaborado Silvério Kist, 2017

Esta figura demonstra visualmente como foram as entrevistas no que tange seu alinhamento com as características necessárias para educação de adultos. Ela é importante para o leitor visualizar as relações que encontrei nas entrevistas, e a mim ajudou apresentar os resultados das minhas análises que podem ser mais profundas no trabalho analítico que faço logo em seguida.

3.4.3 Análise individual das entrevistas

No meu processo, foi importante organizar primeiramente cada uma das análises para, na sequência pensar no cruzamento desses dados.

3.4.3.1 ENTREVISTADO 1, CFC1 Instrutor teórico 1

A entrevista com o instrutor 1 do CFC 1 foi bastante tranquila, calma, serena e equilibrada, logo que lhe foi apresentado o tema da pesquisa demonstrou interesse e conforto sobre o assunto. Percebi uma tranquilidade tanto no entendimento das perguntas quanto nas respostas que foram bem articuladas e com uma lógica de quem tem bastante domínio do assunto.

Separou-se trechos específicos da entrevista, destacando em negrito as partes que considere mais relevantes e reveladoras, analisando estes trechos dentro do contexto da pesquisa.

Questionei sobre como acontecem as aulas:

As aulas teóricas funcionam da seguinte forma, **nós temos um plano** de aula onde a gente dá todo o conteúdo aula por aula, 15 módulos diferentes sendo as 45 horas aulas todas e juntamente também com pessoas que fazem também somente reciclagem, juntas reciclagem e aula juntas. (ENTREVISTADO 1, linhas 6 a 9).

Eu trabalho por disciplina, né, por exemplo, aulas teóricas de legislação, ponho no quadro o conteúdo, **acompanha se um pouco no livro, mas o livro não tem aquela condição de por exemplo de estar atualizado com as coisas novas que vão entrando enquanto que eu me atualizo e passo aos alunos isso.** (ENTREVISTADO 1, linhas 26 a 29).

Evidencia a existência de uma organização, **“nós temos um plano” “eu trabalho por disciplina”**, demonstra uma preocupação com a organização, ter um plano possibilita a programação de atividades, rotinas e objetivos, servindo de guia para onde se pretende chegar, Knowles sugere que o educador envolva os alunos adultos até mesmo no planejamento, por óbvio para poder envolver no plano é necessário que exista um.

No decorrer da entrevista surgiram algumas características deste instrutor. O primeiro foi a disposição de trabalhar o processo de formação com foco em resultados de longo prazo, **“Tudo é passado com a atualização**, independente com o conteúdo do livro, **eu procuro fazer com que fosse diretamente voltado para educação deles como futuros condutores”**. (Entrevistado 1, linhas 30 a 32)

Demonstrando o interesse em objetivos duradouros, não somente na obtenção da carteira de motorista, fato que vem bem de encontro as afirmações de Danis (2001) que relata que as pesquisas que tratam de ligação intrínseca entre desenvolvimento e aprendizagem do adulto concebem o desenvolvimento sendo uma evolução, que se desenrola ao longo da vida do adulto, em função de um contexto e de um meio de vida particulares.

Destaca a forma e demonstra a utilização de material didático, frisando a necessidade de ir além desse, **“acompanha se um pouco no livro, mas o livro não tem aquela condição de por exemplo de estar atualizado com as coisas novas que vão entrando enquanto que eu me atualizo e passo ao alunos isso” “tudo é passado com a atualização”**.

Eu dou um tipo de aula como se fosse, eles chamam, meus colegas, **de professor de cursinho**, que dou a aula **batendo na mesa**, eu **dou a aula gritando**, dou a aula fazendo, **induzindo eles a errar**, pra poder **botar na cabeça deles**, que eles tem que acertar que a prova do DETRAN tem pegadinhas, boto esse tipo de coisa pra chamar a atenção. (ENTREVISTADO 1, linhas 37 a 41).

Outra característica é o empenho e a motivação para que os alunos participem e sejam envolvidos pelas aulas, **“de professor de cursinho” “batendo na mesa**, eu **dou a aula gritando**, dou a aula fazendo, **induzindo eles a errar**, pra poder **botar na cabeça deles”**. O instrutor tem o papel de um facilitador que mantém o diálogo constante com os alunos. A relação professor-aluno, dentro da perspectiva formação de adultos, é estabelecida de forma horizontal, e há um elo de confiança, de respeito, e de informalidade de modo que o aluno se sinta envolvido criando um ambiente em que cada um se sinta livre para falar e pensar de forma diferente, o facilitador ajuda o grupo a desenvolver, também, essa atitude. Então este aspecto do instrutor é bastante relevante.

Quando questionado sobre a utilização da experiência dos alunos foi enfático:

Usar a experiência deles a favor da questão da aprendizagem, tranquilamente, **tem que usar porque se você for contra eles tu não vai conseguir botar na cabeça deles o conteúdo que você quer**, eles já são por natureza , principalmente o maduro, **por natureza mais resistente**, então o de reciclagem é totalmente resistente, ele entra aqui diz assim , isso aqui é besteira, eu já conheço tudo, e eu dentro de uma linguagem próxima disso eu digo se você conhecesse tu não estaria aqui. **Então esse tipo de coisa eu uso bastante**. (ENTREVISTADO 1, linhas 44 a 50).

OZUAH (2005) quando se refere a aspectos importantes para educação de adultos afirma que ela se dá quando sua experiência anterior é valorizada e

utilizada, exatamente como relatado pelo instrutor. Knowles (2005) fala que existe a necessidade de utilizar a experiência e a vivência, entre eles e com o docente, fazendo trocas positivas que possam transformar e desenvolver a todos.

OZUAH (2005) quando se refere a aspectos importantes para educação de adultos afirma que ela se dá quando sua experiência anterior é valorizada e utilizada.

Quando questionado sobre os adultos maduros no processo de formação:

Esse é o aluno que eu mais pergunto, esse é o que eu **faço errar para aprender, esse eu brinco com ele, esse eu dou tapinha nas costas**, eu digo que o bigode dele é um nariz sublinhado, eu faço ele gostar de mim, para poder entender o que eu estou explicando, **boto na prática**, digo isso, **conto um caso**, uma coisa assim. (ENTREVISTADO 1, linhas 54 a 58).

Demonstra uma empatia e conhecimento dos aspectos que envolvem pessoas maduras. Mostra interesse e habilidades que envolvam esta faixa etária.

Aquele plano de aula é muito flexível, eu por exemplo, se a turma não me acompanhar eu não tenho por exemplo na quarta-feira o módulo número 4 eu vou dar tal coisa, eu tenho isso no plano de aula, mas se no módulo número 3 **eles não me acompanharam eu sempre reservo de quinze a vinte minutos pra da aula anterior para que eles possam me acompanhar, não deixo ninguém pra trás, enquanto eu fizer uma pergunta e eles tiverem dúvidas eu não saio do módulo**, sempre deixo eles, os outros ficam meio assim até, a gurizada em relação ao pessoal mais maduro, ficam um pouco invocados, mas tu já falou sobre isso, gente já falei sobre isso, mas tem gente aqui que ainda não entendeu. (ENTREVISTADO 1, linhas 63 a 71).

Em relação ao ritmo de aprendizagem e tempo necessário à assimilação o instrutor demonstrou ter o entendimento destas questões e habilidade para atuação, diz que o plano de aula é bastante flexível e sempre está preocupado em retomar a matéria e verificar se todos estão sincronizados, sem deixar ninguém para trás, demonstrando preocupação no desenvolvimento individual e no ritmo de uma fala da sua adaptação o tempo a assimilação dos alunos, **“Eu vou adaptando o tempo a assimilação por parte deles”**. (Entrevistado 1, linha 75). Em consonância com a premissa de que adultos maduros aprendem melhor, quando, segundo OZUAH (2005), o tempo fornecido é suficiente para assimilação de novas afirmações e há oportunidades do controle sobre o processo de aprendizagem e Richard Sennett (2009) que afirmou que necessitamos estar adaptados às circunstâncias variáveis, mas não sermos quebrados por elas. **“Eu tenho tentado fazer um teatro**, pedalar, usar pedal e embreagem, freio, acelerador, dirigir pra botar o posicionamento de

mão, setas pra direita pra esquerda, e as vezes tem dado um resultado impressionante”. (ENTREVISTADO 1, linhas 77 a 79).

“**Eles me perguntam, eu dou liberdade**, e quando eu vejo que ele não está entendendo eu para e faço uma pergunta pra ele, então não estou entendendo, **então vou te explicar de novo**, ai, começo por partes”. (Entrevistado 1, linhas 101 a 104). Podemos notar que vários aspectos da fala do entrevistado remetem a participação do aluno no processo de aprendizagem, esta participação é fundamental para seu engajamento e desenvolvimento no processo, Knowles fala que a participação no processo é primordial no processo de educação de adultos.

O instrutor demonstra também preocupação em disponibilizar horários que possam ajudar o aluno a organizar seu tempo, ao criar e disponibilizar aulas nos três turnos favorece, ou possibilita ao aluno uma autonomia em relação a sua organização, cria opções que possibilitem a autogestão.

Eu também implantei os três turnos diferentes, dou aula de manhã um módulo, de tarde outro e de noite outro, eu dou estes três turnos, não tem nenhum outro CFC **que pode começar o dia que quiser**, pode começar no 5 4 no 10, total flexibilidade, o único CFC de porto alegre que é assim, eu fiz isso, claro, com o consentimento do pessoal, da direção. (ENTREVISTADO 1, linhas 116 a 120).

A comunicação entre professor-aluno na construção de uma aprendizagem é fundamental. A comunicação, aliás, considero a principal ferramenta de aprendizado, pois é uma forma eficaz de transmitir e receber o conhecimento, portanto observa se o autoconceito do instrutor, a autoimagem de dele, ou seja, como ele se vê. “Então eu tenho a facilidade da Comunicação”. (Entrevistado 1, linha 143).

A análise da entrevista do instrutor do CFC1 demonstrou um nível surpreendente de relações entre a prática didática deste com as teorias da educação de adultos que pesquisei, consegui detectar os preceitos elencados pelos teóricos na prática.

3.4.3.2 ENTREVISTADO 2, CFC1 Diretora de ensino

A entrevista com diretora de ensino do CFC 1 foi na sala de aula, ao apresentar o tema da pesquisa senti um pouco de desconforto da entrevistada. Percebi uma certa intranquilidade tanto no entendimento das perguntas quanto nas

respostas, que não foram bem articuladas e com uma lógica de quem não tem bastante domínio do assunto.

Ao iniciar a entrevista, questiono como acontece a formação, a resposta começa com: **“As aulas teóricas, vêm na sala, eles ficam assistindo com o instrutor, algumas aulas às vezes expositivas ele faz com o livro ele faz passar vídeos, passa trabalhos para fazer na sala de aula e provas, tipo provas”**. (Entrevistado 2, linhas 211 a 213), demonstrou um certo distanciamento em relação a forma como estas aulas na prática acontecem. Continua os relatos demonstrando um certo desconforto em relação a como acontecem às aulas, **“Um questionário para eles ficarem treinando, como funcionam as provas**, com é né, a maneira e eles vão fazendo”. (Entrevistado 2, linhas 215 a 216). evidenciando também um direcionamento para aprova, pareceu que as aulas teóricas eram somente uma parte obrigatória do processo, onde o que realmente importava era a prova, longe ser uma parte fundamental na formação do condutor.

No momento em que narra a atuação do instrutor manifesta uma falta de convicção:

Eu acho que o instrutor ele vai, como ele tem que seguir um roteiro das aulas, às vezes, haaaaa, as aulas de legislação ele dá tantos dias, primeiros socorros tantos dias, as vezes ele volta e faz mais algumas, faz de novo porque tem alguns que têm mais dificuldade que outros. (ENTREVISTADO 2, linhas 228 a 231).

Evidencia também incerteza nos procedimentos do instrutor. **“Não tem assim uma maneira de seguir exatamente como ele tem que fazer, ele vai seguindo**, alguns alunos vêm aqui, ficam sentados só com ele, vê se ele consegue dar mais uma atividade, porque aquela pessoa tem mais dificuldade né”.(ENTREVISTADO 2, linhas 238 a 241).

Como neste CFC existe somente um instrutor aflora uma falta de participação da diretora no processo, pois afirma que **“O instrutor é que, ele, a maneira que eles dão a aula é a mesma , mas eles tem uma maneira de dar** , assim, para uma pessoa que tem, assim , mais dificuldade , eles tem que transmitir de uma outra maneira pra tentar eles interpretar”. (Entrevistado 2, linhas 253 a 255).

Como foi visto no decorrer deste trabalho, adultos aprendem utilizando o conhecimento na prática nos processos de ensino-aprendizagem, porém a resposta da entrevistada sobre a utilização prática teve esta resposta: **“Questões mais**

práticas? olha, tu diz na aula desse nosso instrutor? **eu acho que não, eu acho que aula que ele dá é bem expositiva sim, eu acho que eles participam bastante eu acho que a participação é grande sim, acho que a prática não**". (Entrevistado 2, linhas 303 a 306).

Como já vimos anteriormente para Knowles, Danis, Ozuah e Balbinotti a participação do adulto no processo é fundamental, porém quando questionada sobre esta participação veja a resposta da diretora: "**Participação do aluno no processo, como assim?** Entrevistador (Na participação na criação, de como o processo acontece, em alguma motivação do processo, no processo de aprendizagem) **Não, eu acho que não, não**". (Entrevistado 2, linhas 293 a 295). Vários aspectos podem demonstrar o distanciamento da diretora da sala de aula, mas este aspecto demonstra o quanto isso é preocupante, mostra um que dificilmente tenha participado de alguma aula ministrada pelo instrutor nos últimos tempos.

Fica evidente uma grande diferença entre o que acontece em sala de aula durante o processo de formação deste CFC e a visão que a diretora de ensino tem está em dissonância com o que o instrutor desenvolve na sala de aula. Isso pode decorrer de um distanciamento desta da prática educacional em si, contudo sua função está vinculada as questões pedagógicas do centro. Cabe também refletir se este profissional é realmente utilizado da maneira como deveria, pois, a nomenclatura de diretor de ensino pode estar presente no cargo por uma questão legal e não na prática.

3.4.3.3 ENTREVISTADO 3, CFC2 Instrutor teórico 1

A entrevista com o instrutor 1 do CFC 2 foi realizada na sala de aula do CFC, no primeiro contato senti um pouco de preocupação do entrevistado em limitar o tempo e uma vontade de livrar-se do compromisso, informou que precisava buscar o filho na creche. Mas no decorrer da entrevista notei um aumento do interesse sobre o assunto, fazendo com que a preocupação de limitar o tempo fosse sendo deixada de lado. Percebi tranquilidade no entendimento das perguntas, as respostas foram bem articuladas e com uma lógica.

Iniciei questionado como acontece a formação teórica no centro, evidenciou a existência de organização e descreveu de maneira clara:

Essa configuração que nós temos aqui no CFC ela é composta por turmas mistas, então, no mesmo ambiente, na maioria dos módulos , **nós vamos ter alunos de primeira habilitação, que nós chamamos de permissionários, os alunos de reciclagem que acabam sendo os condutores infratores** que entram em suspensão de direito de dirigir e os que estão renovando a carteira que necessitam de atualização nos cursos de direção defensiva e primeiros socorros, **aí a dinâmica é expositiva , existe um manual** , todos acabam recebendo e sendo que um cuidado maior será com o pessoal de primeira habilitação e também de reciclagem que estes precisam ainda realizar a prova teórica , pessoal de atualização é mais participativo , mais no sentido de aprimorar conhecimento. (ENTREVISTADO 3, linhas 381 a 390).

Na ocasião que é questionado sobre a utilização da experiência dos adultos maduros responde **“A gente procura fazer com que haja uma troca entre as gerações**, então, nós temos o pessoal totalmente inexperiente”. (Entrevistado 3, linhas 393 a 394). Também ressaltou o trabalho de integração e interação de grupos:

Então tu acaba fazendo um interação destes grupos, às vezes com divergências, pontos de vista diferentes, mas acabando todo mundo indo pro mesmo caminho, com entendimento que precisa mudar o trânsito em várias questões, principalmente na qualificação do condutor e eles aceitam isso, assim, é bem legal. (ENTREVISTADO 3, linhas 367 a 400).

Aprofundou a explicação sobre a utilização da experiência dos alunos de primeira habilitação:

Os alunos de primeira habilitação? **A experiência deles, ela é muito baseada na questão do exemplo**, daqueles que conduzem e que rodeiam eles, familiares, são amigos, e muitas vezes experiências que são trazidas negativas e que eles acabam abordando e isso acaba virando tema de debate, ó esse exemplo aqui que o fulano trouxe, olha que interessante. (ENTREVISTADO 3, linhas 417 a 421).

Percebi que a utilização da experiência, aliás, as respostas sobre a utilização dela estavam dentro de um contexto de respostas bem articuladas, mas senti uma falta de exemplos, falta de entusiasmo e circunstâncias que trouxessem este quesito mais próximo ao cotidiano. Knowles (2005) enfatiza que adulto acumula um conjunto de experiências, a educação de adultos deve usar técnicas que partem da experiência dos aprendizes para realizar discussões em grupo, atividades de

resolução de problemas, exercícios de simulação e estudos de caso, não sendo a aprendizagem apenas técnicas unicamente transmissivas. A impressão que me passou foi de que a experiência era usada em contextos específicos de exemplos que surgem, não como um pilar da formação.

No quesito da definição dos objetivos da disciplina, **“Sim, antes de cada módulo a gente acaba fazendo um enfoque, módulo de mecânica pra que ele serve, qual é o objetivo”**. (Entrevistado 3, linhas 403 a 404). demonstrando organização e foco, mas com poucos indícios da participação dos alunos neste processo. Os argumentos usados focam em resultados pedagógicos do grupo e na eficácia do curso.

Quanto ao acompanhamento do desenvolvimento de cada aluno, **“É, aqui, especificamente no nosso trabalho, tá, a gente consegue fazer uma avaliação individual que ela é superficial”**. (Entrevistado 3, linhas 432 a 433) evidenciou um comprometimento com o ritmo da turma, contudo buscando o engajamento de todos no grupo, **“Aquele aluno que a gente percebe um pouco mais de timidez, um pouco mais de restrição a gente procura se aproximar dele de uma forma que ele não seja exposto”**. (Entrevistado 3, linhas 435 a 436). OZUAH (2005) quando elenca as condições que fazem com que o adulto aprenda melhor fala que isso acontece quando as necessidades de aprendizagem individuais são atendidas. Quando o instrutor fala que a avaliação do desenvolvimento do aluno é superficial demonstra que está mais preocupado com as questões homogenias do grupo do que com as necessidades individuais, podendo ser uma ótima estratégia para a classe, mais pouco resolutiva para adultos maduros.

Demonstra uma preocupação muito grande na busca de resultados do grupo **“Nós temos pra cada módulo uma prova simulada do conteúdo”**. (Entrevistado 3, linha 437) e

O nosso curso ele é talvez um dos mais extensos dos CFCs, quer dizer, ele dura doze encontros de quatro horas aula cada encontro, **então a gente acabou fazendo uma divisão bem fechada de cada módulo e tenta fixar o desempenho do módulo na abordagem do assunto, não dá pra fugir muito , né.**, (ENTREVISTADO 3, linhas 474 a 477).

Questionei em relação às questões pessoais da aprendizagem dos alunos:

Porque realmente individualmente, **diferente da prática**, né , que consegue avaliar bem essa questão individual aqui no coletivo a gente achou essa forma, porque ela não é expositiva do aluno , mas ao mesmo tempo tu

consegue ter uma noção de como ele está se desenvolvendo. (ENTREVISTADO 3, linhas 445 a 449).

Na verdade sim, isso é meio que uma combinação da equipe de instrutores , **sempre buscar a participação do aluno , ouvir o que ele tem a falar, o que ele pensa, qual é a experiência que ele pode agregar , porque sem isso não há uma troca, então o aluno ele tem liberdade , de participar , de levantar o dedo, de colocar o ponto de vista dele**, seja contrário ou a favor do instrutor, entre eles mesmos às vezes se formula um debate, se abre sempre um espaço pra discussão , não é aquela coisa de só o instrutor tá falando. (ENTREVISTADO 3, linhas 452 a 458).

Esta busca por resultados do grupo pode estar deixando de lado outro preceito listado por OZUAH que o aluno adulto responde melhor quando há um feedback sobre o progresso de seus objetivos, de maneira mais específica, fazer a prova simulada simplesmente não é suficiente para entender quais suas dificuldades e necessidades.

Na entrevista com este instrutor percebe se uma coerência e um nível elevado de conhecimento didático, decorrente também do fato de estar fazendo formação superior em pedagogia, como no exemplo:

Se a gente consegue provar pro aluno , que aí existem técnicas, né, então você tem lá , eu dou um exemplo , a gente sempre brinca com as letras, né, VVDF, eles tem que saber o que é VVDF, ver e ser visto, velocidade compatível , distância segura, frenagem correta , esse quatro elementos por si só , se você colocar numa prática veicular , dificilmente você vai se colocar numa situação de risco no trânsito , são coisas básicas, aí depois você trata o CHAPA, "o que é CHAPA?" as técnicas de direção defensiva mais apuradas , né, conhecimento, habilidade , atenção , previsão , ação , e muitas vezes a gente procura trazer esses elementos não só na vivência de trânsito , às vezes a gente faz essas relações , no ambiente de trabalho , se você não tiver conhecimento, se você não tiver habilidade , se você não tiver atenção , previsão e uma ação correta tu não vai conseguir desenvolver a tua dificuldade , seja ela qual for , né, então isso facilita a compreensão e fica mais fácil de se colocar no dia-a-dia (ENTREVISTADO 3, linhas 485 a 504).

Apesar da clara demonstração de capacidade didática, de organização e da busca de resultados dos alunos, o instrutor não sinalizou em sua entrevista muitos dos preceitos que auxiliam na educação de adultos maduros.

3.4.3.4 ENTREVISTADO 4, CFC2 Instrutor teórico 2

A entrevista realizou se na sala de aula do CFC, percebi uma desconfiança, um posicionamento de preocupação em relação a entrevista, talvez receio um pouco

exagerado de ser avaliado. No decorrer da entrevista notei que a preocupação era em demonstrar conhecimento e domínio do processo, possivelmente não havia o hábito de passar por avaliações na instituição. Ele foi se tranquilizando durante a entrevista, mas estava concentrado em transparecer domínio, respondia de maneira bastante minuciosa e no fim das contas estava empolgado com a temática, identificou o objetivo da pesquisa e começou a tomar consciência do processo de formação de adultos maduros.

Iniciei questionando como acontecia a formação e ele foi bastante minucioso:

Formação se dá mediante a introdução da legislação básica de trânsito , mais direção defensiva, abordagem de primeiros socorros para leigos, noções sobre funcionamento do veículo, basicamente a mecânica , né , e noções sobre o meio ambiente, tá , o curso é composto por 45 horas aulas teóricas, então nós ministramos eles em doze dias para primeira habilitação onde então são quatro horas aula diárias, horas aulas teóricas , cinquenta minutos a duração e pro curso de reciclagem são trinta horas aulas com abordagem também de legislação , também de direção defensiva, também primeiros socorros e aí difere no relacionamento interpessoal, tanto a primeira habilitação, quanto a reciclagem faz uma avaliação teórica. (ENTREVISTADO 4, linhas 603 a 612).

E aí nós explanamos ao longo da formação da legislação a introdução, a origem do código, os órgãos normativos, executivos, então toda a composição necessária pra que um cidadão que está aspirando a ser condutor entenda basicamente como funciona a legislação, as regras, nós aprofundamos em penalizações, enfim, quer dizer aprofundamos no sentido de dar uma ideia de como funciona. (ENTREVISTADO 4, linhas 612 a 617).

Questionado a respeito dos objetivos da disciplina foi bem sucinto e enfático, **“objetivos da disciplina: Isso é colocado de forma introdutiva, né, o, justamente o questionamento, o que as pessoas estão fazendo ali naquele momento, até pra que elas compreendam, né, vim pra aula e tal”.** (Entrevistado 4, linhas 664 a 666). Sem demonstrar nenhuma preocupação na participação do aluno no processo, caso que segundo Knowles (2005) prejudica muito no interesse do adulto na aprendizagem.

Em relação ao desenvolvimento pessoal da aprendizagem e o tempo para assimilar o conteúdo:

Aí nós temos aquele quesito de ritmo de aprendizado de cada um , né, mas a carga horária estipulada como mínima pelo DETRAN, por órgãos normativos , sim ela é viável , né, então, no quesito ritmo de aprendizado pra alguns é mais que suficiente , pra outros é meio justo , pra outros talvez

poderia ser prolongado um pouco mais , mas aí entra realmente no quesito individual, ritmo de aprendizado , mas sim normalmente é possível sim, até porque nós costumamos trabalhar com exercícios de fixação , enfim, dá tempo. (ENTREVISTADO 4, linhas 734 a 740).

Explicitou um entendimento de que a abordagem generalizada faz com que os alunos se enquadrem e se nivelam no decorrer do processo,

Como já menciona a questão pessoal, trata se de forma individual, a abordagem no conteúdo é num todo, né , de forma generalizada e gente acaba fazendo com que eles percebam que mesmo a abordagem generalizada ela acaba se enquadrando e se encaixando. (ENTREVISTADO 4, linhas 680 a 683).

Este instrutor é o que menos demonstrou proximidade e conhecimento em relação a atuação com adultos maduros, frisando muitas vezes o enfoque generalista:

Olha , eu particularmente costumo expor de n formas , seja com o material didático , seja com manual, seja com abordagens técnicas , eu procuro muito trazer exemplos individuais onde todos possam participar , porque daí ele começa a entender que a linguagem ela é mais simples , né , é todo aquele entendimento que tu observa enquanto cidadão no trânsito e **gente costuma usar muito vídeos também pra complementar isso** , então a pessoa entende de uma forma ou de outra , na participação , na abordagem técnica e também em vídeos que comprovam essas situações. (ENTREVISTADO 4, linhas 744 a 751).

OZUAH (2005) ao listar preceitos importantes sobre a educação adultos menciona que as necessidades de aprendizagem individuais precisam ser atendidas, mas no caso deste instrutor vemos que sua didática é bastante voltada para o grupo, sem se dedicar muito as questões individuais de aprendizagem.

Sobre o uso da experiência dos alunos maduros:

Sempre de forma positiva , sempre de forma positiva e procurando encaixar no **contexto generalizado do trânsito** , né , há tempo das pessoas, a gente ouve que a pessoa não vai ter condições de dirigir porque é muito receosa , porque não vai ter coragem de fazer isso ou aquilo e automaticamente a gente vai procurando trabalhar já , de certa forma o psicológico da pessoa , que ser no ritmo dela e até mesmo a compreensão , tem realmente , ainda até hoje tem muita pessoas que não tiveram condições de dirigir um veículo , ter uma noção como funciona , então é tudo muito novo. (ENTREVISTADO 4, linhas 767 a 774).

Notei que a preocupação do discurso era de encaixar tudo no contexto generalizado, ter ritmo de transmissão de informações e cumprir a carga horária com

todo o conteúdo abordado, renegando a utilização da experiência das pessoas no processo.

Entretanto transparece ser uma pessoa bastante interessada na formação, no fim da entrevista ficou um bom tempo trocando informações comigo, nota-se que tem grande potencial de desenvolvimento a partir da sua curiosidade. Contudo a avaliação que posso fazer deste instrutor é que ele é eficiente no processo de passar todo conteúdo necessário, habilidade e conhecimento deste conteúdo, porém o transmite numa forma bastante estandardizada fazendo com que obtenha bons resultados com adultos jovens, podendo ser resultados pouco satisfatórios com adultos maduros.

3.4.3.5 ENTREVISTADO 5, CFC2 Diretora de ensino

A entrevista com a diretora de ensino do CFC 2 foi a que mais vezes foi marcada e desmarcada, somente após a entrevista dos dois instrutores do CFC consegui concretizar a entrevista com a diretora, suponho que estes instrutores a tranquilizaram. Ao apresentar o tema da pesquisa senti desconforto e preocupação da entrevistada. Percebi intranquilidade tanto no entendimento das perguntas quanto nas respostas, tendo bastante dificuldade na articulação destas.

Questiona sobre como acontece a formação do candidato a condutor preferiu de descrever o processo administrativo

A primeira habilitação, tá então, **na verdade o aluno vem faz uma inscrição , mediante esse procedimento da inscrição é feito as etapas , as primeira etapas, médico , psico , enfim , e dependendo da avaliação do resultado ele começa o curso teórico , aí 45 horas , nós temos dois turnos aqui, turno da manhã das 08:30 até o meio dia e o da noite das 18:30 até as 22 horas , resumidamente.** (Entrevistado 5, linhas 924 a 929).

Na verdade, a gente tem um projeto, né, **é feito o projeto do curso teórico e ali a gente trabalha em treze módulo que é a primeira habilitação,** então conforme o módulo, legislação, direção defensiva, meio ambiente, é tudo processado perante esses módulos em quatro horas é isto?. (ENTREVISTADO 5, linhas 933 a 937).

Revela que, apesar de ser diretora de ensino, seu trabalho no CFC, aparentemente, é muito mais administrativo que didático. “Eu não fico muito presente em sala, na verdade eles não me passam muitas a não ser nas reuniões

periódicas, mas eu acredito que sim”. (Entrevistado 5, linhas 958 a 959). Notei que o trabalho que realiza está muito mais próximo da do diretor de CFC do que diretor de ensino.

Em relação aos alunos maduros declarou:

Os guris utilizam os alunos com idades acima de 40, enfim, como modelos nas aulas e aí, principalmente pro pessoal da primeira reciclagem, então eles acabam usando os alunos pra dar exemplos pros da primeira habilitação que a gente acaba tendo a turma mista e, mas, (...Pausa : vou, volta ali, é bem específico porque agora até eu me atrapalhei , tu quer saber se a gente usa eles de modelo pra aula?. (ENTREVISTADO 5, linhas 943 a 948).

Na questão dos objetivos da disciplina mostra um foco na prova,

O que tu diz da grade, das etapas do curso? (Não do processo, assim, dos objetivos, do processo mesmo da aula) **é que ele vai , em tese, isso depois é repassado pra ele fazer a prova teórica , certo, então eu acredito que , o que o instrutor ensinou aqui em aula , é o que ele vai demonstrar no resultado da prova , acredito que seja neste meio.** (ENTREVISTADO 5, linhas 967 a 972).

Quando questionada a respeito da utilização de questões práticas , “Isso vai dá, como é que eu vou te explicar, eu acho que em todos os conteúdos sim, **mas vai depender do desempenho de cada instrutor em levar isso, essa conscientização pro aluno**”. (Entrevistado 5, linhas 984 a 986), neste ponto deu um exemplo de um instrutor que leva os alunos para rua para ver na prática os condutores na rua cometendo infrações.

Em relação a formação de adultos maduros narrou que existem diferenças em ensinar jovens e maduros, mas a declaração mais espontânea e reveladora foi **“Normalmente os meninos gostam mais de dar aula pros mais novos do que pessoas mais velhas”**. (Entrevistado 5, linhas 1005 a 1006).

Como aconteceu com a diretora do CFC 1, esta profissional parece um pouco distante do trabalho que seu cargo exige, suponho que esta tendência pode se repetir em outros centros, onde se este profissional pode não estar realmente sendo utilizado da maneira como deveria, como diretor de ensino parece ser mais um profissional preocupado com os processos administrativos do centro do que com a formação dos condutores.

O afastamento da direção de ensino das práticas de sala de aula demonstra um posicionamento ingênuo em relação à aprendizagem de fato, de

maneira geral, e quando relacionado aos aspectos mais específicos da aprendizagem de adultos maduros, pode ajudar a entender os fenômenos dos resultados deste público que fica muito a mercê do trabalho individual do instrutor. Contudo o trabalho dos diretores e diretoras de ensino pode estar descaracterizado nos centros de formação, pois pode perceber o quanto estes profissionais estão envolvidos em questões administrativas e de rotinas da empresa. Nos dois casos pude verificar que a preocupação com o processo de habilitação como um todo era uma preocupação constante, porém o processo como etapas que necessitam organização e não desenvolvimento pedagógico. Assumir papéis que os deixam longe do processo de formação pode ser um dos motivos do distanciamento destes profissionais.

Assim, este distanciamento que acontece pode ser um aspecto constante nos centros de formação, sendo o aprendizado em sala de aula um processo considerado simples e relacionado, única e exclusivamente na relação entre o candidato e o instrutor, sem o envolvimento da direção de ensino na capacitação destes instrutores para lidar com o público adulto maduro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizei a pesquisa para analisar como acontece a formação de condutores adultos maduros em centros de Formação de Condutores com resultados distintos nas provas teóricas, com base nas teorias que versam sobre como melhor acontece a educação destes adultos. Selecionei dois Centros de formação que tinham o mesmo público devido a sua localização e estrutura, porém tinham resultados diferentes na formação de adultos com mais de 40 anos. Busquei e organizei os dados de resultados de provas de ambos os centros, onde pude perceber o que existem muitas diferenças nestes resultados.

A partir dos dados iniciais dos índices de reprovação, os que me levaram a realizar este trabalho, mostram uma realidade muito desalentadora para quem quer fazer a habilitação com mais de 40 anos, considero que o maior desafio deste trabalho foi analisar o processo de formação para que ele possa ser mais efetivo para este público.

Apesar dos centros possuírem estrutura similar, os processos administrativos são parecidos, assim como o público, então o que fez tanta diferença nos resultados? Neste estudo comparativo, em específico, pude perceber que existe uma diferença significativa na atuação do instrutor do CFC 1 que mesmo de maneira não esclarecida ou formalizada, talvez instintivamente, por experiência ou tentativa e erro, utiliza muitos dos princípios que melhor desenvolvem o adulto. Considero que os bons resultados com pessoas com mais de 40 anos, deste instrutor estão relacionados aos preceitos expostos pelos autores que estudam a educação de adultos. Posso deduzir que a diferença entre os dados de resultados das provas nos dois centros, (reprovação de 13% no CFC 1 e de 27% no CFC 2) estão vinculados a atuação do instrutor do CFC 1 que utiliza os fatores elencados por Ozuah, Knowles, Danis e Balbinotti. Destacando os princípios de Knowles: necessidade de saber, autoconceito do aprendiz, experiências, prontidão para aprender, orientação para aprendizagem e motivação.

Ao analisar o discurso de cada ator do processo de formação pude verificar que nos outros relatos poucas vezes podíamos encontrar fatores que favorecem a formação de adultos, quando o instrutor 1 fala em participação no processo,

utilização da experiência, de ritmo individual de aprendizado, utilização de teatro na aula e muitos outros fatores positivos na formação do adulto vemos o quanto estas práticas podem ajudar o adulto maduro no seu desenvolvimento e na busca de seu objetivo de ser habilitado. Já os instrutores do CFC 2 tem resultados muito bons com adultos jovens, isso decorre da sistemática voltada ritmo em grupo e didáticas generalistas voltadas a realização da prova, além de, conforme declaração da diretora de ensino, gostarem mais de dar aula para jovens. Isso esclarece muita coisa, quando o docente tem um público preferencial pode haver um abandono dos outros públicos.

A grande conclusão que pude tirar deste estudo é que as teorias desenvolvidas há décadas sobre educação de adultos podem funcionar no processo de formação de condutores adultos maduros, mas também pude verificar que esta utilização, quando existe, está na prática do instrutor e longe de ser algo institucionalizado, algo que seja preocupação do centro de formação de condutores. Isso faz com que exista um desafio de fazer com que os centros de formação de condutores enxerguem este cenário e se preparem para esta crescente demanda de pessoas com mais de 40 anos e as práticas necessárias para lidar com os anseios destes. Acredito que o Detran seja o responsável por este desafio, pois é o responsável e legal pela formação dos condutores e a forma com que possa trazer este assunto ao CFCs possa ser através de fóruns, palestras, cursos voltados para atuação na formação deste público, ou mais especificamente criar processos de formação continuados de instrutores capacitados para formação de adultos maduros.

Ao analisar o processo de formação adulto maduro e pesquisar sobre a vida adulta, suas fases e desafios, percebi o quanto precisamos evoluir e adequar as práticas de educação para atender essas pessoas, que, como vimos, serão a grande maioria em poucos anos, aliás seremos a maioria. Assim este estudo tenta trazer à tona o assunto, evidencia quão importante são as ações educativas voltadas a esse público específico, e quanto existe a possibilidade de melhorar a formação de pessoas maduras utilizando práticas e técnicas adequadas a elas, mas o que fica de alento é que com uma preocupação maior com este público, adequação das organizações e docentes para lidar ele temos a grandes possibilidades de melhorar muito as oportunidades para pessoas com mais de 40 anos que queiram se habilitar.

Sem nenhum milagre, sem nenhuma mágica, simplesmente adequando a formação as necessidades destas pessoas. Parece simples e fácil, mas muitas vezes esta simplicidade não acontece na prática, interesses e custos muitas vezes transformam um sistema simples em complexo, fazendo com que as mudanças não aconteçam, contudo considero que o conhecimento que agora adquiro pode me ajudar a lutar pelo tema, trazer a luz do Detran esta demanda, pois sou administrador no Detran, posso e devo me engajar , criar e apoiar projetos que ajudem a desenvolver o processo de formação para este público, pois as pessoas entrevistadas demonstraram bastante interesse, nota-se um campo que possui grande potencial de desenvolvimento.

No decorrer do trabalho aprendi, refleti e principalmente me envolvi muito com o tema, assunto fascinante, importante e de grande relevância hoje e no futuro. Amadureci minha visão de envelhecimento, as minhas próprias perspectivas de futuro e vi o quanto precisamos nos preocupar com a educação das pessoas por toda sua vida e o quanto a vida real, cotidiana precisa da utilização na prática das teorias que ajudam a melhor desenvolver as pessoas para o bem delas e da sociedade.

Finalizando este trabalho, aponto para os desdobramentos que possam vir, desejo que este estudo contribua para o tema crescer na esfera dos CFCs, e que de alguma forma possa ajudar na discussão sobre os aspectos teórico-educacionais e auxiliar na inserção mais digna de adultos maduros e na sequência de idosos, para tenham a chance de continuar se desenvolvendo. Desejo ainda que este trabalho possa inspirar outros que virão, outras pesquisas, criando um ciclo cada vez mais viável ao tema.

REFERÊNCIAS

BALBINOTTI, Helena Beatriz Finimundi. **A personalidade do adulto maduro: Reflexões da Clínica Psicológico-Helena Beatriz Finimundi.** São Borja:Conceito,2012.

BALBINOTTI, Helena Beatriz Finimundi. **Adulto maduro: a vida a partir dos 40 anos: conflitos, desafios e reconstruções.** São Borja: Conceito, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL, LEI Nº 12.302, DE 2 DE AGOSTO DE 2010 Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12302.htm acessado em 02/09/2016. Acessado em 30/05/2016

BRASIL, Resolução nº 168/2004 do CONTRAN. Disponível em <http://www.denatran.gov.br/resolucoes.htm> . Acessado em 30/05/2016.

BRASIL, Resolução nº 285/2008 do CONTRAN. Disponível em <http://www.denatran.gov.br/resolucoes.htm> . Acessado em 30/05/2016.

BRASIL, Resolução nº 33/1998 do CONTRAN. Disponível em <http://www.denatran.gov.br/resolucoes.htm>. Acessado em 30/05/2016.

BRASIL, Resolução nº 74/1998 do CONTRAN. Disponível em <http://www.denatran.gov.br/resolucoes.htm>. Acessado em 30/05/2016.

COSTA, Klébia Ribeiro da. **Letramento no trânsito: eventos e práticas na formação de condutores de veículos.** 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

DE CARVALHO, Jair Antonio et al. **Andragogia: considerações sobre a aprendizagem do adulto.** Ensino, Saúde e Ambiente, v. 3, n. 1, 2010.

DANIS, Claudia; SOLAR, Claudie. **Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos: uma perspectiva.** DANIS, C.; SOLAR, C.(Coords.). Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos. Tradução Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, p. 11-20, 2001.

DANIS, Claudia. **Processos de aprendizagem dos adultos numa perspectiva de desenvolvimento.** DANIS, C.; SOLAR, C.(Coords.). Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos. Tradução Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, p. 21-93, 2001.

DANIS, C.; SOLAR, C.(Coords.) **Da ruptura à transformação: o caso da iniquidade. Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos.** Lisboa: Instituto Piaget, p. 115-153, 2001.

FELIX, J. S., **O planeta dos idosos**, entrevista de Alexandre Kalache, coordenador do programa de envelhecimento e longevidade da OMS, São Paulo, Revista Fator, edição do Banco Fator, 2007.

HRIMECH, M. **O desenvolvimento da especialização no adulto: papéis da motivação, da metacognição e da auto-regulação.** DANIS, C.; SOLAR, C.(Coords.). Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos. Tradução Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. p. 217-253.

Evolução recente da rotatividade no emprego formal no Brasil - Marcio Pochmann disponível em:
http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5820/1/NT_n03_Evolucao-recente-rotatividade-emprego_Presidencia_2009-set.pdf . Acessado em 09/06/2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica número 34 - **Síntese de Indicadores - Sociais Uma análise das condições de vida da população brasileira.** 2014 acessado em 09/06/2016. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>

KNOWLES, Malcolm S. (Malcolm Shepherd). **Aprendizagem de resultados [recurso eletrônico]: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa.** Rio de Janeiro : Elsevier, 2011.

_____. **The modern practice of adult education: Andragogy vs. pedagogy.** 1970.

_____. **The modern practice of adult education.** Chicago, IL: Association Press Follett, 1980

KNOWLES, Malcolm S.; HOLTON III, Elwood F.; SWANSON, Richard A. **The adult learner: The definitive classic in adult education and human resource development.** Elsevier, 6ª edição, 2005.

KNOWLES, M. S., & Associates. **Andragogy in action: Applying modern principles of adult learning** (1st ed.). San Francisco, CA; Washington, D.C.; and London, England: Jossey-Bass. 1984.

LACERDA, M. P. C. ; GODINHO, J. M. . **Desafios à Universidade: A questão das pluralidades juvenis.** In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul Reunião Científica Regional da ANPED, 2014, FLORIANÓPOLIS. CADERNOS DE RESUMOS. Florianópolis, 2014. v. 1. p. 1-18.

LABELLE, J. **Reciprocidade educadora e conduta epistêmica de desenvolvimento da pessoa.** DANIS, C.; SOLAR, C.(Coords.). Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos. Tradução Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, p. 95-113, 2001.

LEGENDRE, M. **Contribuição do modelo da equilibração para o estudo da aprendizagem no adulto.** DANIS, C.; SOLAR, C.(Coords.). Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos. Tradução Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, p. 155-216, 2001.

MINAYO, MCS., and COIMBRA JUNIOR, CEA. orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 209 p. ISBN: 85-7541-008-3. Available from SciELO Books .

MOROSINI, Marília Costa. **Estado de conhecimento e questões do campo científico.** Revista Educação, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, jan./abr. 2015.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Educação: novas perspectivas.** Livraria Sulina Editora, 1974.

MOSQUERA, J.J.M. **Vida Adulta. Personalidade e desenvolvimento** (2ª ed.). Porto Alegre: Sulina. 1978

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus D. **Educação para a Saúde.** 2.ed. Porto Alegre:D.C. Luzzatto, 1984.

OZUAH, Philip O. (2005, March). **First, there was pedagogy and then came andragogy**. Einstein Journal of Biology & Medicine 21, no. 2: 83-87.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições Sobre Educação de Adultos**. 8.ed. São Paulo. Cortez, 1993.

RAAD, Alexandre José; CARDOZO, Aline Maria; NASCIMENTO, Marília Almeida e ALVES, Gledson Lima. **A ansiedade no processo para obtenção da Carteira Nacional de Habilitação**. Psic [online]. 2008, vol.9, n.2 [citado 2016-10-11], pp. 245-249 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142008000200013&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1676-7314.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14.ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVESTRE, António. **Análise de dados e estatística descritiva**. Escolar editora, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3ª Edição, Bookman editora, 2006.

Entrevistas.

ENTREVISTADO 1, CFC1 Instrutor1. Entrevista concedida a Silvério Kist. Porto Alegre, 4 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta dissertação]

ENTREVISTADO 2, CFC1 diretora. Entrevista concedida a Silvério Kist. Porto Alegre, 4 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta dissertação]

ENTREVISTADO 3, CFC2 Instrutor1. Entrevista concedida a Silvério Kist. Porto Alegre, 16 de ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]

ENTREVISTADO 4, CFC2 Instrutor2. Entrevista concedida a Silvério Kist. Porto Alegre, 18 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]

ENTREVISTADO 5, CFC2 diretora. Entrevista concedida a Silvério Kist. Porto Alegre, 23 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]

5. ANEXOS

Roteiro da Entrevista para os instrutores e diretores de ensino

Descreva como acontecem as suas aulas?

Existe a exposição dos objetivos da disciplina, como isso acontece?

Você, nas aulas verificou a utilização da sua experiência e dos demais alunos?

Conseguiu ou consegue desenvolver questões pessoais de aprendizagem dos alunos?

Como é a participação dos alunos no processo?

O tempo fornecido é o suficiente para assimilar assuntos ensinados?

Existe a possibilidade de praticar e aplicar o que se aprende?



Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o a pesquisador Silvério Kist, a desenvolver o seu projeto de pesquisa “Educação De Adultos Maduros No Sistema De Formação De Condutores: Um Estudo De Caso Comparativo a Partir dos Resultados de Provas Teóricas” que está sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Edla Eggert cujo objetivo é Analisar como acontece a formação de alunos adultos maduros em dois Centros de Formação de Condutores.

A aceitação está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 196/96 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa.

Porto Alegre , em ____/____/_____.

Nome/assinatura e carimbo do responsável pela Instituição

Apêndice A

1 **ENTREVISTADO 1, CFC1 Instrutor1- 04 de agosto de 2017**

2
3 1. O senhor poderia me descrever assim rapidamente como funcionam as
4 aulas teóricas.

5
6 As aulas teóricas funcionam da seguinte forma, nós temos um plano de aula
7 onde a gente dá todo o conteúdo aula por aula, 15 módulos diferentes sendo as 45
8 horas aulas todas e juntamente também com pessoas que fazem também somente
9 reciclagem, juntas reciclagem e aula juntas.

10
11 2. O senhor vê alguma diferença entre a educação ou como as pessoas
12 aprendem, os com menos de 40 anos e os com mais de 40 anos?

13 sim, o idoso maduro, o adulto maduro , acima de 40 anos sempre tem mais
14 dificuldades, inacreditavelmente porque principalmente o lado feminino, porque são
15 pessoas que perdem os entes que dirigiam na família e hoje tem um carro lá , então
16 saem desesperadamente procurar um jeito de aprender a dirigir, mais ou menos
17 neste sentido, enquanto o jovem já vem com algum conhecimento de revista, de um
18 amigo , dele, que ensinou ele a dirigir ou o pai ou a própria mãe, o padrinho, um tio,
19 já sempre dão um empurrãozinho, fica mais tranquilo.

20 3. E na sala de aula assim tem alguma uma dificuldade dos outros, o senhor
21 sente alguma coisa assim

22 O adulto acima de 40 anos ele pergunta bem mais, ele é muito mais detalhista
23 que o jovem, bem mais, muito mais detalhista.

24 4. Quando faz esse trabalho de exposição de aulas teóricas tu trabalha com
25 algum tipo de exposição de objetivos da disciplina.?

26 Eu trabalho por disciplina, né , por exemplo, aulas teóricas de legislação,
27 ponho no quadro o conteúdo, acompanha se um pouco no livro, mas o livro não tem
28 aquela condição de por exemplo de estar atualizado com as coisas novas que vão
29 entrando enquanto que eu me atualizo e passo ao alunos isso, no caso de ação
30 defensiva, primeiros socorros, tudo é passado com a atualização independente com
31 o conteúdo do livro, eu procuro fazer com que fosse diretamente voltado para
32 educação deles como futuros condutores.

33 5. Esse alunos que falam mais , que participam mais, como o sr lida com
34 relatos em relação a experiência que eles tem, experiência tanto de vida quanto de
35 trânsito, que eles trazem estes relatos?

36

37 Eu dou um tipo de aula como se fosse , eles chamam, meus colegas,
38 de professor de cursinho, que dou a aula batendo na mesa, eu dou a aula gritando,
39 dou a aula fazendo, induzindo eles a errar, pra poder botar na cabeça deles, que
40 eles tem que acertar que a prova do DETRAN tem pegadinhas , boto esse tipo de
41 coisa pra chamar a atenção e quando eles tem problemas no intervalo, a algo
42 aconteceu[SK1] comigo, meu marido, minha esposa, o que eu faço, eu ouço eles
43 para fazer eles se aproximarem de mim, essa é minha tática de aula, tem dado
44 bastante certo. (eu :usar a experiência deles a favor da questão da aprendizagem) ,
45 tranquilamente , tem que usar porque se você for contra eles tu não vai conseguir
46 botar na cabeça deles o conteúdo que você quer, eles já são por natureza ,
47 principalmente o maduro, por natureza mais resistente, então o de reciclagem é
48 totalmente resistente, ele entra aqui diz assim , isso aqui é besteira, eu já conheço
49 tudo, e eu dentro de uma linguagem próxima disso eu digo se você conhecesse tu
50 não estaria aqui. Então esse tipo de coisa eu uso bastante.

51 6. Como o senhor trabalha as relações em relação às questões pessoais de
52 aprendizagens dos alunos, que às vezes tem alunos que são diferentes uns dos
53 outros, considerando os alunos maduros.

54 Esse é o aluno que eu mais pergunto, esse é o que eu faço errar para
55 aprender, esse eu brinco com ele, esse eu dou tapinha nas costas, eu digo que o
56 bigode dele é um nariz sublinhado, eu faço ele gostar de mim, para poder entender o
57 que eu estou explicando, boto na prática, digo isso, conto um caso, uma coisa
58 assim.

59 7. Em relação ao processo, os alunos têm algum tipo de participação no
60 processo, ou tu definiu mais ou menos como é o processo, e as vezes tem um pouco
61 mais digamos assim, orgânico no sentido de não ter tanta participação deles na
62 definição de como tu dá aula.

63 Tu diz, aquele plano de aula? Aquele plano de aula é muito flexível , eu por
64 exemplo , se a turma não me acompanhar eu não tenho por exemplo na quarta-feira
65 o módulo número 4 eu vou dar tal coisa, eu tenho isso no plano de aula, mas se no
66 módulo número 3 eles não me acompanharam eu sempre reservo de quinze a vinte

67 minutos pra da aula anterior para que eles possam me acompanhar, não deixo
68 ninguém pra trás, enquanto eu fizer uma pergunta e eles tiverem dúvidas eu não
69 saio do módulo, sempre deixo eles , os outros ficam meio assim até, a gurizada em
70 relação ao pessoal mais maduro, ficam um pouco invocados, mas tu já falou sobre
71 isso , gente já falei sobre isso , mas tem gente aqui que ainda não entendeu.

72 8. Justamente aqui em relação a isso pergunto, o tempo fornecido é
73 suficiente para assimilar os assuntos? É o caso que tu já disseste que tu vai te
74 adaptando.

75 Eu vou adaptando o tempo a assimilação por parte deles.

76 9. Na sua disciplina existe como praticar ou aplicar o que se aprende?

77 (Pensativo). Eu tenho tentado fazer um teatro, pedalar, usar pedal e
78 embreagem, freio, acelerador, dirigir pra botar o posicionamento de mão, setas pra
79 direita pra esquerda, e as vezes tem dado um resultado impressionante.

80 10. Já falou um pouco disso, mas eu queria que tu falasse um pouco mais, se
81 existe quais são as diferenças entre ensinar jovens e ensinar adultos maduros.

82 Ensinar jovem basicamente é tirar os vícios que eles acham que sabem dirigir
83 e na realidade eles não tem a mínima noção, eles tem aquela noção daquela parte
84 mecânica, embreagem , freio , acelerador, trocar de marcha, mas eles não têm a
85 noção do que é usar a direção defensiva, respeitar legislação, respeitar meio
86 ambiente, atitudes de primeiros socorros, então o jovem neste sentido que eu dou a
87 aula anterior no começo, porque o adulto maduro já me entende bem mais, a própria
88 experiência de vida dele , ele tem alguma dificuldade geralmente em legislação , as
89 vezes porque ficou por muito tempo sem estudar, então ele já não tem mais o hábito
90 de estudar e ele não sabe nem mais escrever direito e não deixa de poder de ser um
91 motorista ou um condutor..

92 11. E essa relação que existe do adulto madura em relação, porque eles
93 trazem uma experiência maior de vida, e tem objetivos às vezes muito mais
94 específicos em relação a própria vida, você acha que em sala de aula tem como se
95 trabalhar bem essa questão da utilização da experiência e objetivos deles?

96 Eu te dirá que não vejo com tanta facilidade assim para do adulto que está
97 tirando a primeira carteira de habilitação, esta relação que tu me deste ai é melhor
98 feita e melhor aceitável quando ele está fazendo reciclagem ele já é um condutor,
99 agora quando ele é novo estas coisas assustam muito eles, tanto homens quanto
100 mulher, tu nota que tu está dando a aula e eles estão vidrados em ti, estão querendo

101 pegar detalhes, se eles não ouvirem isso aqui, eles me perguntam, eu dou liberdade,
102 e quando eu vejo que ele não está entendendo eu para e faço uma pergunta pra ele,
103 então não estou entendendo , então vou te explicar de novo, ai, começo por partes,
104 porque bem difícil pra pessoas que estão a muito há tempo sem estudar começar a
105 vir para uma sala de aula, pra quem tem carteira, as vezes tem uma faixa etária de
106 55 60 65 como tinha aqui um senhor com 91 anos, semana passada, ai fazendo
107 reciclagem, eles nunca tiveram uma aula teórica na vida, certo, então como é que eu
108 vou fazer, vou chamar eles, mas isso não pode ser assim, no começo vamos botar
109 uma coisa na cabeça , reciclagem não é castigo é um oportunidade de fazer
110 conhecimento das novas regras de trânsito, isso eu deixo bem claro sempre.

111 12. A quanto tempo o senhor trabalha com as aulas teóricas neste CFC?

112 Neste Quatro anos.

113 (então nos últimos quatro anos todos que passaram por aqui foi o senhor que
114 deu as aulas)

115 Eu também implantei o três turnos diferentes, dou aula de manha um módulo,
116 de tarde outro e de noite outro, eu dou estes três turnos, não tem nenhum outro CFC
117 que pode começar o dia que quiser , pode começar no 5 4 no 10, total flexibilidade, o
118 único cfc de porto alegre que é assim, eu fiz isso , claro, com o consentimento do
119 pessoal, da direção.

120 13. Se o senhor fosse dar um conselho pra quem está começando a
121 trabalhar com aulas teóricas pra cfc como instrutor, quais os principais tópicos que o
122 sr daria para trabalhar com adultos maduros?

123 Primeiro ter um pouco de conhecimento de vida, depois conhecer trânsito,
124 bastante, e depois ter prazer em fazer o que se faz, ou seja, explicar com
125 consciência, explicar não mecanicamente, mas tu tem que gostar daquilo que tu
126 faz, porque aí tu vai fazer uma coisa boa, eu tenho , como nem jesus cristo agradou
127 todo mundo, mas , eu aposto que se nós formos ali no corredor agora e passar por
128 dez alunos, é oi professor, e Carlos, vem cá, e da beijo e isso e aquilo , todo mundo,
129 mas tem um lá que outro, mas é meu jeito de ser, a pessoa tem que ter um
130 conhecimento, uma coisa que eu nunca fiquei devendo, e acho que não pode ficar
131 devendo, é conhecimento, é o cara te fazer uma pergunta e tu não souber
132 responder, em última das hipótese, tu tem que , amanhã eu te respondo isso porque
133 eu não tenho esse conhecimento, mas faça isso, responda para esta pessoa, não
134 deixar a pessoa sem a resposta, isso é básico em teórica, básico, eu já trabalhei em

135 outros CFC que a gente trabalhava o carro dentro da aula, e tal, mostrava com a
136 lanterninha de laser , mostrava, eu tenho um certo conhecimento muito bom de
137 mecânica, já dei aula no SENAC , então a gente se vira neste sentido, conhecer
138 particularmente pra dizer, conheço o que eu estou fazendo.

139 14. A parte pedagógica de como o senhor lida, dá suas aulas, o senhor tem
140 uma fundamentação, o senhor fez algum curso ou foi através da experiência?

141 Eu tenho vários cursos, vários cursos, porque eu sou formado em teatro
142 também, então eu tenho a facilidade da Comunicação, eu tenho, mais isso eu tive,
143 eu fui gerente das casas Bahia, então só nas casas Bahia em três anos lá , a gente
144 fez uns 20 cursos, para como lidar com público, de como resolver os problemas,
145 mas eu já tinha isso, em meio de boca, comunicação e tal , foi aonde eu resolvi em
146 trabalhar com CFC, gostava de , eu trabalho com o CFC desde que era autoescola,
147 são Paulo, no mato grosso , no acre, (faz muito tempo?) Alguma coisinha, dei aula
148 de carteira D carteira E sou instrutor prático, fui eu e um colega que implantamos
149 aqui o simulador, já dei aula de moto, alguma coisinha a gente entende disso, (O
150 senhor gosta do que faz?) Gosto do que faço, se não fosse o seria o ideal (faz sinal
151 de dinheiro com os dedos) (se não o dinheiro) o dinheiro, muito muito fraco, muito,
152 se não fosse o dinheiro seria o emprego ideal, (você acha que a restrição econômica
153 pode der repente afastar boas dessa área?) muita certeza, te dou a maior certeza do
154 mundo, a razão econômica é algo que tira todo mundo, mesmo porque é , nós
155 ficamos vibrando quando ouve até uma intenção , só poderia dar aula quem tivesse
156 carteira D e tivesse curso superior , para nós seria ideal, por que? Porque poderia se
157 pedir uma valorização disso, e hoje em dia não é assim, tem maus profissionais
158 empregados e bons profissionais desempregados. (Quais são os requisitos, hoje,
159 para poder ser instrutor de trânsito?) Carteira mais de dois anos, fazer o curso de
160 três, quatro meses, eu fiz o meu no IDC na Faculdade e pode se fazer no SENAI , na
161 PUC , tinha também, não sei se tem ainda e tem que ter o ensino médio completo, e
162 não pode ter multa grave ou gravíssima na carteira e tal.

163 15. Mais alguma coisa que o senhor gostaria de falar sobre a questão de
164 formação de pessoas, com relação a teoria e principalmente sobre a formação de
165 adultos maduros?

166 Bom, sobre formação , eu teria só uma reclamação, a formação é feita e
167 depois tu não recebe nada do DETRAN , nada , eles nem sabem que tu é um
168 teórico, tu não recebe absolutamente nada deles, o nosso maior problema na prática

169 , nós ensinamos uma coisa e os examinadores cobram outra, certo, tu dá uma
170 disciplina e eles cobram outra coisa, não existe o bom senso, porque , eu tive a
171 oportunidade de dar aula em um outro país , certo, uma coisa que eu nunca admiti
172 no Brasil, por exemplo, quer ver uma coisa, como é que eu vou fazer, aqui a maioria
173 , 90% roda na baliza, aí eu te pergunto, quantas vezes tu viu no jornal, televisiva ,
174 falado, que alguém morreu que estava estacionando o carro , eu acho que tu nunca
175 ouviu, nem eu, quantas vezes tu ouviu que um carro na Freeway a 100 quilômetros
176 por hora ou na RS-040 foi ultrapassar, não sabia ultrapassar, não sabe frear , a esse
177 ponto, morreram várias pessoas, isso nós vimos várias vezes, e por que dão tanta
178 ênfase a coisas que não tem o mínimo cabimento como estacionar? Que hoje em
179 dia tu pega teu carro e larga pro manobrista estacionar onde tu for , e é uma coisa
180 que tu pega com a prática, e não dão bola pra, tu tem que andar até 40 por hora em
181 primeira, segunda e terceira, ai tu tira a carteira de habilitação e tu tá habilitado para
182 colocar primeira , segunda e terceira, tu não sabe frear a 60 , tu não sabe
183 ultrapassar a 80 , tu não sabe andar em dia de chuva. Nós temos esse exemplo , o
184 Chile, é um troço bem diferente disso, eles dão ênfase , não pra aquele cara que
185 deixa apagar, porque eu , instrutor, já deixei apagar várias vezes, e já dei aula de
186 tudo quanto é tipo de carro , então não tem , esse tipo de coisa é uma coisa que
187 aborrece bastante, nada é considerado bom senso , às vezes sabe que o cara
188 dirige bem e a gente sabe que também que ninguém usa os piscas sempre, e isso é
189 muito ruim, pra pessoas maduras é muito pior , porque o jovem, como eu falei
190 anteriormente, ele aprende isso rápido e aceita isso aí, mas as pessoas que já
191 entendem isso ficam pasmas (senso crítico) , não tem como , meu deus do céu,
192 porque eu deixei o carro , não botei o carro na baliza, tá se tu bateu , isso e aquilo,
193 aquele outro, ai é outra coisa, mas não ter o bom senso de chegar e não saber
194 exatamente onde é o meio da rua pra dar um pisca pra esquerda , para converter ,
195 ou tu fez um pouquinho mais fechado a curva e não veio ninguém, isso é um
196 absurdo , isso desmancha, porque tu passa 20 às vezes 30 , 40 horas aula lá na
197 prática mostrando pro cara certinho , na hora o cara fica nervoso e faz um errinho ,
198 rodou na prova, sabe, tu faz aqui na sala de aula, tu demonstra, tu ri , tu brinca, tu
199 faz eles grudarem, ai chega ali na prova, a prova é uma grande besteira, tem , é um
200 ridículo, não prova nada , até que me provem o contrário, já pedi pra alguém me
201 provar que essa prova teórica faz algum efeito, assim como eu já pedi pra provar
202 que o exame psicotécnico faz algum efeito , não faz, esse exame psicotécnico não

203 faz, e tem gente aqui, como eu brindo, tem gente que caminha vendo os outros
204 andando, são pessoas que não tem a mínima iniciativa, eu digo em aula, tem gente
205 que vai dirigir , tem gente que vai andar com o carro , são coisas totalmente
206 diferentes. 04 de Agosto de 2017.

241 eles , mas eu acho que as pessoas que tem um nível mais baixo eles tem mais
242 dificuldades sim pra pegar a matérias, então a gente deixa, eles fazem , terminaram
243 todo curso e voltam mais aquelas, eu vou fazer hoje só legislação , direção
244 defensiva que é a matéria que eu to mais , eu acho que é mais difícil de interpretar
245 né, eu acho que é isso.

246 3. Mais especificamente em relação aos adultos maduros , o adulto maduro
247 são aqueles com mais de 40 anos, eles , as vezes, uma dificuldade maior de passar
248 na prova, tu sabe me dizer se vocês tem algum tipo de , lidam diferente com eles, se
249 usa mais a experiência deles, tem alguma coisa assim ? ou não tem nada em
250 relação a isso?

251 Não, não tem , eu acho que isso vai do instrutor , o instrutor é que, ele, a
252 maneira que eles dão a aula é a mesma , mas eles tem uma maneira de dar , assim,
253 para uma pessoa que tem, assim , mais dificuldade , eles tem que transmitir de uma
254 outra maneira pra tentar eles interpretar , entenderem melhor , porque os alunos que
255 tem mais dificuldade , esses que são acima de 40, 50 anos , tem alunos de até 60 e
256 poucos anos , eles tão, tem muitos alunos desses que eles vem e ficam , como é
257 que eu vou dizer, eles, dá a impressão que eles não querem tirar a carteira, eles
258 querem aprender , tem muitos que não chegam a fazer nem prova , mas eles
259 querem aprender a dirigir então eles , tem uns que chegam a fazer mais de 100
260 aulas , né, e eu acho que é muita paciência do instrutor , é muito, eles também ,
261 além de ser um instrutor eles tem que ser um pouco psicólogos daqueles alunos , os
262 alunos vem com (tu acha que tem que ter uma relação direta nas questões pessoais
263 da aprendizagem deles?) Tem , tem também, tem, eu acho que tem (porque se tem
264 alguns que voltam e fazem , e ai as vezes é importante , pode ser importante , as
265 vezes pro próprio instrutor ou pro CFC verificar que aquele tem algumas questões
266 pessoais de aprendizagem que devem ser consideradas?) Tem, tem sim , eu não
267 digo nem , assim , só aluno maduro , assim falando , mas tem alunos , também que
268 a dificuldade de , como é eu vou dizer, eles tem mais dificuldade..... de pensar , de ,
269 e são alunos até novos , tem um menino novo aqui de 20 , 20 e poucos anos , mas
270 ele tem tanta dificuldade que a gente teve que entrar na parte particular dele , né ,
271 pra ver o problema, pra ver o , digamos, assim, qual é a maneira, o instrutor já não
272 sabia mais como ensinar ele a dá aula , porque ele , ele tem tanta dificuldade esse
273 menino que a gente foi obrigado a chamar os pais dele pra ver porque esse menino
274 quer tirar a carteira , porque a gente tá vendo que ele vai , não tem condições

275 nenhuma , além disso o financeiro que vai entrar nesta parte , o menino vai acabar ,
276 pagando , pagando , pagando , pagando aula e não vai conseguir tirar a carteira ,
277 então , o instrutor acaba entrando na parte particular deles, pra ver o que , que , né ,
278 que maneira que ele pode ajudar este aluno e tem muito esses alunos de , maduros,
279 que eu acho que eles vem sim , pra tirar talvez aquele trauma que eles tiveram de,
280 porque não tiraram a carteira 20 anos atrás e vem agora pra tirar a carteira , né, por
281 que eles vem fazer isso? Aí a gente entra , os instrutores acabam conversando
282 assim com eles e entrando um pouco na intimidade sim, e acabam descobrindo a,
283 eu só vim agora porque eu fiquei viúva, meu marido nunca deixou eu tirar a carteira
284 e agora eu resolvi fazer , não sei nem se vai conseguir , mas ela vai, mas vão tentar
285 até , né , e , tirar a carteira mas, muitos desses não tiram , muitos não conseguem ,
286 muitos não , muitos não conseguem , eu acho que eles , sim, só pra , conversar, pra
287 desabafar , pra , tirar um , eu vou tentar um dia tirar a carteira , nem que , não
288 consiga , eu tenho uma senhora que já tem , olha, mais de 200 aulas , abrimos 4 ou
289 5 RENACHS, e ela volta e faz 10, 20 aulas e continua e faz a prova e não consegue
290 e vai de novo não essa aí não desiste.

291 4. Existe alguma participação do aluno no processo de aprendizagem?

292 Participação do aluno no processo , como assim? (Na participação na criação
293 , de como o processo acontece, em alguma motivação do processo, no processo de
294 aprendizagem) Não, eu acho que não , não ,

295 5. Na questão da aprendizagem você acha que o tempo fornecido para o
296 aluno é o suficiente para assimilar os assuntos ensinados?

297 Não , na teórica eu acho que é o suficiente , na teórica eu acho que sim, mas
298 na prática eu acho que não é suficiente, não. (fica só na teórica) , na teoria eu acho
299 que é o suficiente sim,

300 6. Nas aulas teóricas tem alguma maneira de tentar colocar em questões
301 mais práticas o conteúdo que é ensinado?

302 Questões mais práticas? olha, tu diz na aulo desse nosso instrutor? eu acho
303 que não , eu acho que aula que ele dá é bem expositiva sim , eu acho que eles
304 participam bastante eu acho que a participação é grande sim, acho que a prática
305 não.

306 7. Tu acha que existe diferenças entre ensinar adultos jovens e adultos
307 maduros?

308 Adultos Jovens? (Adultos jovens seriam de 18 a 40 anos) Tá, (e adulto
309 maduro seria com mais de 40 anos) a maneira de ensinar tu diz? (Existe diferença
310 entre ensinar um e ensinar o outro?) eu acho que existe, mas na sala de aula tu
311 fazer isso eu acho que é difícil, mas eu acho que existe, existe, só que eu acho
312 que, existe mais da parte deles, haaaaa um jovem aprender e um adulto, não digo
313 um adulto, mas mais de 40, né com tu fala, em aprender não só pela idade mas
314 pela escolaridade também, isso influencia muito, não só a idade.

315 8. Se uma pessoa hoje quisesse trabalhar como instrutor o que você diria que
316 seria um conselho ou o que eles precisariam saber para lidar com adultos maduros?

317 O instrutor? sim eu acho que primeiro ele tem que ter muita paciência,
318 conhecimento do quê ele tá adquirindo pra transmitir , porque pra ti e gostar muito do
319 que tu tá fazendo , porque se tu não gosta, tu não conseguir transmitir de uma
320 maneira boa, né , a aula que tu vai ensinar pro aluno, né , porque principalmente
321 porque tu vai pegar gente , varias especie, pessoas calmas, pessoas mais agitadas,
322 então, eu acho que o instrutor tem que saber lidar com qualquer tipo de pessoa, né.

323 9. Em relação a formação do instrutor teórico, hoje a legislação diz que ele
324 tem que ter ensino médio e tem que ter feito o curso de instrutores de trânsito , né ?

325 Sempre teve né, pra fazer não é hoje que , (sim, hoje eu digo , como está
326 colocado, sempre teve) A , sim, sim, sim (Você acha que está formação é
327 suficiente?) Eu acho que, eu acho que é suficiente, eu acho que é, claro que se
328 tu pegar um instrutor que tem um nível de escolaridade, vai tipo, um superior,
329 alguma formação , seria mais , é porque assim, não adianta ele ter só segundo grau
330 e ter o curso de instrutor e não saber lidar, não saber transmitir a aula, né, ele tem
331 que ter um maior conhecimento, um conhecimento didática, tipo, sei lá, ele foi
332 professor, foi até professor de nível de primeira a quarta série, digamos, mas ele
333 tem mais didática para trabalhar com alunos, né, eu acho que é importante ter, ser
334 pedagogo , sei lá ter uma formação mais , um nível maior , eu acho que seria
335 interessante isso .

336 10. Tu considera que a remuneração dos instrutores , ela, assim , de maneira
337 geral , ela é adequada?

338 Remuneração, eu acho que não, eu acho que, principalmente na parte
339 prática, porque a parte prática eles, é o foco, na verdade do aluno que entra pro,
340 vem pro CFC para tirar habilitação, eles pensam mais, não pensam nem tanto na
341 teórica, mas já querem pegar, eu acho que a prática é o principal, e eu acho que

342 os instrutores como lidam no trânsito que é uma responsabilidade muito forte, né,
343 uma responsabilidade grande deles, o stress no trânsito, tempo de aula que eles
344 dão, o dia todo, eu acho que poderia ser mais remunerado assim, (o teórico) é o
345 teórico , até , acho que a remuneração não é tão ruim assim não, vai depender de
346 quantos turnos ele dá , né , também, mais eu acho que a teórico tá mais ou menos
347 de acordo assim, claro se a gente vai pensar isso, vai tá todo mundo mais , né ,
348 num nível maior , então vamos subir o teórico, o diretor , o diretor de ensino , prática
349 , todos, todo mundo ganhar um pouquinho mais , é, mas é que , não adianta é, o
350 Brasil é assim , né, eles não são muito, muito bem remunerados acho que em tudo ,
351 tudo quanto é classe de profissão né, olha os professores aí, tá muito difícil.

352 11. Poderia falar , mais ou menos assim, algumas coisas gerais , livre assim,
353 sobre formação de adultos , experiências que tu tiveste , ou qualquer coisa que tu
354 queria falar sobre adultos maduros, com mais de 40 anos?

355 Eu acho que é importante tirar a habilitação, fazer, tirar a carteira, né, porque
356 hoje em dia eles não querem mais, ninguém vai depender de outra pessoa que
357 dirige, né, tu tem que ter tua liberdade pra dirigir , pra fazer qualquer coisa, então,
358 não importa se tu tem 30 anos , se tem 40 anos, tem 50 anos eu acho que é
359 importante tu , ja que tu tem essa vontade de aprender a dirigir , acho que tem que
360 tentar assim , eu acho que vale a pena , né, a gente já viu várias pessoas
361 conseguindo, vários não conseguem , mas muitos pessoas, se tu tem aquele
362 esforço, acho que consegue , sim, tirar a carteira,

363 12. Quais tu acha que os maiores motivos deles, às vezes, não conseguirem?
364 Principalmente , na parte teórica , que tem gente que até na teórica tem dificuldade.

365 É mas na teórica é poucos, é poucos, é raro aqueles que , a não ser aqueles
366 que tem uma escolaridade muito baixa, senão tu consegue, na teórica tu consegue
367 passar, agora aqueles que tem um nível bem baixo de escolaridade , que tem mais
368 dificuldade de ler, de interpretar de, eu acho que esse aí já não conseguem muito
369 mesmo , aí se já não conseguiu na teórica , agora tem uns que na teórica já tem
370 essa dificuldade , fazem cinco provas teóricas e vão pra prática e tem facilidade e
371 passam de primeira , então , não sei vai também do nível de escolaridade, vai
372 também do....da cabeça de cada um, né , se se esforçam , o esforço do ser humano
373 tem que valer muito pra eles , tem uns que se esforçam muito, muito e acabam
374 conseguindo , tem uns que (tu acha que as vezes a disciplina, persistência) é isso
375 vale muito , isso ajuda muito , ajuda bastante.

376 **ENTREVISTADO 3, CFC2 Instrutor1 - 16 de agosto de 2017.**

377

378 1. Você pode descrever, assim de maneira breve, como tu quiser, como
379 acontecem as aulas teóricas?

380 Essa configuração que nós temos aqui no CFC ela é composta por turmas
381 mistas, então, no mesmo ambiente, na maioria dos módulos , nós vamos ter alunos
382 de primeira habilitação, que nós chamamos de permissionários, os alunos de
383 reciclagem que acabam sendo os condutores infratores que entram em suspensão
384 de direito de dirigir e os que estão renovando a carteira que necessitam de
385 atualização nos cursos de direção defensiva e primeiros socorros, aí a dinâmica é
386 expositiva , existe um manual , todos acabam recebendo e sendo que um cuidado
387 maior será com o pessoal de primeira habilitação e também de reciclagem que estes
388 precisam ainda realizar a prova teórica , pessoal de atualização é mais participativo ,
389 mais no sentido de aprimorar conhecimento .

390 2. Em relação a adultos maduros, que a gente considera com mais de 40
391 anos, tem alguma coisa especial ou eles trabalham junto no mesmo método?

392 Até pelo fato de serem turmas mistas , né, a gente procura fazer com que
393 haja uma troca entre as gerações , então , nós temos o pessoal totalmente
394 inexperiente , que é o pessoal da primeira habilitação confrontando ideias ,
395 conhecimentos específicos com a prática desse que tem uma idade mais avançada ,
396 então tu acaba fazendo um interação destes grupos , às vezes com divergências,
397 pontos de vista diferentes, mas acabando todo mundo indo pro mesmo caminho,
398 com entendimento que precisa mudar o trânsito em várias questões , principalmente
399 na qualificação do condutor e eles aceitam isso , assim, é bem legal.

400 3. Em relação aos objetivos da disciplina, existe a exposição dos objetivos da
401 disciplina, isso acontece?

402 Sim, antes de cada módulo a gente acaba fazendo um enfoque , módulo de
403 mecânica pra que ele serve, qual é o objetivo , embora , assim, os cursos mistos não
404 acompanham todos os módulos , então , eles ficam praticamente juntos na parte de
405 legislação de trânsito e na parte de direção defensiva e de primeiros socorros, então
406 pra cada módulo a uma exposição de enfoque , esse módulo tem o objetivo : gerar
407 conhecimento específico sobre, tal situação , seja ela de legislação, direção
408 defensiva , primeiros socorros e posteriormente o pessoal de reciclagem tem um
409 módulo diferenciado que é o relacionamento interpessoal, esse só eles assistem, daí

410 acaba sendo um espaço mais esse público aí que tu estás fazendo o estudo, aí
411 realmente só eles, as vezes aparecem jovens , nós chamamos de jovens infratores,
412 aí acaba tendo essa troca novamente, mais aí é um momento mais deles, né , mas a
413 gente diz que é aula das lamentações, risos.

414 4. Como você lida com os relatos dos alunos em relação a experiência que
415 eles já têm, os alunos novos principalmente?

416 Os alunos de primeira habilitação? A experiência deles , ela é muito baseada
417 na questão do exemplo , daqueles que conduzem e que rodeiam eles , familiares ,
418 são amigos, e muitas vezes experiências que são trazidas negativas e que eles
419 acabam abordando e isso acaba virando tema de debate , ó esse exemplo aqui que
420 o fulano trouxe , olha que interessante, a questão da resistência do uso do cinto, a
421 questão da própria alcoolemia , uso de drogas, sempre tem um caso na família , de
422 um amigo , de um conhecido , ou do envolvimento num acidente de trânsito , uma
423 morte no trânsito, essas coisas , até foi uma experiência interessante de um
424 condutor com uma idade bem mais avançada , em torno aí de uns 60 anos, que ele
425 trouxe o relato do falecimento de duas filhas , ao mesmo tempo, no mesmo acidente
426 de trânsito , houve uma comoção na turma , ele chorou , e isso acabou sendo
427 impactante criando essa , já essa doutrina, ó , infelizmente o trânsito quando é mal
428 feito ele pode matar as pessoas, essa troca é bem legal.

429 5. Como você trabalha em relação às questões pessoais da aprendizagem
430 dos alunos?

431 É, aqui, especificamente no nosso trabalho, tá, a gente consegue fazer uma
432 avaliação individual que ela é superficial , ela se baseia muito mais na participação
433 do aluno , ou seja, aquele aluno que ele é participativo ele tá se desenvolvendo ,
434 aquele aluno que a gente percebe um pouco mais de timidez , um pouco mais de de
435 restrição a gente procura se aproximar dele de uma forma que ele não seja exposto,
436 ou seja, nós temos pra cada módulo uma prova simulada do conteúdo , então qual é
437 a ideia, hoje por exemplo nós vamos trabalhar o módulo de direção defensiva um,
438 então a gente vai trabalhar a parte conceitual e já dar a iniciação as técnicas de
439 direção defensiva, isso vai ocupar toda a aula, vai ser bem fundamentada a estrutura
440 da direção defensiva , amanhã quando nós formos tratar o módulo de direção
441 defensiva 2 , antes de iniciar o módulo nós fazemos uma prova simulada sobre o
442 conteúdo abordado no dia anterior, aí se abre um espaço pra que se faça a correção
443 da prova, questões pontuais possam ser debatidas, e nessa forma a gente vai tendo

444 um controle de como está o desenvolvimento do aluno , porque realmente
445 individualmente, diferente da prática , né , que consegue avaliar bem essa questão
446 individual aqui no coletivo a gente achou essa forma, porque ela não é expositiva do
447 aluno , mas ao mesmo tempo tu consegue ter uma noção de como ele está se
448 desenvolvendo .

449 6. Como é a participação do aluno no processo, tem alguma participação do
450 aluno no processo da aula de como tu formula as aulas?

451 Na verdade sim, isso é meio que uma combinação da equipe de instrutores ,
452 sempre buscar a participação do aluno , ouvir o que ele tem a falar, o que ele pensa,
453 qual é a experiência que ele pode agregar , porque sem isso não há uma troca,
454 então o aluno ele tem liberdade , de participar , de levantar o dedo, de colocar o
455 ponto de vista dele, seja contrário ou a favor do instrutor, entre eles mesmos às
456 vezes se formula um debate, se abre sempre um espaço pra discussão , não é
457 aquela coisa de só o instrutor tá falando , assim é assim, mas por que é assim?, por
458 que não pode ser assado, claro que algumas coisas não podem ser mudadas , né,
459 mas eles perguntam , a mais por que eu tenho que usar o cinto se é uma opção
460 minha? bom, não é uma questão de opção , uma questão de regra, se é uma regra ,
461 regras precisam ser cumpridas, as vezes tem assim, um tema muito sobre a questão
462 de alcoolemia quando se tem um grupo maior de condutores mais velhos, "a mas eu
463 faço ingestão de um pouco de vinho , num jantar com minha esposa e me sinto
464 bem", mas aí a todo um debate , sobre a questão da alcoolemia , as diferenças que
465 o álcool acaba trazendo no organismo de cada um , a forma como o indivíduo lida
466 com o álcool , e aí, né , a gente vai ouvindo, mas assim, a maioria das pessoas
467 sempre acabam somando a questão da consciência , "ó gente, bebeu não dirige,
468 ponto" e mais a influência maior dos jovens , dos jovens sobre os mais antigos, é só
469 vendo, só presenciando , as vezes a discussão fica fervorosa , "calma pessoal, não
470 é por aí e tal" mas há uma troca, uma troca.

471 7. O tempo fornecido é suficiente para assimilar os assuntos ensinados, no
472 caso dos adultos mais velhos? Na primeira habilitação?

473 O nosso curso ele é talvez um dos mais extensos dos CFCs, quer dizer, ele
474 dura doze encontros de quatro horas aula cada encontro, então a gente acabou
475 fazendo uma divisão bem fechada de cada módulo e tenta fixar o desempenho do
476 módulo na abordagem do assunto, não dá pra fugir muito , né, então eu acredito que
477 sim, e quando falta algum tempo , alguma coisa, alguma dúvida ela acaba sendo

478 dirigida na própria prova, na prova simulada , porque ela é feita em cima realmente
479 do conteúdo , a gente pega cada conteúdo , ali, e pelo menos uma ou duas
480 questões vão ser trabalhadas daquilo que foi abordado , então acaba o tempo é
481 suficiente , seria melhor se houvesse mais tempo evidentemente, gostaria de um
482 curso de um mês.

483 8. Nas suas disciplinas existe com praticar o que se aprende?

484 Com certeza, a vivência, por exemplo da direção defensiva é uma prática , se
485 a gente consegue provar pro aluno , que aí existem técnicas, né, então você tem lá ,
486 eu dou um exemplo , a gente sempre brinca com as letras, né, VVDF, eles tem que
487 saber o que é VVDF, ver e ser visto, velocidade compatível , distância segura,
488 frenagem correta , esse quatro elementos por si só , se você colocar numa prática
489 veicular , dificilmente você vai se colocar numa situação de risco no trânsito , são
490 coisas básicas, aí depois você trata o CHAPA, "o que é CHAPA?" as técnicas de
491 direção defensiva mais apuradas , né, conhecimento, habilidade , atenção , previsão
492 , ação , e muitas vezes a gente procura trazer esses elementos não só na vivência
493 de trânsito , as vezes a gente faz essas relações , no ambiente de trabalho , se você
494 não tiver conhecimento, se você não tiver habilidade , se você não tiver atenção ,
495 previsão e uma ação correta tu não vai conseguir desenvolver a tua dificuldade ,
496 seja ela qual for , né, então isso facilita a compreensão e fica mais fácil de se colocar
497 no dia-a-dia , essas coisas, essas práticas, que na verdade são coisas simples , mas
498 isso que eu falo sempre pra eles, seja o cara que tem dezoito anos , seja aquele que
499 tem cinquenta, dirigir é complexo, não é difícil, é complexo, mas se nós colocarmos,
500 aplicarmos diariamente essas técnicas , colocarmos ela realmente no nosso dia-a-
501 dia cotidiano dirigir começa a ficar mais fácil , aí uma série de coisas, evitando
502 acidentes, correndo menos riscos , enfim , aquelas coisas que objetivo nosso de
503 trabalhar aqui, né,

504 9. Existe, na tua opinião, existe diferença entre ensinar jovens adultos e
505 adultos maduros?

506 Existe , o que , pelo menos no meu ponto de vista, acabam ressentindo
507 bastante é a diferença de escolaridade , então , eu tenho , por exemplo, hoje aqui,
508 no meio de uma turma de habilitação, eu tenho um aluno que ele deve tá numa faixa
509 de 48 49 anos e a gente percebe a dificuldade a questão da escrita , neste
510 desenvolvimento, digamos assim, interpretação , embora ele revelou aqui : "a eu já
511 dirigi muito tempo sem carteira" então ele tem , em tese, uma experiência prática ,

512 não se sabe se ela é correta ou não, porque como nunca foi habilitado não tem
513 como mensurar isso , mas a gente percebe a dificuldade da teoria no sentido da
514 construção , da escrita, da interpretação , isso é uma dificuldade , isso é uma grande
515 dificuldade , as vezes acontece aqui nós termos pessoas semi alfabetizadas
516 interagindo com alunos por exemplo da UFRGS que estão na academia , tendo que
517 trocar essa experiência , esse é um problema .

518 10. Se tu fosse dar um conselho pra quem quer, hoje, começar a ser um
519 instrutor teórico de trânsito, o que tu diria sobre a aprendizagem de adultos maduros,
520 se quisesse começar, como lidar com eles?

521 Primeira coisa tem que ter paciência , o instrutor ele precisa tá atendo as
522 divergências , as opiniões e precisa, se a opinião ela é muito diferente daquilo que é
523 o objetivo que se tem nas questões de trânsito ele tem que saber costurar isso com
524 o aluno , não simplesmente de uma forma radical , NÃO, não , isso não dá , é ter
525 paciência , o trânsito precisa de paciência , a construção de um aluno que é mais
526 maduro , porque ele já vem com conceitos , né, a gente vê muito na questão, por
527 exemplo, da reabilitação , que ele é um processo aonde o condutor ele teve sua
528 habilitação cassada e ele vai precisar reiniciar todo um processo de habilitação ,
529 então ele já teve todo uma construção como motorista , né , teve todo um processo
530 de ensino aprendizagem que agora ele vai ter que reinventar , algumas coisas que a
531 gente acaba comentando , o que mais reprova o aluno que tá em cassação que tá
532 em reabilitação são os seus vícios , o pé em cima da embreagem, aquelas questões
533 mais mecânicas que o examinador ele considera como infração, né, dirigir com
534 apenas uma das mãos , né , esta coisa de, por exemplo, " a , eu consigo atender um
535 telefone celular e dirigir ao mesmo tempo" porque eles já tem isso formado e tu
536 destruir isso , aí é um problema , é o desafio, né, mas sei lá , de alguma forma eu
537 vejo isso com positivo e tem dado certo , precisa dedicação do instrutor .

538 11. A formação para ser instrutor teórico, hoje precisa ter nível médio e ter o
539 curso de instrutor de trânsito, você acha isso suficiente, ou quem quer ser instrutor
540 precisa se preparar mais, ou fazer uma capacitação melhor que isso?

541 Pois a minha formação ela tá em construção ainda , eu sou acadêmico de
542 pedagogia e eu acho que sim, a gente já poderia começar a pensar na qualificação
543 em termos de formação do instrutor , não só do teórico mas do prático também,
544 porque isso envolve processos e eu não vejo , infelizmente, lá no curso de formação
545 de profissionais , eu não consigo ver esse engajamento , porque, embora o curso , é

546 mais ou menos como você formar um árbitro de futebol , você passa as regras pro
547 árbitro de futebol , mas como é que ele se desenvolver no campo de jogo , lá , só
548 deus sabe , instrutor é a mesma coisa, o instrutor pode conhecer de trás pra frente o
549 código de trânsito , mas também se ele não souber transmitir essa orientação , as
550 pessoas vão ficar olhando pra ele sem entender , então eu vejo que a gente precisa
551 tá num patamar maior , embora eu tenha visto , a um tempo atrás esforços por parte
552 do DENATRAN com uma formação continuada que foram estes cursos de
553 atualização online que todos os instrutores tiveram que fazer , ali eu vi uma luz no
554 fim do túnel mas eu acho que precisa aprimorar , eu acho que sim, de repente um
555 pré-requisito mais qualificado .

556 12. Em relação a remuneração do instrutor teórico, tu achas que está
557 apropriado? Não está apropriado?

558 Tá, eu vou abrir uma discussão aqui né, mas espero que contribua pro teu
559 trabalho , eu acredito que a profissão de instrutor, seja ela teórico ou prático , ela
560 não é considerada pela sociedade e isso pra mim é um dos maiores equívocos , se
561 compara ao professor , né, há uma questão de má remuneração , há uma questão
562 de não reconhecimento da própria profissão , não se tem uma regulamentação , se
563 for procurar não existe , né , não se tem um sindicato , nós não temos um sindicato
564 dos instrutores , então neste aspecto eu acho que a gente precisa avançar ,
565 melhorar , porque se você entender que o instrutor de trânsito ele é fundamental
566 para uma possível mudança no trânsito , porque não adianta você só ter fiscalização
567 , não adianta você ter investimento na estrutura física da vias se os usuários ,
568 principalmente os condutores, eles não são bem capacitados , por que? o instrutor
569 ele não consegue se desenvolver , hoje o piso salarial não é dos mais altos , né, a
570 todo um atrelamento aí , a questão do lucro que envolve hoje os CFCs , infelizmente
571 isso não é repassado , uma crítica assim, né , ao DETRAN , há um afastamento total
572 , afastamento total, precisa haver uma valorização , digamos, parece puxar a brasa
573 pro assado , mas , se, eu não vivo de ser instrutor , né , pra mim é uma função que
574 eu tenho a mais dentro da minha profissão principal que é outra, se eu tivesse que
575 realmente sobreviver com o salário de instrutor não sobreviveria , então acho que
576 precisa avançar isso aí , isso seria um ponto positivo , porque veja bem ,uma pessoa
577 que tem uma qualificação maior , né , como você que tá fazendo um mestrado , um
578 doutorado, você não vai querer ser um instrutor de trânsito , porque você não vai ser

579 reconhecido na remuneração , então tu vai ter todo um estudo , toda uma
580 construção pra não ser valorizado e isso também desqualifica a profissão .

581 13. Há quanto tempo o senhor dá aula aqui no CFC?

582 Há dez anos, estamos fechando dez anos.

583 14. Tem alguma coisa que o senhor gostaria de falar sobre a educação, a
584 formação de adultos maduros que o senhor não citou ainda, ou que eu não
585 perguntei?

586 Eu vou comentar contigo sobre um tema que tá me preocupando muito , que
587 já está acontecendo em outros estados, que é a o ensino a distância pra esse tipo
588 de público , eu vejo isso com muito temor , que veja bem , o ensino a distância ele
589 pode dar uma certa flexibilidade , né , não tem aquela obrigatoriedade do estar, por
590 exemplo, se deslocando até o CFC, mas ele perde com isso o componente principal,
591 que é da interação , que é da troca, que é a possibilidade da informação precisa , eu
592 acho que isso , o EAD ele não consegue, então , a minha grande preocupação , com
593 esse foco que a gente tá comentando agora, que aquela pessoa que tem um pouco
594 mais de idade , né , ela tem certas dificuldades , eu acho que isso é um tiro contra,
595 então acho que si , as autoridades , o DETRAN , DENATRAN, CONTRAN deveriam
596 rever essa questão , na opinião de quem tá no dia-a-dia com eles na sala de aula , o
597 EAD ele, pra esta questão específica eu acho que ele não contribui .

598

599 **ENTREVISTADO 4, CFC2 Instrutor2- 18 de agosto de 2017.**

600 1. O senhor poderia me descrever de maneira breve como acontecem as,
601 assim, as aulas teóricas aqui no CFC?

602 Sim, a formação se dá mediante a introdução da legislação básica de trânsito
603 , mais direção defensiva, abordagem de primeiros socorros para leigos, noções
604 sobre funcionamento do veículo, basicamente a mecânica , né , e noções sobre o
605 meio ambiente, tá , o curso é composto por 45 horas aulas teóricas, então nós
606 ministramos eles em doze dias para primeira habilitação onde então são quatro
607 horas aula diárias, horas aulas teóricas , cinquenta minutos a duração e pro curso de
608 reciclagem são trinta horas aulas com abordagem também de legislação , também
609 de direção defensiva, também primeiros socorros e aí difere no relacionamento
610 interpessoal , tanto a primeira habilitação, quanto a reciclagem faz uma avaliação
611 teórica , que é feita na sede do DETRAN , e aí nós explanamos ao longo da
612 formação da legislação a introdução , a origem do código , os órgãos normativos ,

613 executivos, então toda a composição necessária pra que um cidadão que está
614 aspirando a ser condutor entenda basicamente como funciona a legislação , as
615 regras, nós aprofundamos em penalizações , enfim, quer dizer aprofundamos no
616 sentido de dar uma ideia de como funciona , tipo, como é feito o, a conduta, digamos
617 assim, do cidadão enquanto condutor , há todo um entendimento neste sentido , o
618 que acontece caso a pessoa não venha a transgredir essas normas, essas regras ,
619 então o pessoal sai daqui ciente , né , na abordagem teórica , o foco da direção
620 defensiva é o primar pela segurança , pelo entendimento do compromisso individual
621 de cada um pra que evite se acidentes , a geração, o envolvimento , conhecimento
622 de condições diversas , domínio do veículo , o que se pode fazer sempre com o
623 intuito e com base na segurança , primeiros socorros , embasamento legal básico
624 para leigo, eu sou um leigo , eu não tenho entendimento algum em primeiros
625 socorros , como alguns respaldam, "eu não sou médico, não sou enfermeiro , o que
626 eu posso fazer", então é o entendimento do que eu devo fazer na verdade enquanto
627 a legislação expõem quanto a obrigatoriedade , né , que seria então a sinalização
628 para garantir a segurança de todos e não envolvimento de mais pessoas , o
629 identificar das lesões da vítima e passar estas informações para o socorro e a
630 importância , né , de passar estas informações sempre com a ótica de que neste
631 momento , a gente costuma passar, passando a ser os olhos da equipe de resgate ,
632 então quanto mais informações , mais detalhes a gente puder passar melhor vai ser
633 para a equipe de resgate , ter condição de formar já um quadro possível da vítima , e
634 basicamente é isso , qualquer outra situação a gente desencoraja em função de não
635 ser permitido , inclusive acabar piorando ainda mais a situação , meio ambiente os
636 cuidados com a preservação do meio ambiente no quesito ter um veículo
637 compromisso de mantê-lo em condições pra que se possa manter em bom estado
638 preservando e aí , com base na responsabilidade social , né , o individual de cada
639 um e colaborando com todos da preservação do meio ambiente , mecânica básica é
640 o entendimento, então do que eu posso e devo fazer caso eu identifique algum
641 problema , seria uma comunicação entre o veículo e o condutor , mesmo para quem
642 nunca dirigiu , acha que é só abastecer e fazer uma troca de óleo muito básica ,
643 identificação do painel , entre sistemas do veículo e , mas o módulo de primeira
644 habilitação é isso aí e pro pessoal da reciclagem é uma ênfase nisso tudo já que o
645 pessoal tem conhecimento , né, e aí a gente procura identificar o porquê aconteceu
646 a situação ao qual eles estão passando da reciclagem , nós temos ainda a relutância

647 e a indignação da maioria no primeiro momento e aí como todo e qualquer cidadão ,
648 a partir do momento que tu passa a entender melhor e compreender tu passa a dar
649 razão que a coisa tem que ser freada , né , então , quer dizer , a gente costuma
650 tratar que é o momento deles , até a pessoa se ambientar e depois, bom, realmente
651 "não dá pra ser no ritmo que eu estava levando" porque muitas pessoas que acabam
652 vindo pra cumprir o processo de reciclagem é por responsabilidade , muitos
653 argumentam "a mas o carro não é meu, não sou eu quem dirijo, foi outra pessoa"
654 "mas o carro é teu, a responsabilidade é tua" no cometimento de infrações "a mais
655 eu acho que é mal sinalizado" então pensa, essa visão inicialmente e aí depois se
656 compreende que embora e por mais que haja uma má sinalização , segundo eles
657 concluem , pode ser reivindicado de outra forma e não de forma que eu vá me
658 prejudicar , ou que eles venham a se prejudicar , basicamente, sucintamente é mais
659 ou menos esse o processo .

660 2. Em relação a formação das aulas, existe uma exposição dos objetivos da
661 disciplina para os alunos, como isso acontece?

662 Isso é colocado de forma introdutiva, né, o , justamente o questionamento , o
663 que as pessoas estão fazendo ali naquele momento , até pra que elas
664 compreendam, né , vim pra aula e tal , então a maioria adentra na recepção , "a eu
665 quero fazer a carteira quando começam as aulas prática?" é uma coisa associada
666 diretamente, e aí depois a pessoa vai compreender que tem que fazer a avaliação
667 médica , avaliação psicológica e daí vai passar , no caso da primeira habilitação , aí
668 vai passar por um processo de formação teórica e o porquê, a aí a gente começa a
669 fazer aqueles questionamentos "o que vocês estão fazendo aqui? Qual é a
670 finalidade?" e aí as pessoas começam a compreender , "bom, eu tô fazendo a
671 habilitação porque eu vou usar para o trabalho, eu preciso usar em função de filho,
672 esposo, esposa, em função de mercado , em função de alguma enfermidade na
673 família , para deslocamento mais ágil , pra lazer que seja, então a gente faz as
674 pessoas compreenderem o quão importante isso é pra vida de cada um de forma
675 individual e que este processo , que no primeiro momento parece maçante também
676 se torna necessário.

677 3. Como você trabalha as questões pessoais de aprendizagem dos alunos?

678 As questões pessoais? Como já menciona a questão pessoal , trata se de
679 forma individual , a abordagem no conteúdo é num todo , né , de forma generalizada
680 e gente acaba fazendo com que eles percebam que mesmo a abordagem

681 generalizada ela acaba se enquadrando e se encaixando , né, no seu pessoal ,
682 conforme eu coloquei anteriormente , "eu vou usar só pra trabalho, é uma
683 necessidade minha, eu usar só pra levar o filho pra e escola e buscar , mas é uma
684 necessidade minha" então quer dizer , outrora o veículo era usado , na verdade
685 tinha um entendimento que era só pra, era um luxo , isso décadas atrás na verdade ,
686 hoje é muito mais focado numa necessidade , nós temos grandes aglomerações , aí
687 então, a gente passa a perspectiva , né , quer dizer , hoje muitos já avaliam a
688 necessidade de realmente tu por veículo na rua para rodar , em que momento isso é
689 necessário , alguns já , dado a sua atividade acabam usando o veículo em situações
690 muito necessárias , mais pra viagem , mais pra lazer ou compromisso necessário e
691 normalmente numa média a longa distância porque hoje dentro dos centros urbanos
692 os aplicativos acabaram sendo muito mais viáveis , quer seja no quesito locomoção ,
693 praticidade e custo , né , então tu não tem aquele comprometimento de tu tá
694 dirigindo , tu pode fazer outras atividades , se for o caso, no deslocamento , se for
695 uma situação de compromissos, por exemplo, tu passa a não ter o compromisso de
696 ter que estacionar em algum lugar ou ter um custo a mais com estacionamento , né,
697 e pessoas, hoje nós temos esta realidade mencionada em aula de muitas pessoas
698 que optaram em realmente ter habilitação ou ter que renovar a habilitação ou manter
699 a habilitação em função de uma necessidade pra lazer , período de férias , o pessoal
700 viaja e faz questão de dirigir , muitos hoje não tem um veículo e alugam , mesmo pra
701 lazer, pra viagens ,então hoje nós temos esta ótica, bem , ainda não bem dividida ,
702 mas nós temos um percentual já considerável , isso já ocorre com a faixa etária bem
703 jovem , muitos já são bem desligados do quesito dirigir , né, décadas atrás , quando
704 se completava dezoito anos era uma euforia em fazer habilitação , em ter um carro ,
705 em dirigir , hoje pra muitos não mais, pra que a pessoa vai querer um compromisso
706 de adquirir um veículo , pagar por ele , manter ele , então um custo bem
707 considerável anualmente , essa questão de locomoção , deslocamento , custo ,
708 estacionamento, a guarda, então é muito mais custoso do que realmente , muitas
709 vezes, usar um aplicativo, então tem esse , essas óticas, a serem analisadas .

710 4. Como é a participação do aluno no processo de ensino e aprendizagem?

711 Nós costumamos fazer a participação de uma forma de interação , com que
712 sempre que possível todos colaborem , com a sua opinião , com, muitas das vezes
713 são em situações de debate pra que não fique naquela monotonia de simplesmente
714 abordagem técnica e teórica realmente acaba sendo muito maçante , então

715 realmente a gente procura fazer com que as pessoas tenham o entendimento e isso
716 a partir do momento em que elas , é um pedestre , a gente fala muito a questão, tipo
717 "vocês não dirigem ainda, vocês tem condições de analisar o trânsito? tipo tem
718 condições de perceber quando a pessoa faz uma coisa de errado no trânsito ,
719 motorista , quando passa no sinal amarelo, não sinaliza", enfim, as pessoas
720 logicamente argumentam que "sim" , tem como , né , então elas começam a
721 compreender que são usuários do trânsito , da via, não só enquanto motoristas
722 conduzindo o veículo , então é onde começa a acender toda aquela esfera de
723 usuário realmente, não mais só motorista, eu vou dirigir eu sou usuário , quer dizer,
724 passa se a fazer um entendimento que o compromisso a partir do momento que tu é
725 pedestre realmente, teu compromisso , o teu dever como pedestre , porque ainda
726 nós temos aquela , em muitos nós temos a cultura de que eu tenho direito , eu sou
727 pedestre o motorista tem que parar porque o direito é meu de atravessar sobre a
728 faixa mas esquece que eu tenho que ter o dever , o compromisso enquanto pedestre
729 de ter certeza que é seguro pra mim e também pra ele .

730 5. O tempo fornecido é suficiente para assimilar os assuntos assimilados?

731 Sim, aí nós temos aquele quesito de ritmo de aprendizado de cada um , né,
732 mas a carga horária estipulada como mínima pelo DETRAN, por órgãos normativos ,
733 sim ela é viável , né, então, no quesito ritmo de aprendizado pra alguns é mais que
734 suficiente , pra outros é meio justo , pra outros talvez poderia ser prolongado um
735 pouco mais , mas aí entra realmente no quesito individual, ritmo de aprendizado ,
736 mas sim normalmente é possível sim, até porque nós costumamos trabalhar com
737 exercícios de fixação , enfim, da tempo .

738 6. Na sua disciplina, ou nas suas disciplinas existe como praticar e aplicar o
739 que se aprende?

740 Existe? desculpa. (Existe como aplicar, praticar e aplicar o que se ensina, o
741 que se aprende? (hummmmm, pensativo) Olha , eu particularmente costumo expor
742 de n formas , seja com o material didático , seja com manual, seja com abordagens
743 técnicas , eu procuro muito trazer exemplos individuais onde todos possam participar
744 , porque daí ele começam a entender que a linguagem ela é mais simples , né , é
745 todo aquele entendimento que tu observa enquanto cidadão no trânsito e gente
746 costuma usar muito vídeos também pra complementar isso , então a pessoa entende
747 de uma forma ou de outra , na participação , na abordagem técnica e também em
748 vídeos que compravam essas situações .

749 7. Existe diferença entre ensinar adultos jovens e adultos maduros? Adultos
750 maduros são os com mais de 40 anos.

751 (haummmm, pensativo) Existe, existe normalmente nós até expomos isso
752 haaa, de forma a ser melhor compreendida , porque, por exemplo, o adulto maduro ,
753 que tu mencionaste , ele normalmente ele é um pouco mais relutante, por exemplo,
754 nós temos um bom número de pessoas que faz a habilitação a partir dos 30 , 30 e
755 alguma coisa , até mesmo 40 e alguma coisa, 40 e poucos anos de idade e muitos
756 são receosos e , mas, isso tem a ver com a experiência de vida , né, então , é
757 aquele receio, por ter experiência , por saber o que pode vir a acontecer , por já ter
758 uma maturidade em relação aos riscos , já o mais jovem normalmente não avalia
759 tanto estes riscos que, heee, faz parte , digamos assim, da faixa etária , né,
760 dadadada, da vida, dadada do ser humano , não avaliar estes riscos no primeiro
761 momento.

762 8. Como você lida com os relatos dos alunos em relação a sua experiência,
763 no caso destes com mais de 40 anos?

764 Sempre de forma positiva , sempre de forma positiva e procurando encaixar
765 no contexto generalizado do trânsito , né , há tempo das pessoas, a gente ouve que
766 a pessoa não vai ter condições de dirigir porque é muito receosa , porque não vai ter
767 coragem de fazer isso ou aquilo e automaticamente a gente vai procurando trabalhar
768 já , de certa forma o psicológico da pessoa , que ser no ritmo dela e até mesmo a
769 compreensão , tem realmente , ainda até hoje tem muita pessoas que não tiveram
770 condições de dirigir um veículo , ter uma noção como funciona , então é tudo muito
771 novo , no primeiro momento parece um aprendizado , num segundo momento, e é o
772 que a gente tem começado a trabalhar , é um conjunto de aprendizado de uma coisa
773 nova , entendimento , assimilação e o pôr em prática , o pôr em prática já entra na
774 parte de coordenação e ao mesmo tempo entra o emocional que é o momento que a
775 pessoa começa a perceber que ela não tá rendendo tanto quanto ela achou que
776 renderia e aí , mas hoje na medida é possível a gente procura fazer com que as
777 pessoas comecem a entender isso que vai ser normal , tem que se dado tempo pra
778 que se possa compreender e muitas pessoas se sentem frustradas , acabam ,
779 muitas vezes até mesmo desistindo , porque , como eu disse anteriormente ,
780 acabam não rendendo como achavam que renderiam , ou até mesmo por analisar
781 que não é tão fácil quanto imaginaram anteriormente.

782 9. Se você fosse dar algum tipo de conselho a alguém que quer começar
783 agora a ser um instrutor de trânsito teórico, o que você diria em relação a formação
784 de adultos maduros, o que precisa para ser um bom instrutor para adultos maduros?

785 Bom, eu vejo com a ótica de que é necessário adaptação do profissional a
786 cada tipo de pessoa , né, isso mais do que nunca de forma individual , que seria na
787 parte prática , onde tu vai lidar com uma pessoa diferente a cada aula , então , por
788 exemplo, uma hora aula prática tem a duração de 50 minutos ,então tu vai ter que
789 passar pro aluno o que vai ser feito durante a aula para que ela já entenda e até
790 mesmo assimile , compreenda o que ele vai fazer , não seja uma surpresa , ao longo
791 do que foi colocado do que vai ser feito e desenvolvido que ele tenha essa liberdade
792 de questionar, de perguntar ,né , porque ele não tá conseguindo por em prática o
793 que parecia tão fácil ,né, aí se sendo feito ajustes e aí entra novamente aquela
794 questão de ritmo de aprendizado individual , ele tem que entender que de repente
795 ele rendeu rapidinho porque ele tem um bom aprendizado , tem um bom ritmo de
796 aprendizado , tem outros que não tendem tanto , levam mais tempo pra entender
797 uma coisa simples , mas a pessoa tem que entender , "a mais o que tu explicou
798 várias vezes, é isso" e aí a pessoa "sim" , quer dizer, é o tempo dela pra entender
799 pra que fique claro pra ela e fique natural , se torne natural e não sempre
800 simplesmente uma situação "eu te expliquei agora tem que fazer e tem que ser
801 assim" então, muitas vezes tu explica duas , três , cinco , dez vezes , se não tá , a
802 pessoa não está entendendo daquela forma que tu tá explicando várias vezes,
803 significa que provavelmente tem mudar da didática , né, então a gente costuma até
804 mesmo, eu particularmente , né , menciono inclusive que se houver dúvida ,por mais
805 boba que pareça o questionamento, a dúvida, tem que ser exposta , de repente eu
806 também não estou entendendo alguma coisa e essa comunicação vai ajudar em
807 muito pra , pra , pra que eu mesmo posso identificar uma outra didática , uma outra
808 forma de explicação , o desenhar , ou eu demonstrar em algum momento a pessoa
809 vai perceber , ela vai ter que perceber isso .

810 10. Em relação a formação do instrutor teórico, hoje é preciso ter ensino
811 médio e o curso de formação de instrutores, você acha isso suficiente para lidar com
812 a complexidade, ou a dinâmica, de ser um instrutor de trânsito? (Entrevistado respira
813 fundo, e fica pensativo). Precisa uma formação complementar?

814 Digamos que seria interessante, mas a formação em si , eu ainda vejo de
815 certa forma como compromisso individual, tu tem que entender como que essa

816 atividade ela se torna um compromisso e não um simplesmente dar uma aula , é
817 fazer com que a pessoa entenda o que tu quer passar ou que a pessoa de repente
818 se redescubra , né , ela com ela mesma a partir do momento que ela tem esse
819 entendimento e passe a fazer alguma coisa ou executar alguma coisa que no
820 primeiro momento ela não tinha entendimento , ou achava até mesmo remotamente
821 possível , isso tem a ver no meu ponto de vista com o compromisso, é aquela parte
822 da dedicação que tu te molda ao aluno naquela situação ou tu vê uma forma
823 diferente pra explicar a mesma coisa que tu explicou pra um outro , neste momento,
824 esta pessoa entenda, então é o adaptar do profissional ao aluno , então é , isso não
825 tem um padrão , né, basicamente como criar um filho onde tu tem dois , três filhos ,
826 "mas eu criei do mesmo jeito" , não , não criou do mesmo jeito , né, e ao mesmo
827 tempo não tem uma fórmula mágica , não tem um manual , é tu que vai adaptando
828 conforme o rendimento de cada um , conforme a compreensão de cada um, isso é
829 muito interessante , mas exige muito compromisso individual, de cada um, isso é
830 complicado, isso realmente a pessoa , o profissional, ou ele tem, ou ele passa a
831 adquirir ou ele não tem, isso é, seria necessário sim um complemento a mais, mas
832 não sei te colocar ou te precisar no momento qual seria a melhor forma .

833 11. Em relação a remuneração, em níveis gerais, assim, do quanto o instrutor
834 recebe, o instrutor teórico, tu achas que em geral é satisfatório? Ou não é suficiente
835 pela complexidade, pelo trabalho?

836 Bom, eu fiz o meu curso de atualização no início de 2014, eu trabalho desde
837 2004 como instrutor , eu particularmente tive a oportunidade de trabalhar como
838 instrutor prático na categoria A, inicialmente, depois a medida que eu fui
839 desempenhando meu papel , fui mostrando compromisso com a empresa almejava,
840 digamos assim, eu fui tendo oportunidades, então, por exemplo o curso teórico para
841 primeira habilitação , depois fui sendo preparado para o curso de reciclagem , pro
842 curso de atualização , renovação da habilitação, depois eu fiz o curso especiais,
843 neste meio tempo e ao longo destes anos além de prática da categoria A entrou a
844 prática da categoria B , eu fiz mudança de categoria , então fui tendo todas as óticas
845 , então eu já tive a sensação de ser avaliado , como é o que o pessoal acaba
846 comentando, né, que é complicado, então , já passei por esta experiência, fazer aula
847 prática pra mudar de categoria D , quando eu fiz, e aí, esta questão de preparo
848 , (de remuneração) , é justamente de preparo pra tu ministrar as aulas e com
849 embasamento financeiro , do termo satisfatório, do ponto de vista satisfatório a

850 grande maioria vai dizer que não é o suficiente , então quando eu fiz o curso de
851 atualização uma das primeiras perguntas colocadas pelo instrutor foi o que poderia
852 melhorar , o que estava faltando e a grande maioria caiu de pau nesta questão
853 remuneração , como toda atividade profissional existe um base , né , então ele
854 colocou uma situação bem interessante , né, ele não era da área de trânsito, ele já
855 deixou bem claro , ele disse, olha, eu não tenho entendimento de trânsito, não sou
856 da área de trânsito e aí ele foi bem sucinto e eu achei interessante, eu achei
857 colaborador, ele colocou, olha, se alguém não está satisfeito tem opção de rumar
858 para outra área, faz um outro curso, se prepara para uma outra área e muda de
859 área, de repente esse é o momento de tu fazer uma análise crítica e direta contigo
860 mesmo, vale a pena? Eu gosto, eu não gosto? De repente essa é a hora de mudar ,
861 te impulsiona, eu achei bem interessante como uma espécie de divisor de águas, no
862 sentido de que , como eu coloquei anteriormente, compromisso, tu gosta do que tu
863 faz , mas tu sabe que não vai render mais do que aquilo , então tu permanece ou
864 muda de área, "a mais eu gosto" então permanece, "a mais não rende" então muda
865 de área , ou uma área que tu acha que vai ser mais rentável, enfim, porque tu vai
866 sentir , vai ficar, vai te sentir insatisfeito com a questão salarial , mas tu gosta do que
867 tu faz e ao mesmo tempo tu gostaria de ganhar mais , e tem um, algumas pessoas
868 não se sentem tão satisfeitas em fazer o que fazem, então achei bem interessante
869 essa colocação, e é como tudo, né, tu tem que te identificar com que tu faz , tu tem
870 que gostar do que tu faz , não digo nem sentir prazer, mas tu tem que gostar do que
871 tu faz , é o que vai te dar motivação pra ti seguir pra adiante , pra ti ir atrás de novas
872 ferramentas , enfim, mas sabendo que financeiramente vai ser sempre aquilo ali,
873 então é, eu tenho um entender que é isso ou isso , né, porque muitos colocam
874 esta questão salarial, se tu for analisar pra um professor nos dias de hoje é muito
875 mais doação do que retorno financeiro e todo mundo reclama e nós temos
876 professores , reduziu bastante , talvez a qualificação , a motivação de certo forma
877 não seja mais a mesma , mas os que estão lecionando é porque ainda sentem,
878 percebem o sentido naquilo que fazem , sentem prazer, prazer não, sentem , se
879 sentem satisfeitos no que fazem , né, na forma que fazem , é a parte que complica,
880 do financeiro com o gostar , e aí tu tem que unir o útil ao agradável , ou tu fazer
881 porque tu gosta de realmente.

882 12. Tem mais alguma coisa para colocar em relação a formação de adultos
883 maduros ou tem alguma coisa a relatar que eu não tenha perguntado?

884 Tem, um pequeno complemento , por exemplo, a gente vivencia muito a
885 questão da mudança do teórico pra prática , muitos interessados em uma dica , em
886 uma referência de um instrutor que seja bem calmo , seja bem paciente , e aí lógico ,
887 a gente menciona , olha, todos tem a mesma formação , todos são calmos , todos
888 são pacientes , né , pra deixar a pessoa mais tranquila , existem didáticas e didáticas
889 de ensino , né, então , tu não pode apontar, bom, "aquele lé melhor porque ele
890 passa todo mundo" , não tem um fórmula mágica , então com alguns funcionam com
891 outros não , então tu não pode dizer "olha , faz com fulano , que o fulano, "aquele lá
892 é bom, ninguém roda com ele" não é uma afirmação verdadeira , então , a gente
893 costuma passar , olha , existe um padrão , todos tem a mesma formação , todos são
894 pacientes , todos são calmos, né, e a pessoa então já vai, já dá uma relaxada neste
895 sentido e depois ela vai , vai se adaptando a pessoa então até mesmo se ela sente
896 algum conflito , não se sente bem , não se sente a vontade , sempre deixa ela a
897 vontade para que ela escolha um outro profissional se for o caso , mas é uma
898 preocupação da grande maioria que vem procurar o aprendizado , é alguém
899 paciente , alguém calmo , provavelmente porque já tenha tido uma experiência em
900 casa, né , em algum momento , ou realmente ela tem receio de se frustrar , ou até
901 mesmo decepcionar o instrutor dela não rendendo tanto quanto ela deveria que é a
902 parte, então, didática que nós trabalhamos , olha, "a mas errei de novo " tu procura
903 deixar a vontade , ó "tu vai errar muitas vezes ao longo das aulas" "a mas eu não
904 gostaria" ninguém gosta , é a parte da frustração que é difícil a pessoa aprender a
905 lidar , né, pra alguns é bom "errei, no que eu errei" e tal coisa, tá então tem que
906 cuidar aquela situação exatamente, então, aí se progride , enquanto outros se
907 apegam sempre no erro , "errei , errei " e não se concentram dali pra frente , não
908 esquecem aquele erro, eles somam os erros e a frustração cada vez aumenta mais ,
909 tanto que alguns acabam desistindo , infelizmente por este motivo , não é por não ter
910 condições , é porque se sentem muitas vezes envergonhados de não estar
911 rendendo como deveriam render , ou como gostariam, na verdade , de render . é
912 isso.

913

914

915

916

ENTREVISTADO 5, CFC2 diretora – 22 de agosto de 2017.

917

918 1.Você pode descrever como é que funcionam as aulas teóricas aqui no
919 CFC? De maneira resumida.

920 Sim, na verdade é feito todo um procedimento, seria específico a primeira ou
921 a reciclagem? (De preferência a primeira), a primeira habilitação, tá então , na
922 verdade o aluno vem faz uma inscrição , mediante esse procedimento da inscrição é
923 feito as etapas , as primeira etapas, médico , psico , enfim , e dependendo da
924 avaliação do resultado ele começa o curso teórico , aí 45 horas , nós temos dois
925 turnos aqui, turno da manhã das 08:30 até o meio dia e o da noite das 18:30 até as
926 22 horas , resumidamente, (aulas expositivas?) Isto?

927 2. Em relação as aulas expositivas teóricas, você trabalha com os instrutores
928 teóricos, você é diretora de ensino, existe alguma exposição dos objetivos da
929 disciplina para os alunos? Como isto acontece?

930 É tu diz conforme os módulos que são apresentados em aula? Na verdade a
931 gente tem um projeto, né, é feito o projeto do curso teórico e ali a gente trabalha em
932 treze módulo que é a primeira habilitação, então conforme o módulo, legislação,
933 direção defensiva, meio ambiente, é tudo processado perante esses módulos em
934 quatro horas é isto? .

935 3. Em relação aos adultos maduros, com mais de 40 anos, eles têm bastante
936 participação na aula com as suas experiências, você sabe como os instrutores lidam
937 com a utilização da experiência que eles trazem para a sala de aula? Você sabe, ou
938 conhece?

939 O que eles, normalmente quando a gente faz as reuniões periódicas do CFC,
940 o que acontece, os guris utilizam os alunos com idades acima de 40, enfim, como
941 modelos nas aulas e aí, principalmente pro pessoal da primeira reciclagem , então
942 eles acabam usando os alunos pra dar exemplos pros da primeira habilitação que a
943 gente acaba tendo a turma mista e , mas, (..Pausa : vou volta ali, é bem específico
944 porque agora até eu me atrapalhei , tu quer saber se a gente usa eles de modelo pra
945 aula? Entrevistador : Como o pessoal na aula usa a experiência dele, porque a
946 pessoa que tem mais de 40 anos , ela viveu mais : Entrevistada "a tá a vivência, viu
947 como eu fico vermelha" , continuando com o pessoal da reciclagem , principalmente
948 os alunos de reciclagem , então , eles trazem muitas vivências , as experiências pros
949 alunos da primeira habilitação e isso é abordado em aula conforme a apresentação
950 dos módulos , direção defensiva, legislação , e aí o instrutor acaba usando a
951 experiência desses mais antigos pros mais novos.

952 4. Em relação a questão das necessidades pessoais de aprendizagem, o CFC
953 ou os instrutores eles lidam de alguma maneira diferente com as questões especiais
954 dos alunos?

955 Eu não fico muito presente em sala, na verdade eles não me passam muitas a
956 não ser nas reuniões periódicas, mas eu acredito que sim.

957 5. Como é a participação do aluno no processo da definição das aulas, vocês
958 quando criam a grade, quando falam das questões das matérias, as disciplinas que
959 são dadas, existe alguma participação do aluno neste processo, ou não?

960 Tu diz se é repassado pra eles as, (é no processo, quando tu diz mais ou
961 menos os objetivos, quando o instrutor fala dos objetivos daquela disciplina,
962 digamos, essa disciplina tem como objetivo, tal, tal coisa, existe alguma participação
963 no processo do aluno ou isso não acontece?) Sim, acontece (sabe me dizer de que
964 maneira?) Então, (não tem resposta certa e resposta errada, é só o que tu acha) o
965 que tu diz da grade, das etapas do curso? (Não do processo, assim, dos objetivos,
966 do processo mesmo da aula) é que ele vai , em tese, isso depois é repassado pra
967 ele fazer a prova teórica , certo, então eu acredito que , o que o instrutor ensinou
968 aqui em aula , é o que ele vai demonstrar no resultado da prova , acredito que seja
969 neste meio.

970 6. Você acha que o tempo fornecido é o suficiente para assimilar os assuntos
971 ensinados?

972 Eu acho que a carga horária é muito pouca para um aluno de primeira
973 habilitação , principalmente, porque é , a primeira habilitação nós pegamos aqueles
974 alunos de dezoito , iniciante, alunos iniciantes, então eles têm uma maturidade
975 diferente da que o instrutor já tá passando em sala de aula , então eu, ao meu ver ,
976 eu acho que deveria ser mais extenso a carga horária teórica , eu acho que em 45
977 horas , é , claro a gente tá dentro da legislação do DETRAN , são 45 horas exigidas,
978 mas eu acho que ainda é insuficiente.

979 7. Nas disciplinas teóricas em algum momento, tu tem conhecimento de que
980 em algum momento aplicar e praticar o que se aprende na sala de aula?

981 Isso vai dá, como é que eu vou te explicar, eu acho que em todos os
982 conteúdos sim, mas vai depender do desempenho de cada instrutor em levar isso,
983 essa conscientização pro aluno, posso citar? Tem uma aula em que o instrutor ele
984 faz uma dinâmica bem diferente, ele leva os alunos até a rua , né , na parte das
985 penalidades e faz o aluno tem consciência do que tem de errado ou não , na rua , eu

986 acredito que sim, mas isso vai depender muito da característica do instrutor para
987 com o aluno , né .

988 8. Existe diferença entre ensinar adultos jovens e adultos maduros?

989 Há sim, naquela questão da maturidade , eu acredito que sim , acho que o
990 aluno de primeira habilitação quando ele entra em sala de aula ele tá loco pra ir pra
991 aula prática , ele não tem muita , não faz muita questão da parte teórica , a gente vê
992 muito isso, "eu tô loca pra terminar a aula teórica quero ir pra prática" e o aluno com
993 idade a mais , ele tem mais consciência que ele precisa aprender aquela etapa pra
994 depois concluir a parte prática, o aluno de primeira habilitação mais novo não tem
995 muito essa ideia.

996 9. Que conselho tu daria para uma pessoa que quer ser um instrutor de
997 trânsito teórico pra trabalhar com pessoas com mais de 40 anos? Que tu diria de
998 conselho? Quais seriam as características ou habilidades que a pessoa precisa ter
999 para trabalhar com estas pessoas?

1000 Primeiro de tudo disciplina e daí decorrente a isso ele vai evoluindo , né,
1001 porque na verdade pra ti ser instrutor tu tem que gostar também , e não é , a gente
1002 vê muitos aí , a gente tem algumas complicações com os alunos , normalmente os
1003 meninos gostam mais de dar aula pros mais novos do que pessoas mais velhas ,
1004 mas eu volto na disciplina , eu acho que a pessoa tem que gostar , tem que ter
1005 determinação , tem que saber ensinar e não só ensinar o aluno a tirar carteira , mas
1006 ensinar ele realmente a dirigir , a enfim.

1007 10. Hoje a formação necessária para ser um instrutor teórico de trânsito é
1008 nível médio e o curso de instrutor, você acha que esta formação para os desafios da
1009 sala de aula ela é suficiente?

1010 Não, eu acho muito incompleto, é a minha opinião, eu não sei, eu acho que
1011 falta um pouco mais de, um complemento a mais pros instrutores, pra quem tá se
1012 formando, né, e é exatamente nesta questão que é o gostar de fazer, não o
1013 simplesmente eu vou lá porque eu vou ganhar um pouco a mais, porque , não, tu
1014 tem que gostar do que tu faz .

1015 11. Em relação a remuneração dos instrutores teóricos, em geral, você acha
1016 que ela é suficiente, insuficiente, em relação ao trabalho de instrutor teórico?

1017 Eu acredito que a remuneração deveria ser um pouco acima do que é pago
1018 hoje, eles tem todo um planejamento, enfim, e as vezes é tão diminuído, sabe a
1019 classe deles, eu acho que poderia ser um pouco mais, um pouquinho mais, não

1020 muito, né, porque tá dentro dos padrões, do sindicato , enfim, mas eu acho que
1021 poderia ser um pouco mais valorizado com certeza.

1022 12. Tem alguma coisa ou questão, alguma pergunta que eu não tenha feito
1023 que você gostaria de falar sobre a formação teórica dos alunos com mais de 40
1024 anos?

1025 Não.

1026

1027

1028

1029

1030

1031

1032

1033

1034

1035

1036

1037

1038

1039

1040

1041

1042

1043

1044

1045

1046

1047

1048

1049

1050

1051

1052

1053



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br